



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Os Generais*

AUTORIA: *Simon Scarrow*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência

Título original The Generals © 2007 Simon Scarrow. Publicado originalmente em Inglaterra por Headline Publishing Group, 2007

TRADUÇÃO: *Ana Biscaia*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Tipografia Guerra - Viseu*

1ª EDIÇÃO: *Novembro, 2009*

ISBN: 978-989-637-161-6

DEPÓSITO LEGAL: 300090/09

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

A tradutora agradece o auxílio do Coronel de Artilharia Nuno J. V. Rubim no esclarecimento pontual de alguns termos militares.

OS GENERAIS

SIMON SCARROW



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Para Pat e Mick
Obrigado pelas boas cavaqueiras
que fomos tendo ao longo dos anos.*

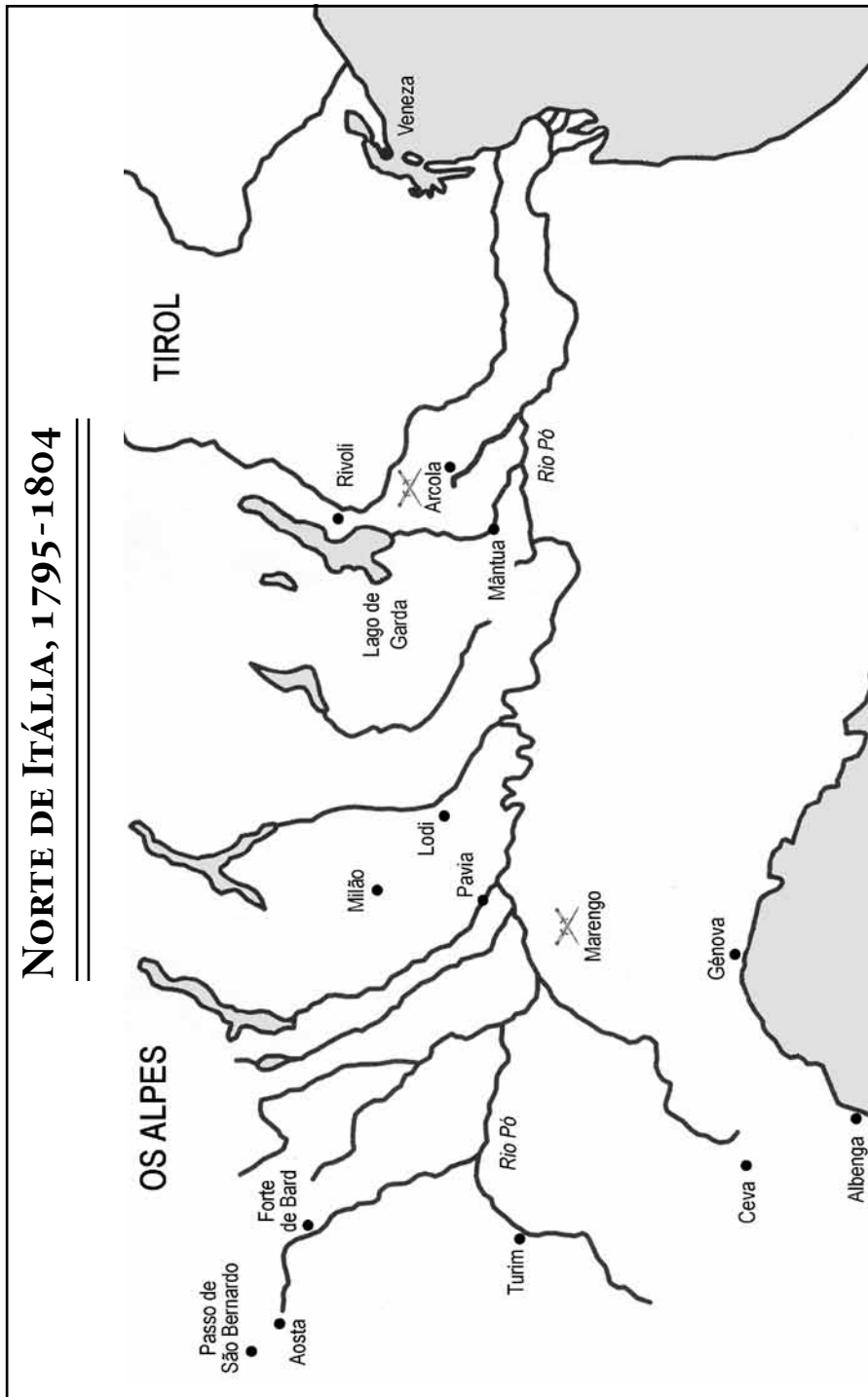
EGIPTO E SÍRIA, 1799



TERRITÓRIOS E CIDADES PRINCIPAIS DA ÍNDIA, 1795-1804



NORTE DE ITÁLIA, 1795-1804



CAPÍTULO 1

Napoleão

Paris, 1795

Era um dia quente no início de Agosto e o calor escaldava os telhados de Paris como um cobertor, saturando a atmosfera parada dos odores da cidade: a esgoto, fumo e suor. No seu gabinete de esquina no Palácio das Tulherias, Lazare Carnot estava sentado a uma secretária ampla, coberta de pilhas de papéis distribuídos por tabuleiros classificados. Os seus subordinados já tinham separado o conteúdo prioritário de cada tabuleiro, para que o Cidadão Carnot — como se intitulava a si próprio — pudesse despachar os documentos mais urgentes, que diziam respeito ao combate dos exércitos franceses em defesa da República nascente. Desde que o Rei Luís fora executado, os inimigos da França viam-na como uma monstruosa aberração. Por toda a Europa, monarcas e aristocratas não descansariam enquanto a revolução não fosse impiedosamente esmagada e o trono restituído aos Bourbon. A guerra rebentava por todo o continente e exércitos grandiosos colidiam sob os estandartes da Áustria e as bandeiras tricolores da França. Cabia a Carnot assegurar a organização e provisões necessárias para que os seus compatriotas alcançassem as vitórias de que dependia a sobrevivência dos ideais da revolução.

Os exércitos exigiam sempre mais recrutas, uniformes, botas, pólvora, mosquetes, canhões, remontas para a cavalaria e todas essas minudências do equipamento militar que eram indispensáveis para um exército marchar e combater. Carnot tinha de lidar diariamente com os pedidos urgentes dos generais, fazendo o melhor que podia para suprir as suas necessidades, dentro do limite dos recursos disponíveis. Havia escassez de tudo o que os exércitos solicitavam e, principalmente, de dinheiro. Os cofres públicos estavam quase vazios e a Assembleia Nacional vira-se obrigada a emitir papel-moeda — os assinados — cuja troca aberta por uma fracção do seu valor nominal já era prática corrente. A ideia levou um sorriso amargo aos lábios de Carnot, enquanto rubricava uma requisição de uniformes de artilharia a uma fábrica têxtil de Lyon. Pelo menos, não custava nada ao governo imprimir mais assinados para pagar os uniformes. Se o dono da fábrica perdesse alguma coisa com a venda, o problema era dele. Carnot pegou na pena, mergulhou-a no tinteiro e

assinou com um floreado caligráfico: *Cidadão Carnot, em nome do Comité de Segurança Pública.*

Um nome irónico para um comité, reflectiu, uma vez que os seus membros tinham sido responsáveis pela morte de milhares de concidadãos, em prol dos princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. O comité reprimia sem piedade qualquer sinal de dissidência no interior da França, ao mesmo tempo que dirigia a guerra contra os seus inimigos externos. Todavia, o ingresso no mesmo não era isento de perigos, como tinham descoberto Robespierre e os seus ferrenhos seguidores jacobinos, pagando com a própria vida. Carnot suspirou, deixando cair a requisição dentro do tabuleiro externo.

A menos que os acasos da guerra ganhassem um novo rumo e a situação política da França estabilizasse, a revolução fracassaria, e tudo o que tinha sido — e ainda poderia vir a ser — ganho em benefício do povo estaria perdido. A retaliação dos monárquicos, da aristocracia e da Igreja seria ainda mais devastadora do que os piores excessos dos primeiros anos da revolução.

Carnot recostou-se na cadeira e puxou bruscamente o colarinho da camisa. O calor provocara-lhe um formigueiro na pele e um fio de transpiração corria-lhe pela ilharga. Embora usasse um casaco escuro por cima da camisa, despi-lo estava fora de questão. Era um soldado da velha guarda e o desconforto sempre fizera parte do ofício.

Uma leve pancada na porta desconcentrou-o e, ao responder, endireitou-se rigidamente:

— Sim?

A porta abriu-se. Através da frincha, Carnot vislumbrou o extremo oposto do gabinete, ainda mais espaçoso, que existia do outro lado. Os seus subordinados trabalhavam sentados em bancos, às secretárias, distribuindo-se por filas cuidadosamente alinhadas. O secretário de Carnot era um homem magro, de cabelo grisalho cortado rente, que trabalhava no Ministério da Guerra desde que concluíra os estudos e ainda servia os seus novos patrões com a deferência que o antigo regime lhe ensinara. Assim que entrou no gabinete de Carnot, curvou-se numa vénia.

— *Sir*, chegou o brigadeiro Bonaparte.

— Bonaparte? — Carnot franziu o sobrolho. — Tinha uma hora marcada?

— Assim o disse, cidadão.

— Não me diga!

Carnot deixou escapar um sorriso. Embora não conhecesse pessoalmente o jovem brigadeiro, trocara com ele uma assídua e volumosa correspondência, desde que Napoleão Bonaparte assumira a liderança da artilha-

ria às portas de Toulon, quase dois anos antes. A excelência do brigadeiro sobressaía nos planos de operações que estabelecera para o Exército dos Alpes e para o Exército de Itália. Assim como a impaciência e a teimosia com que insistia em fazer as coisas à sua maneira. Por momentos, Carnot sentiu-se tentado a fazer esperar o oficial. Afinal, o seu tempo era precioso e Bonaparte não marcara a entrevista através dos canais apropriados. Talvez devesse relembrar àquele jovem presumido qual era o seu lugar na ordem das coisas, meditou. Mas acabou por ceder, em parte pelo desejo de ver se o indivíduo correspondia à imagem mental que construía a partir da sua abundante correspondência.

— Muito bem. — Encolheu os ombros. — Mande entrar o brigadeiro, por favor.

— Sim, cidadão — replicou o secretário e, à saída, tornou a curvar-se numa vénia automática, fechando a porta sem ruído. Carnot ainda teve tempo de ler na diagonal uma outra requisição e já estava a escrever à pressa a sua assinatura quando ouviu a porta abrir-se de novo e o som das botas no soalho, fazendo-o ranger.

O secretário tossiu.

— Brigadeiro Bonaparte, senhor.

— Muito bem — replicou Carnot, sem levantar os olhos. — Pode deixar-nos.

Quando a porta se fechou, Carnot releu, com um aceno de satisfação, o documento que acabara de assinar e, estendendo a mão por cima da secretária, colocou-o dentro do tabuleiro externo. Depois, olhou para cima.

Do outro lado da secretária, estava uma figura delicada, baixa e franzina, com cabelos escuros que caíam sobre o colarinho. A franja fora cortada sobriamente, no cimo da testa pálida, em linha recta. Os olhos cinzentos brilhavam e corriam o escritório de uma ponta à outra, como que absorvendo cada pormenor, até se fixarem em Carnot. O nariz do jovem oficial era fino e elegante e os lábios, suspensos num ténue amuo, abriram-se num sorriso espontâneo, que rapidamente se desvaneceu numa expressão de forçada impassibilidade quando, endireitando-se, se pôs em sentido.

Carnot fitou o brigadeiro, lastimando o facto de tantos jovens terem alcançado uma tão rápida ascensão na hierarquia em apenas alguns anos. Muitos oficiais tinham fugido do país durante a revolução, e Robespierre ainda depurara o exército daqueles que haviam permanecido. Inevitavelmente, instalara-se uma escassez de oficiais e impingiam-se promoções a qualquer homem que exibisse alguma coragem bruta ou o mais leve indício de um cérebro militar competente. O brigadeiro Bonaparte era um dos poucos que reunia ambas as qualidades.

— Bem-vindo, Bonaparte. Já há algum tempo que queria conhecê-lo.

— Obrigado, cidadão.

Era uma voz suave, agradável ao ouvido, e Carnot descontraiu o rosto num sorriso.

— Não esperava vê-lo em Paris tão cedo. Há quanto tempo está aqui?

— Chegámos a noite passada, cidadão.

— Chegámos?

— Eu e os meus oficiais de estado-maior. O capitão Marmont e o tenente Junot.

— Estou a ver. E encontraram um alojamento confortável?

O brigadeiro inclinou a cabeça para o lado e encolheu os ombros.

— Aluguei uns quartos num hotel, no Quartier Latin. É um sítio vulgar, mas possui o conforto mínimo. Talvez encontre algo mais apropriado

— Bonaparte fez uma pausa, para dar ênfase às palavras que se seguiam — assim que voltarem a pagar-me o soldo na totalidade, cidadão.

Carnot agitou-se na cadeira, recordando as circunstâncias que tinham levado ao corte no soldo do brigadeiro. Bonaparte era um protegido dos irmãos Robespierre e, quando estes caíram, muitos dos seus seguidores tinham sido mortos. Alguns, como Antoine Saliceti, conterrâneo corso de Napoleão, tinham fugido. Outros, como Bonaparte, que abraçara publicamente os ideais jacobinos, tinham sido presos. Uma falsa acusação de corrupção e venda de informações às potências estrangeiras bastara para encarcerar Bonaparte durante vários dias. Embora as queixas tivessem sido retiradas, só saíra em liberdade a título provisório, para continuar, por metade do soldo, a servir no exército. Não era de admirar que o brigadeiro parecesse amargo, pensou Carnot.

— Garanto-lhe que estou a fazer o que posso para restaurar os seus direitos. — Carnot estendeu as mãos abertas. — É o mínimo que a França pode fazer por um dos seus mais promissores jovens oficiais.

Se estava à espera de uma resposta humilde, de agradecimento, ao seu comentário, Carnot desiludiu-se de imediato. Bonaparte limitou-se a esboçar um aceno.

— Sim, cidadão... o mínimo dos mínimos. Servi bem a França e tenho sido leal à revolução, e ainda ambiciono continuar a servi-las o melhor que puder.

— A França e a Revolução são uma e a mesma coisa, Bonaparte.

Napoleão apontou para a janela.

— É legítimo dizê-lo, cidadão, mas há muitas vozes na rua que não dizem o mesmo. No caminho para aqui, devo ter passado por dezenas de cartazes realistas afixados nas paredes. Já para não falar de um indivíduo a vender panfletos a menos de cento e cinquenta metros da entrada das

Tulherias. Duvido que ele considerasse que a França e a Revolução são a mesma coisa.

— Então, é um tolo.

Napoleão arqueou as sobrancelhas.

— Pergunto-me quantos tolos andarão por aí, cidadão?

— Os suficientes para encorajarem os inimigos da República — admitiu Carnot. — E é por isso que devem ser esmagados sem piedade. Cabe a cada oficial do exército francês contribuir para este processo, por muito desagradável que isso possa parecer-lhe. Considera esse dever desagradável, Bonaparte?

— Considero. Como deve ter percebido pela minha carta.

— Ah, sim, recordo-me. Parece que não deseja assumir um posto no Exército do Oeste.

— Tenho a certeza de que os meus talentos teriam melhor uso noutros exércitos, cidadão. Não há nenhuma glória na luta contra os nossos compatriotas, por muito disparatados que sejam os seus ideais políticos. Que hipóteses têm eles contra soldados profissionais? Serão chacinados como vítimas inocentes. Sim, considero que é um dever desagradável.

Carnot inclinou-se para a frente e baixou a voz.

— Para um bando de inocentes, andam a lançar um caos infernal na Vendée. Atacam as nossas patrulhas, incendeiam armazéns de provisões e envenenam o coração e o espírito de camponeses simples e dos trabalhadores. E quem julga o senhor que está a apoiá-los? A Inglaterra, naturalmente. Os navios ingleses depositam espiões e arruaceiros nas nossas costas, quase todos os dias, com os bolsos cheios de ouro inglês. Não se iluda, Bonaparte. A guerra que travamos no interior da França é, sob todos os aspectos, tão vital como a guerra que fazemos contra as nações inimigas. Talvez seja até mais importante. Se não vencermos a batalha pela França, é irrelevante o que acontece nas planícies de Itália, ou nas margens do Reno. Se perdermos a luta pela liderança do nosso próprio país, tudo estará perdido. — Carnot recostou-se na cadeira, fazendo um esforço por sorrir. — Por isso, deve compreender a razão porque o comité deseja destacar os seus melhores oficiais para integrarem o exército incumbido da tarefa mais difícil.

Napoleão parecia vagamente divertido.

— Pergunto-me se esta nomeação se deve realmente à minha competência, cidadão.

— O que quer dizer com isso?

— Sou um oficial de artilharia. A minha especialidade é a deslocação e disposição de canhões. Dêem-me uma fortaleza para pôr a cerco, ou as fileiras compactas de um exército para eu despedaçar com as minhas baterias. Faço-o tão bem como qualquer outro oficial de artilharia. Que utilida-

de teria eu no Exército do Oeste? A menos que queiram que bombardeie todos os celeiros da Vendée, ou me ponha a disparar contra sombras a correr pelas orlas das florestas.

— Não lhe exigirão que comande uma força de artilharia, como já sabe. Foi nomeado para uma brigada de infantaria.

— Precisamente, cidadão. Tirou-me as palavras da boca. Eu sou um artilheiro. Devia ser destacado para o comando de canhões, não para ser carne para canhão.

— Já deu provas de que possuía outros talentos — retorquiu secamente Carnot. — Li relatórios do seu trabalho em Toulon. O senhor lidera a partir da frente de batalha. É dessa inspiração que os nossos homens precisam para enfrentar a escumalha rebelde na Vendée. Além disso, sabe organizar-se. Mais ainda: é tenaz, talvez mesmo implacável. É por isso que a sua presença é necessária no Exército do Oeste.

Napoleão ficou, por momentos, em silêncio, antes de responder.

— Mesmo se isso fosse verdade, consigo imaginar mais uma razão para o comité me querer enviar para a Vendée.

— Sim? — Carnot devolveu-lhe o olhar e acrescentou, num tom ácido: — Explique-se, por favor.

— Parece que ainda duvidam da minha lealdade. Numa altura em que os outros exércitos precisam desesperadamente de bons oficiais de artilharia, que outra razão teria o comité para me mandar lutar contra franceses, a não ser a prova de que não abraço a causa dos rebeldes?

— O comité tem as suas razões e não é obrigado a partilhá-las consigo, Bonaparte. Já recebeu as suas ordens. É um soldado; não lhe cabe questionar ordens. Como tal, juntar-se-á ao Exército do Oeste o mais depressa possível. O assunto está encerrado.

— Estou a ver — replicou Napoleão, com um aceno. — A não ser que o comité venha a ter motivos para reconsiderar a sua decisão.

— Não terá. — Carnot levantou as mãos e entrelaçou-as por baixo do queixo. — Não há mais nada a dizer. E agora, se não se importa, tenho de trabalhar.

Napoleão demorou alguns instantes e, por fim, respondeu:

— Com certeza, cidadão. Eu retiro-me.

Carnot deixou descair os ombros fugazmente, ao sentir um ligeiro alívio da tensão. Como temera que o brigadeiro se mostrasse mais renitente, sentiu que devia oferecer uma última palavra de encorajamento.

— Se nos servir tão bem na Vendée como nos serviu em Toulon, tenho a certeza de que considerará a sua próxima nomeação mais agradável, mais... gloriosa.

Napoleão fitou-o com um olhar impassível.

— Compreendo, cidadão.

— Então, tenha um bom dia.

Carnot apressou-se a pegar na pena e pescou mais uma requisição da pilha de papéis.

Bonaparte virou-se e dirigiu-se à porta, mas a meio caminho parou e olhou para trás.

— Antes de assumir o meu novo comando, terei de tratar de alguns assuntos pessoais. Há mais de um ano que não tenho nenhuma licença. Gostaria de ter algum tempo para organizar a minha vida, cidadão.

— Quanto tempo?

Napoleão contraiu os lábios.

— Um mês. Talvez dois.

— Dois meses, então. Não mais. Direi ao meu secretário que informe o comité.

— Muito bem. Obrigado, cidadão.

Napoleão inclinou a cabeça e saiu do gabinete, fechando a porta atrás de si com um estrondo.

Carnot estremeceu e resmungou, por entre dentes:

— Raios partam o homem... Quem diabo pensa que é?

CAPÍTULO 2

— Vendi a minha carruagem — disse Napoleão, voltando a encher os copos dos dois amigos. Estavam sentados num dos botequins do Palais-Royal. A rua começara a encher-se de gente que procurava algum entretenimento nocturno.

Marmont e Junot entreolharam-se, e Junot bebeu um bom trago, pousando o copo devagar.

— Quanto é que recebeu por ela, brigadeiro?

— Trezentos francos.

Marmont contraiu os lábios.

— É um preço justo.

Napoleão abanou a cabeça.

— Foi pago em assinados.

— Ah... Então, já não é tão justo.

— Pois não — concordou Bonaparte. — Mas era inevitável. Preciso do dinheiro. Não me pagaram um tostão desde que deixámos Marselha, e o dono do hotel não vai esperar muito mais pela renda. Pelo menos, teremos um tecto para nos cobrir e vinho no copo durante algumas semanas. Por isso, bebam, mas não muito depressa, hã, Junot?

Os outros dois sorriram, mas a culpa demorou-se no rosto de Junot, enquanto contemplava o fundo do copo. Depois, olhou para cima.

— Senhor, não é justo que tenha de pagar por nós. A minha família tem algum dinheiro. Eu podia perguntar...

— Basta, Junot. Você faz parte do meu estado-maior. Da minha família militar. É mais do que justo que seja eu a pagar por todos nós. Que tipo de comandante seria se não assegurasse esse género de coisas?

— Um mais rico — interveio Marmont, com um sorriso vago. Estendendo o braço, deu umas palmadas no ombro de Napoleão. — Anime-se. Alguma coisa há-de vir. Estamos em guerra. Eles precisam de nós. Há-de chegar a nossa vez. Entretanto, esperemos que Carnot o deixe gozar a sua licença por mais algum tempo.

— Sim, espero que sim.

Napoleão recordou que já passara mais de um mês desde que o Ministro da Guerra lhe dera permissão para ir de licença. Felizmente, algo desviara a atenção de Carnot dos assuntos militares durante a maior parte desse período. Debatia-se uma nova constituição na Câmara dos Deputados e todas as facções políticas lutavam por consagrar as suas ideias naquele documento. Enquanto o debate preocupava Carnot, Napoleão andara a defender a sua causa junto dos oficiais do Ministério da Guerra, para que lhe encontrassem um outro posto de comando. Mas, o seu tempo estava a chegar ao fim. Se a conjuntura militar não se alterasse, seria forçado a deixar Paris e a unir-se à luta ingrata contra os rebeldes da Vendée. Provavelmente, muito em breve. Nessa manhã, recebera uma mensagem do ministério, convocando-o para uma entrevista no dia seguinte.

Napoleão ergueu o copo e bebeu mais um gole daquele vinho barato, contemplando por momentos o que estava à sua volta.

Agora que os dias do Grande Terror tinham ficado para trás, a capital depressa recuperara uma parte da sua alegria. Quando saíam à rua, os cidadãos mais abastados já não se vestiam abaixo das suas possibilidades, com receio de serem identificados como aristocratas. Carruagens aparatosas tinham voltado a desfilar na cidade, e as senhoras que podiam dar-se a esse luxo exibiam o seu estilo abertamente. Os teatros mais vulgares tornavam a passar comédias e *sketches* que se atreviam a ridicularizar os mais tolerantes, ou os mais ridículos, membros da Assembleia Nacional, embora os dramaturgos parisienses ainda fechassem prudentemente os olhos aos que faziam parte do Comité de Segurança Pública. Dir-se-ia que todos os dias um novo jornal inundava as ruas, assumindo uma linha cada vez mais crítica relativamente aos governantes da república. O governo era censurado por todos os males que afectavam a sociedade: a inflação, o fracasso das colheitas, o mercado negro, a aparente

anarquia política e a precária gestão da guerra. Alguns jornais ousavam mesmo argumentar a favor da restauração da monarquia e, nas ruas, estalavam combates inflamados entre multidões rivais de republicanos e de monárquicos. Embora o calor escaldante do Verão se tivesse atenuado, Paris estava tensa e sufocante, como o ar antes de rebentar a tempestade, e Napoleão, como toda a gente, deixara-se invadir por maus pressentimentos. E tinha razões para isso.

— Tenho de apresentar-me amanhã ao meio-dia no ministério. Notificaram-me esta manhã.

— Porquê? — perguntou Junot.

— Não sei, mas receio que a minha licença esteja a chegar a um fim abrupto. — Napoleão encolheu os ombros. — Por isso, mais vale aproveitar bem esta noite. Venham daí. Vamos gastar dinheiro. Ouvi dizer que há umas raparigas novas na casa de *Madame* Marcelle.

O brilho alaranjado das lanternas iluminava, de uma ponta à outra, o Palais-Royal. O estabelecimento de *Madame* Marcelle ficava numa esquina no extremo oposto e, enquanto os três oficiais abriam caminho pela turba de amigos, famílias, amantes, vendedores ambulantes e toda a espécie de artistas de rua, Napoleão reparou num grupo de pessoas reunidas à volta de um homem que falava do cimo de um grande barril de vinho, à porta de um café. Quatro indivíduos munidos de longos bordões protegiam-no da audiência. Ao aproximar-se, Napoleão começou a ouvir as primeiras palavras, dramáticas, do orador, contrastando com o tom bem-humorado das gentes que enchiam as ruas de Paris.

— Cidadãos! Correis grande perigo: a vossa alegria ameaça matar-vos! Não sabeis que, enquanto aqui estais, os agentes da casa de Bourbon conspiram para derrubar a revolução? São eles os responsáveis pela subida dos preços e pela falta de alimentos. São eles quem anda a tentar enfraquecer a nova constituição. Quem tenta roubar a liberdade que tomámos nas nossas próprias mãos. — O orador brandiu os punhos. — Tudo aquilo por que lutámos. Tudo aquilo por que morreram esses destemidos mártires da Bastilha. Tudo, TUDO nos será roubado e voltaremos à escravatura. É isso que desejais?

— Não! — gritou uma voz sonora. Napoleão sentiu o tom teatral do grito e sorriu. Um apoiante plantado no meio da multidão. — Não! Nunca! — tornou a clamar a voz, e outras uniram-se a ela.

O orador acenou com a cabeça e, antes de prosseguir, levantou a mão para silenciar a audiência.

— Sois bons patriotas. Vi-o de imediato. Não sois como essa escumalha Bourbon que era capaz de vender a alma às potências estrangeiras e às suas hordas de mercenários. São eles os traidores!

— Mentiroso de um raio! — gritou uma voz estridente. — Os realistas não são traidores. Queremos libertar a França da tirania dos ateus!

Napoleão parou, esticou o pescoço e pôs-se em bicos de pés, tentando localizar o homem que protestara por cima das cabeças da multidão. Do outro lado da assistência, viu um indivíduo alto e magro, num frontão. Assim que acabou de falar, este virou-se e apontou para a colunata. De imediato, um bando de homens emergiu das sombras das imponentes colunas. Traziam o rosto coberto por um lenço e cacetes de madeira.

Uma mulher gritou. O seu grito foi repetido por outros e a multidão ali reunida fugiu, como um só corpo, dos atacantes.

— Morte aos assassinos do rei! — guinchou a mesma voz. — Por Deus e pela monarquia!

Saltando do frontão, juntou-se aos seus seguidores, e o grupo lançou-se sobre a multidão apavorada, balançando os cacetes contra as vítimas, sem olhar à idade ou ao sexo. De repente, uma grande massa de corpos precipitou-se sobre Napoleão, empurrando-o contra os seus companheiros. Junot agarrou-lhe no braço e segurou-o. Marmont deu um passo em frente, a rugir e a brandir os punhos, desafiando qualquer elemento daquela turba em pânico a aproximar-se mais um passo na sua direcção. Enquanto os corpos desfilavam ao seu lado como relâmpagos e o céu crepuscular se enchia de gritos de medo, dor e raiva, Napoleão rosnuu:

— Venham! Vamos dar uma lição a estes realistas.

— O quê? — Junot virou-se para ele, admirado. — Enlouqueceu? Arrumam-nos em dois tempos.

— Ele tem razão. — Marmont recuou lentamente, para junto dos amigos. — Três contra vinte, ou mais. O que é que podemos fazer?

— Três agora — concedeu Napoleão, a voz denunciando a excitação nervosa que sentia. — Mas, quando ripostarmos, outros farão o mesmo. Venham!

Bonaparte abriu caminho à força, atrás de Marmont, avançando através da multidão que fugia em massa dos atacantes. Então, por cima das cabeças, na cauda da turba, avistou os cacetes erguidos no ar e os rostos tapados dos homens que abriam passagem à cacetada, em direcção ao orador e aos seus guardas. Napoleão deteve-se, por instantes, de punhos cerrados e o coração disparado no peito, indeciso, como noutras ocasiões, a respeito da insensatez do que se preparava para fazer. Nesse momento, viu o corpo de um homem velho estatelado no chão, com o rosto virado para baixo e o sangue a escorrer-lhe do escalpe para as pedras da calçada. Ao seu lado, estava uma muleta. Napoleão apanhou-a, agarrando-a por instinto como se fosse um mosquete, o apoio do braço preso de lado e a extremidade apontada como se apontava a boca da arma. Recuperando a

confiança, continuou a avançar, desviando-se de uma mulher que apertava um rapazinho contra o peito, as saias compridas esvoaçando enquanto corria. Escassos passos atrás dela, estava o primeiro realista. Por cima do lenço que usava para esconder as feições, um par de olhos frenéticos e esbugalhados viraram-se e fixaram-se em Napoleão, arregalando-se de espanto. Por momentos, hesitou, preparando-se para levantar o cacete, mas Napoleão investiu, apoiando todo o peso do corpo franzino sobre a muleta, enquanto enterrava a ponta no peito do homem e silvava «Canalha!» por entre dentes cerrados.

O golpe empurrou o adversário para trás com um grunhido explosivo e o homem caiu de cabeça no chão e perdeu os sentidos.

— Marmont! Pegue no cacete dele!

Agora que os dois estavam armados, dirigiram-se ao alvo seguinte, perto dali, no meio de uma escuridão crescente. Napoleão simulou o ataque e, quando o homem se deslocou para bloquear a investida, Marmont precipitou-se para a frente e derrubou-o com um golpe violento na cabeça. Enquanto Junot agarrava na arma do adversário, Napoleão virou-se para gritar por cima do ombro:

— Cidadãos! Cidadãos, ouvi-me! Sois cobardes ou patriotas?

Alguns rostos viraram-se para olhar e Napoleão aproveitou a oportunidade, lançando-se contra o bando de homens que abriam caminho com o cacete até ao orador. Enchendo os pulmões de ar, gritou:

— Morte à tirania!

Marmont e Junot correram atrás dele, unindo as suas vozes à de Bonaparte. Instantes depois, estavam no meio dos realistas, desbastando caminho à cacetada. Como eram soldados, mais habituados ao frenesim da batalha e à necessidade de se baterem com força e rapidez, conseguiam ter alguma vantagem sobre os fortuitos arruaceiros, que esperavam enfrentar uma multidão desarmada e não aquele feroz contra-ataque. Napoleão desferiu um novo golpe com a muleta e atingiu um homem no ombro. A pancada não foi definitiva e o homem retorquiu, lançando-lhe o cacete contra a cabeça. Napoleão recuperou a muleta e aparou o golpe. Ouviu-se um estalo abrupto e a violência do impacto sacudiu-lhe as mãos. De imediato, Marmont deu um pontapé no entrepernas do adversário, com força suficiente para o levantar do solo, e o homem caiu para trás com um grito de fundo e rebolou no chão, aos vômitos. Marmont silvou para Napoleão:

— Agarre na outra ponta, homem de Deus! Use-a como um cacete.

Enquanto pegava na outra extremidade, Napoleão ouviu o orador gritar para os seus guarda-costas:

— Ajudem aqueles homens! Ajudem-nos!

Napoleão, Marmont e Junot ficaram de costas uns para os outros,

num triângulo solto, brandindo as armas improvisadas contra os adversários que os cercavam, na tentativa de os manter à distância. Num rugido, Marmont desafiou-os:

— Venham daí, seus canalhas! Se têm estômago para isso.

— Escumalha girondina! — alguém gritou de volta.

— Girondina? Girondina! — rosou Marmont. — Eu sou um jacobino, meu sacana! E tu és um homem morto!

Marmont atirou-se com violência para o meio dos inimigos, derrubando dois realistas, e lançou-se numa luta cega contra quem estava à sua volta, descrevendo com o cacete grandes arcos mortíferos, que estilhaçaram ossos e transformaram músculos numa geleia flácida, arrancando o fôlego ao adversário à custa dos seus golpes.

Junot aproximou-se discretamente de Napoleão.

— Não lhe deviam ter chamado girondino. Quase sinto pena deles.

— Não há tempo para isso — replicou Napoleão. Respirando fundo, avançou atrás de Marmont. O orador e respectivos guarda-costas juntaram-se à luta e, quando os realistas foram forçados a parar e a defender-se, a multidão parou de fugir. Alguns aproximaram-se à cautela do combate, até que um deles abriu caminho e correu para o meio da rixa.

— Morte aos tiranos! — gritou uma vez e depois outra, ganhando força na voz. Outros juntaram-se a ele, encorajados pela sua confiança.

Napoleão olhou de relance para trás e sentiu o coração mais leve.

— Cidadãos! Ajudai-nos!

Alguns responderam ao seu apelo e lançaram-se ao ataque, atirando-se para cima dos realistas. Outros foram derrubados à cacetada e espancados sem piedade, até caírem no chão. Contornando um corpo desfeito, Napoleão ergueu a muleta e procurou outro adversário. Mas, na escuridão cada vez mais cerrada, os civis à sua volta pareciam todos iguais, até que viu um rosto meio escondido por um lenço e desferiu um golpe com a muleta na cabeça do inimigo. O bastão não chegou a aterrar no alvo. De súbito, o crepúsculo rebentou numa ofuscante explosão de luz e Napoleão cambaleou para trás, com uma tontura. Sacudindo a cabeça, tentou dissolver os raios de luz cada vez mais ténues que lhe obscureciam a vista.

— Ponham-se a salvo! — gritou uma voz. — Realistas! A mim!

Várias silhuetas viraram-se e fugiram, correndo de volta para as sombras escuras ao abrigo da colonata. A multidão perseguiu-os durante algum tempo e depois desistiu, zombando e gritando insultos atrás do exército derrotado.

Embora consciente da dor aguda que sentia no alto da testa, Napoleão deixou-se inundar por uma onda de alegria. Encontrando Marmont, deu uma calorosa palmada nas costas do amigo.

— Auguste Marmont, garanto-lhe que você é meio homem, meio animal selvagem.

— Os canalhas estavam a pedi-las — murmurou Marmont, entre dentes. — Chamarem-me girondino?

Nesse momento, reparou na mancha negra de sangue que escorria pela têmpora de Napoleão.

— Brigadeiro, está a sangrar!

Napoleão tirou o lenço da algibeira e, estremecendo, pressionou-o contra a cabeça. Depois, olhou para baixo, para a muleta que ainda trazia na mão, e virou-se à procura do dono. O velho estava a tentar pôr-se de pé, agarrado a um rasgão que lhe tinham feito no couro cabeludo.

— Os meus agradecimentos, cidadão.

Ajudando o homem a levantar-se, devolveu-lhe a muleta.

Este acenou-lhe, grato.

— Oxalá tivesse podido ajudá-lo, senhor.

— Já deu o seu contributo. — Napoleão sorriu e afagou a muleta. — O que é mais do que podemos dizer da maior parte das pessoas que aqui se reuniu esta noite.

Junot emergiu da escuridão ao lado de um indivíduo de rosto magro. Napoleão reconheceu-o: era o orador que se dirigira à multidão, antes de esta ser obrigada a dispersar-se. Aproximando-se dos três oficiais, olhou para estes de relance e virou-se para Marmont.

— Tenho de agradecer-lhe, e aos seus amigos, senhor.

Marmont ficou envergonhado e acenou na direcção de Napoleão.

— Não me agradeça a mim. O nosso brigadeiro é que nos levou à luta. Eu limitei-me a segui-lo.

O orador observou Bonaparte com mais atenção, semicerrando os olhos, e este sentiu que o homem não estava impressionado com o que via.

— Brigadeiro? — Recuperando do espanto, estendeu-lhe a mão. — José Fouché, ao seu serviço.

Napoleão deu-lhe um aperto de mão e sentiu a pele fria do outro homem. Acenou-lhe.

— Brigadeiro Napoleão Bonaparte, ao seu.

— Bem, parece que tenho de agradecer-lhe por me ter salvado a vida. Embora não o tenha feito sem danos para si próprio.

— É só um arranhão — replicou Bonaparte. — Tivemos todo o prazer em ajudar. Não permitirei que nenhum realista afaste as nossas gentes das ruas. Só por cima do meu cadáver.

— Compreendo. — Os lábios de Fouché estremeceram num sorriso tímido. — Aprecio o seu espírito. A república precisa de mais homens como o senhor. Sobretudo agora. Paris está infestada de ninhos de sim-

patizantes realistas. Chegou a hora de homens válidos reconhecerem essa ameaça e enfrentarem-na. Antes que seja tarde de mais.

Napoleão sorriu.

— Então, então, era só um bando de rufiões. População.

— Acha que sim? Olhe para aqui.

Fouché agachou-se sobre um dos homens que tinham atacado a multidão e que jazia, inconsciente, nas pedras da calçada. Depois, arrancou-lhe o lenço do rosto e abriu o casaco escuro. Por baixo, o homem trazia uma jaqueta e um colete de corte elegante feitos à medida. Fouché levantou-se.

— Um simples rufião? Não creio. É um fidalgote. — Fouché deu um pontapé na cara do homem. — Um fidalgote e um traidor. E é o que não falta por aí, intrigando e conspirando para pôr um Bourbon de novo no trono. Ouça bem o que eu lhe digo, brigadeiro Bonaparte, temos de ter muito cuidado. A revolução não é tão segura como o nosso governo gostaria que pensássemos. — Sorriu. — Agora, tenho de ir. Tenho mais um discurso para fazer, na Place Vendôme. — Fouché pareceu-lhe subitamente cansado e ansioso. — O povo tem de ser convencido a votar na nova constituição. Se não conseguirmos o seu apoio, tudo estará perdido... Seja como for, espero que voltemos a encontrar-nos, senhor.

Napoleão concordou vagamente, pouco entusiasmado com a ideia.

Quando Fouché e os seus guarda-costas se afastaram na direcção da Rue Saint-Honoré, Napoleão olhou em seu redor, para as pessoas que ali estavam, no Palais-Royal. Agora que passara o alvoroço, a maior parte regressara à diversão do início da noite. Apenas uma pequena fracção viera em socorro de Fouché. Quanto ao resto, Napoleão não sabia para que lado pendia a sua lealdade. Talvez Fouché tivesse razão, admitiu. Talvez a conjuntura em Paris fosse mais perigosa do que supunha.

CAPÍTULO 3

O Ministro da Guerra apontou para a cadeira que fora colocada à frente da sua secretária.

— Sente-se, por favor, brigadeiro Bonaparte.

Napoleão obedeceu, e Carnot inclinou-se para a frente.

— Lesionou-se na cabeça.

Por momentos, Napoleão considerou a hipótese de descrever o que acontecera na noite anterior, mas concluiu que o envolvimento de um oficial superior numa rixa de rua poderia ser considerado indecoroso. Aclarou a garganta:

— Tive uma tontura, cidadão. Tropecei e caí de um lance de escadas.

— Mas não perdeu a lucidez, espero?

— Claro que não, senhor. De todo.

— Ainda bem, uma vez que o Comité de Segurança Pública me encarregou de pedir-lhe alguns esclarecimentos. — Carnot sorriu. — Parece que em Itália o consideram uma espécie de perito em assuntos militares.

Mil pensamentos atravessaram o espírito de Napoleão. Era verdade que lhe tinham pedido que estabelecesse alguns planos para as campanhas de Itália e que redigira uma série de estimativas a respeito do potencial militar de Génova, mas será que isso o tornava um perito? Se assumisse precipitadamente o papel, arriscava-se a ser acusado de imodéstia. Por outro lado, talvez fosse uma maneira de melhorar as suas perspectivas. Endireitando as costas, acenou discretamente enquanto respondia:

— É verdade que possuo um conhecimento profundo do teatro das operações em Itália, cidadão. Embora já esteja há alguns meses desligado das operações no terreno.

— Então, não está a par dos últimos relatórios da frente de combate?

Napoleão encolheu os ombros.

— Eu leio os jornais, cidadão.

— Os jornais não são propriamente relatórios dos serviços de informação. — Carnot torceu o nariz. — Além disso, nem mesmo a imprensa está a par da conjuntura mais recente. Mas ficá-lo-á em breve. Um idiota qualquer do comité acabará por deixar escapar a verdade ao ouvido de um amigo, e esta chegará às ruas de Paris mais depressa do que um ataque de gonorreia. — Carnot inclinou-se para a frente, fitando Napoleão nos olhos. — O general Kellermann e os seus homens sofreram mais uma derrota. O Exército dos Alpes bateu em retirada e não me admiraria que Kellerman já se tivesse posto em fuga e viesse a meio caminho de Paris.

Napoleão irritou-se ao ouvir falar do herói de Valmy com tanto desdém e, instintivamente, posicionou-se em defesa do companheiro de armas.

— O general deve ter as suas razões para recuar, cidadão.

— Oh, tenho a certeza que sim! — Carnot fez um gesto floreado. — Mas chamemos as coisas pelos nomes, Bonaparte. Não recuou, bateu em retirada, muito simplesmente. O homem foi derrotado. O que o comité gostaria de saber é se vale a pena renovar os nossos esforços para arrancar a Itália às mãos dos Austríacos, ou se devíamos limitar-nos a defender a fronteira. O senhor conhece o terreno, conhece as forças e fragilidades do inimigo e sabe o que os nossos homens são capazes de alcançar. Assim sendo, que estratégia aconselharia?

Num ápice, Napoleão ordenou todo o conhecimento que possuía a respeito da frente em Itália e, antes de falar, compôs mentalmente a sua

resposta. Não demorou muito a transmiti-la, assinalando os vários pontos com os dedos.

— Precisamos da Itália. Os cofres da França estão praticamente vazios. Há uma grande riqueza a retirar da conquista das províncias austríacas em Itália. Talvez até seja possível reunir dinheiro suficiente para pagar o custo da guerra. Além disso, os Italianos não estão propriamente ansiosos por permanecer sob o jugo austríaco. Se a França lhes prometer liberdade e uma reforma política, é certo que conquistaremos o apoio de todos, à excepção dos aristocratas mais arreigados. Também podíamos explorar a inimizade que existe entre Génova, a Lombardia, Veneza, Roma e Nápoles. Se as virarmos umas contra as outras, conseguiremos derrubar uma de cada vez.

— Mas, primeiro, temos de derrotar os Austríacos.

— Sim, cidadão. Creio que é viável. Os soldados deles são resistentes, é verdade. Mas já estão de serviço em Itália há muito tempo. Muitos são bem mais velhos do que os nossos homens. Os nossos soldados precisam é do chefe certo. Alguém que consiga acender neles a chama do patriotismo...

Napoleão deteve-se momentaneamente, para dar tempo a Carnot de chegar à conclusão inevitável daquele raciocínio. Depois, respirou fundo e continuou.

— Um homem com a reputação do general Kellermann é mais do que adequado para desempenhar essa função.

— Que elogio tão tímido. — Carnot sorriu. — Por momentos, pensei que iria voluntariar-se para o lugar.

— Não — protestou Napoleão, procurando parecer sincero. — Não estou preparado para liderar um exército. A ideia é absurda.

— Eu sei que é. É por isso que fico satisfeito por não a ter sugerido. Continue, por favor.

— Sim. Bem, pondo de lado preocupações de ordem moral, os austríacos não têm uma grande mobilidade. Nunca se deslocam para lado nenhum sem longas colunas de reabastecimento. Se os nossos homens conseguirem viver do que a terra lhes dá, serão capazes de marchar muito mais depressa do que eles. Podíamos cortar-lhes as linhas de comunicação à vontade, travar uma guerra de movimento.

As ideias surgiam-lhe em torrente e Napoleão fez um esforço para se refrear. Se pretendia que as suas palavras surtisses algum efeito nos membros do comité, não lhe convinha dar uma imagem de cavaleiro andante. Teria de apresentar o seu argumento de uma maneira equilibrada. Prosseguiu.

— Estes seriam os motivos para tomar a ofensiva, cidadão. É claro que temos de considerar as oportunidades e os riscos inerentes à estraté-

gia alternativa: limitarmo-nos a defender a nossa fronteira. Isto requer um numeroso corpo de homens amarrados a uma linha de defesa estática. Teriam de ser abastecidos com regularidade, projecto só por si dispendioso. E o dever de guarnição acabaria por entorpecer-lhes o espírito combativo. Acresce ainda o problema de entregar a iniciativa aos austríacos. Se eles decidissem tentar uma invasão ao longo da nossa costa sul, poderiam escolher o dia e o lugar para lançar o ataque, e a França ver-se-ia obrigada a contra-atacar com toda a sua força apenas para restabelecer a fronteira.

Carnot levantou a mão para travar Napoleão.

— Já estou a ver onde nos conduz a sua análise, Bonaparte. O seu conselho seria tomar a ofensiva?

— Francamente, cidadão, não vejo nenhuma alternativa vantajosa. Se o general Kellermann não tomar a ofensiva agora, a França terá de empenhar-se mais adiante numa contra-ofensiva dispendiosa e com objectivos muito mais limitados. — Reclinou-se na cadeira. — Penso que devíamos fazer todos os esforços para eliminar os Austríacos e expulsá-los desta guerra, pelo menos no teatro de guerra italiano.

Carnot olhou fixamente para Napoleão, e uma ligeira críspação enrugou-lhe o rosto, enquanto ponderava o que acabara de ouvir.

— As suas ideias são muito interessantes e não deixarei de partilhá-las com os outros membros do comité. Há ainda uma última questão que exige alguma análise, nomeadamente quem seria o homem mais apto a liderar o exército, quer este estacione numa postura defensiva ou receba ordens para avançar. O general Kellermann já não é um homem novo...

Napoleão ignorou prudentemente o convite ao comentário. Por fim, Carnot viu-se obrigado a continuar.

— Digamos que podemos aproveitar melhor a sua experiência em funções mais administrativas. Não concorda?

— Um oficial subalterno não deve, por razões de decoro, tecer considerações dessa natureza, cidadão. Sou um simples soldado e limito-me a falar de factos.

O outro homem sorriu.

— É verdade que é um soldado, mas não é claramente um homem simples. Penso que, se alguma vez se servisse dos seus talentos no terreno político com a mesma astúcia que aplica ao mundo militar, o brigadeiro seria um homem a manter debaixo de olho. Especialmente numa altura em que tantos soldados parecem carregar as suas ambições políticas nas mochilas que trazem às costas.

— Não sei bem se percebi o que quer dizer com isso, cidadão.

— Há-de perceber, se eu for um bom avaliador das circunstâncias — reflectiu Carnot. — E mais cedo do que imagina. Bem, fico-lhe grato pelos

seus esclarecimentos. E talvez precise de voltar a consultá-lo a respeito destes assuntos. O que significa que terei de encontrar maneira de mantê-lo afastado das garras do Exército do Oeste.

Napoleão sentiu o coração acelerado e deixou-se ficar quieto, à espera que o Ministro da Guerra concluísse o seu raciocínio.

— Existe uma vaga no gabinete de topografia do ministério. Precisam de um oficial superior para coordenar os movimentos dos nossos exércitos. É um posto administrativo que requer uma boa cabeça para o pormenor e cálculos rápidos. Tenho a certeza de que estará à altura. Quero que fique com o trabalho. Naturalmente, tem a virtude acrescida de o manter aqui à mão, caso vagasse um posto de comando. Mas, não estou a prometer nada, compreende?

— Compreendo, cidadão.

— Ótimo. Entretanto, encarregar-me-ei de que encontrem alguém que o substitua no efectivo do Exército do Oeste.

— Obrigado, cidadão — replicou Napoleão. — Fico em dívida para consigo.

— Pois fica. E serei impiedoso se tiver avaliado mal o seu potencial, Bonaparte. Não se esqueça disso. Agora, pode ir.

— Sim, cidadão.

Napoleão levantou-se da cadeira e dirigiu-se à porta.

— Uma última coisa — chamou Carnot.

— Sim?

— Mantenha-se alerta. Consta que os nossos amigos realistas andam a preparar alguma. Talvez seja apenas um rumor, mas não tenho a certeza. Mantenha os ouvidos bem abertos. Não saia da cidade e esteja pronto para agir se acontecer alguma coisa.

— Alguma coisa?

Carnot baixou a voz, num tom funesto.

— Esteja pronto, é só isso.

CAPÍTULO 4

Numa manhã, no fim de Setembro, Napoleão estava a dar o seu passeio matinal pelos jardins das Tulherias. O ar fresco, revigorante, e o ligeiro arrefecimento da temperatura anunciavam a iminente mudança de estação. Os jardins enchiam-se de pessoas que gozavam o céu limpo e Napoleão sentiu-se animado. A nomeação para o gabinete de topografia salvara-o desse amargo combate contra os rebeldes da Vendée, e tinham-lhe finalmente restituído o soldo completo. Pagara as suas dívidas e, agora que

Marmont fora destacado para o Exército do Reno, as despesas reduziam-se ao seu sustento próprio e ao de Junot.

No outro extremo dos jardins, às portas da Assembleia Nacional, reunira-se uma multidão. Enquanto percorria o caminho de gravilha em direcção ao edifício, Napoleão reparou que a turba crescera de tamanho e que gritos de fúria enchiam o ambiente. Ao aproximar-se, surpreendeu o olhar de um homem vestido com um casaco caro, feito num alfaiate.

— Cidadão, o que está a acontecer aqui?

O homem virou-se e espetou um dedo na direcção da Assembleia Nacional.

— Acabaram de divulgar os pormenores da nova constituição.

— Ah! E então?

— É uma desgraça, é o que ela é. Esses canalhas da Convenção estão a tomar lugares na Assembleia Legislativa. A escumalha só quer é agarrar-se aos cargos.

Napoleão não conseguiu conter um sorriso.

— O que é que esperava? São políticos.

O homem virou-se para Napoleão e fulminou-o com o olhar.

— Talvez, mas o povo não vai admiti-lo — replicou, apontando para a multidão circundante.

Napoleão viu que muitos daqueles rostos exibiam esgares de raiva e que, por toda a parte, ressoavam gritos clamando «Fraude!» e «Abaixo o governo!». Alguns chegavam mesmo a berrar pela restauração da monarquia.

O homem virou-se para a Assembleia Nacional e acrescentou a sua voz às frases de protesto. Olhando uma última vez, de relance, para a multidão, Bonaparte retomou o seu passeio e regressou com tristeza ao quarto alugado. Pretendia-se que a nova constituição restaurasse a ordem política, mas o interesse pessoal dos políticos ditara que ninguém perderia poder ou o cargo que tinha. Perdera-se, sim, a oportunidade de unir o país, e o coração de Bonaparte encheu-se de desdém por essa classe política que se limitava a cuidar dos seus privilégios e da sua bolsa, estando-se completamente nas tintas para o resto da nação.

Nos dias que se seguiram, a afronta provocada pela constituição proposta alastrou-se. Grandes multidões saíram à rua para protestar e, durante a noite, dispararam-se tiros contra a Assembleia Nacional e as sedes dos partidos jacobino e girondino. Temendo pelas próprias vidas, os deputados cederam ao membro-chefe do Comité de Segurança Pública, Paul Barras, poderes temporários para defender o governo. Os acessos ao Palácio das Tulherias foram barricados e providos de guarnição por tropas fiéis ao governo.

Na manhã do terceiro dia, em Outubro, Junot entrou no quarto onde Napoleão ainda dormia e abanou-o.

— Vista-se. Temos de sair daqui para fora.

— O quê? — Napoleão abanou a cabeça. — O que se passa, Junot?

— Os realistas. Estão a caminho. Puseram brigadas nas ruas para prender todos os deputados e oficiais do exército que conseguirem encontrar. Já estão a revistar os hotéis da rua paralela a esta.

Napoleão afastou as roupas da cama e vestiu-se rapidamente. Cobrindo a casaca do uniforme com um simples sobretudo cinzento, pensou por instantes em levar a espada, mas decidiu não o fazer. Se se cruzassem com uma rusga, o melhor era desatarem a correr. A espada seria apenas um fardo. Em vez disso, pegou num casaco velho e modesto e atirou-o ao amigo.

— Vista-o por cima da casaca.

Pouco tempo depois, os dois homens saíram do hotel, olhando de soslaio para um lado e para o outro da rua estreita, ainda mergulhada na meia penumbra da madrugada.

— Para onde vamos? — perguntou Junot.

— Para as Tulherias.

— Porquê? É o primeiro sítio que os realistas vão atacar. Ficaremos encurralados.

— Barras vai precisar de todos os homens que tiver para defender o governo.

Junot recordou os últimos dias da monarquia e a tentativa inútil de defender o palácio da população de Paris.

— Vamos ser chacinados.

— É possível — replicou friamente Napoleão. — A república atravessa o momento mais vulnerável da sua existência. Se perdermos, a revolução fracassará. Mas, se ganharmos, meu caro Junot, seremos os heróis do dia e faremos fortuna.

Enquanto percorriam a passos largos as ruas calcetadas, ouviram à distância a crepitação dos disparos de mosquete. Junot virou-se para o amigo.

— Não sei porquê, mas parece-me que o outro lado tem exactamente a mesma ideia em mente.

Napoleão e Junot evitaram as grandes avenidas enquanto corriam para as Tulherias, ouvindo o som crescente dos tiros, acompanhados de gritos distantes. Por fim, chegaram aos limites da praça a que chamavam Place du Carrousel, em frente dos imponentes portões do palácio. Várias carroças tinham sido arrastadas para o interior da praça e derrubadas, de maneira a servirem de abrigo a homens armados que vigiavam as tropas do governo de guarda ao palácio.

— Maldição! — protestou Napoleão, por entre dentes. — Temos de tentar um outro acesso, mais próximo dos portões.

Ao seu lado, Junot olhou para longe, por cima da praça.

— Vamos ter de atravessar na mesma o terreno aberto.

— Claro, mas o alcance é longo. Nunca conseguirão atingir-nos, mesmo se dispararem.

— A sério? Que alívio.

— Vamos lá, Junot! — Napoleão deu-lhe uma palmada amigável no ombro. — Onde está o espírito de Toulon? Assim que conseguirmos entrar, ficaremos a salvo.

Recuaram pela rua abaixo e meteram-se por uma viela estreita, mais próxima do palácio. Ainda era muito cedo e só os rebeldes tinham saído à rua. A maior parte dos parisienses trancara-se em casa, rezando para que o alvoroço não lhes batesse à porta. Por fim, os dois oficiais descobriram uma passagem estreita, no meio de dois edifícios de apartamentos. No fundo da rua, via-se bem o Carrousel, com os portões do palácio cento e cinquenta metros mais à frente. Napoleão deslizou até ao fim da passagem, seguido de perto por Junot. Depois, agacharam-se e ele respirou fundo.

— Pronto?

Junot confirmou com um aceno.

Ambos dispararam, então, do esconderijo, correndo pelas pedras da calçada em direcção aos portões. Durante alguns segundos, parecia que ninguém tinha reparado neles. Depois, ouviu-se o grito de um dos homens refugiados na carroça mais próxima.

— Vocês aí! Parem!

Enquanto corriam, Napoleão viu alguns dos soldados nos portões levantarem a cabeça e olharem na sua direcção. Um deles pegou no mosquete, levantou o cão e fez pontaria. Viu-se uma luz e uma nuvem de fumo, seguidas de um estouro e do zumbido agudo da bala a passar-lhes rente, por cima da cabeça.

— Não disparem! — gritou Napoleão. — Somos oficiais do exército!

Mas os gritos perderam-se na confusão de outras vozes quando os realistas, erguendo-se, começaram a berrar-lhes insultos. Um novo tiro foi disparado baixo, fazendo ricochete nas pedras da calçada, entre Napoleão e Junot. Num gesto brusco, Bonaparte arrancou os botões do sobretudo enquanto corria e, sacudindo-o, libertou-se dele, expondo a casaca do uniforme.

— Não disparem!

Para seu alívio, os soldados baixaram as armas. Depois, o som de outros disparos encheu o ar. Virando-se, viu que alguns realistas estavam a tentar abater os oficiais que corriam antes que eles alcançassem o refúgio dos portões do palácio.

Os soldados começaram a disparar alguns tiros de cobertura, e Napoleão e Junot correram a toda a velocidade para as barricadas do exército, enquanto as balas de mosquete abriam rachas no chão, furando o ar como vespões enfurecidos. Por fim, chegaram aos portões e treparam desesperadamente a fila de barris e sacas de cereais que formava a barricada. No cimo, rebolaram e caíram do outro lado, ofegantes. Um sargento correu pela linha da barricada ao encontro deles.

— Quem diabo são os senhores?

— Brigadeiro Bonaparte e tenente Junot. Estamos aqui para ajudar.

— Ajudar? — perguntou o sargento, de sobrolho franzido. — Nesse caso, podia ter trazido alguns homens consigo, senhor. Um ou dois batalhões de infantaria de linha não viriam a despropósito.

— Lamento. — Napoleão esboçou um sorriso triste. — Somos apenas nós os dois.

— É pena.

— Onde está Paul Barras?

— Barras? — O sargento virou-se e apontou para os antigos aposentos da família real, no centro das Tulherias. — Está ali, com os outros oficiais, senhor.

— Certo. Vamos, Junot.

Mantendo a cabeça baixa, percorreram o pátio num passo estugado e subiram a escadaria até à entrada principal. Atrás deles, a troca de tiros de mosquete prolongou-se ainda por alguns momentos e depois atenuou-se, reduzindo-se a disparos isolados e sem método. No interior do palácio, um jovem ordenança conduziu-os pela enorme escadaria até à suite do primeiro andar, onde Barras estabelecera o seu quartel-general. A porta estava aberta e os dois oficiais entraram. Era uma sala ampla, decorada com dourados e um requintado papel de parede. Só uma pequena parte da mobília original sobrevivera ao assalto da população ao palácio real, alguns anos antes, e Barras estava sentado a uma secretária modesta. Rodeavam-no vários oficiais, alguns de pé, outros sentados. Napoleão só reconheceu um deles e sentiu o coração pesado.

— É o general Carteaux — sussurrou Junot.

Napoleão aquiesceu. Da última vez que se tinham cruzado, Carteaux comandava o exército que cercara Toulon — até o Comité de Segurança Pública o afastar do posto pela sua total incompetência. Napoleão desviou o olhar para Barras, que se levantara para saudar os recém-chegados.

— E quem serão estes dois senhores?

Quando Bonaparte se apresentou a si e a Junot, Barras perguntou, com um aceno:

— Têm alguma experiência de combate?

— Sim, senhor. Fazíamos parte do exército que tomou Toulon. Fui eu quem comandou a artilharia.

Barras arqueou as sobrancelhas.

— Ah! Já me lembro. Então, o senhor é esse oficial de artilharia. Robespierre não o poupou a elogios. Ainda assim, tendo em conta o que aconteceu a seguir, não sei bem se devo confiar no seu julgamento.

Os outros oficiais riram-se. Havia uma veemência nervosa e estri-dente naquele som que desanimou Napoleão. Se aquilo era um indício de quanto o moral baixara, as probabilidades de serem batidos pelos realistas acabavam de subir em flecha. Barras voltou a sentar-se.

— Muito bem, brigadeiro, imagino que queira que eu lhe fale do pequeno sarilho em que estamos metidos?

Napoleão confirmou com um aceno.

— De acordo com os últimos relatórios, parece que o general Dancican se passou para o lado dos realistas. Os meus agentes dizem-me que amanhã, ao romper da aurora, mais de vinte mil milicianos e simpatizantes realistas marcharão até às Tulherias. Tencionam massacrar todos os soldados e membros do governo que aqui encontrarem.

CAPÍTULO 5

— O senhor tem quantos homens sob o seu comando? — perguntou Napoleão.

— Cinco mil — respondeu Barras. — Embora mil sejam voluntários e não tenham armas e quinhentos sejam reservistas. Também não têm armas.

— Então, são três mil e quinhentos mosquetes contra vinte mil. — Napoleão abanou a cabeça. — A desvantagem não é pouca. A não ser que consigamos restabelecer o equilíbrio de outra maneira. E canhões? Quantas peças têm?

— Nenhuma. — Barras encolheu os ombros. — Isto é a sede do governo, não é um maldito arsenal!

— Então, vamos ter de encontrar algumas armas e trazê-las para aqui. — Napoleão virou-se para Junot e deu-lhe uma ordem seca: — Há canhões no parque de artilharia, em Neuilly. Arranje alguns homens — duas companhias devem chegar — e traga dez peças de artilharia ligeira. Só precisamos delas para metralhar.

— É tarde de mais para isso — interveio Barras. — Uma coluna realista já vem a caminho.

— Então, temos de chegar lá primeiro! — Os olhos de Napoleão fais-

cavam de fúria. — A não ser que queira entregar-lhes o palácio neste preciso instante, cidadão.

— Claro que não! — Barras levantou-se e encostou uma mão ao peito. — Dediquei a minha vida inteira a defender a república.

Napoleão respirou fundo antes de retomar a palavra.

— Não estamos na câmara de debates, cidadão. Precisamos de acções, não de palavras. Melhor ainda, precisamos daqueles canhões.

Carteaux espetou um dedo na sua direcção e, com um sorriso de escárnio, perguntou:

— E como é que pensa chegar até eles? Não estamos em Toulon, rapaz. Não podemos desencantar as armas do nada. Já fizemos tudo o que podíamos.

— Então, ficamos de cu sentado à espera que eles nos venham buscar, é isso? — zombou Napoleão.

Carteaux saltou da cadeira e aproximou-se a passos largos, elevando-se sobre ele. Falou por entre dentes cerrados.

— Os teus donos jacobinos já não estão aqui para te proteger. Já aturei a tua insolência no passado, tempo de mais. Chegou a hora de resolvermos isto.

— Cavalheiros! — berrou Barras. — Já temos inimigos que cheguem lá fora para ainda fazermos mais aqui dentro. Sente-se, Carteaux.

O velho general fitou Bonaparte com um ar colérico e, momentos depois, regressou à sua cadeira. Seguiu-se um silêncio pesado, enquanto os ânimos se acalmavam, e Napoleão reparou que nenhum dos outros oficiais se tinha pronunciado desde que ele entrara no gabinete. Era óbvio que o espírito combativo daqueles homens já se extinguiu de vez. Alguém tinha de assumir o comando da defesa do palácio. E precisariam de uma estratégia, se queriam ter alguma hipótese de vencer o general Danican e os seus rebeldes.

O ruído áspero de botas pesadas interrompeu os seus pensamentos, e Bonaparte virou-se para o lugar de onde vinha o som no momento em que um oficial de cavalaria entrou de rompante no gabinete. Era um homem alto, de ombros largos, cabelo comprido aos caracóis e faces barbudas. Aproximando-se da mesa, olhou à sua volta.

— Quem está a chefiar?

— Sou eu — respondeu Barras.

— Não, quem é que está mesmo a chefiar?

Napoleão deu um passo em frente e aclarou a garganta.

— O cidadão Barras foi encarregue pela Assembleia de defender o palácio. Mas eu assumi o comando. — Virou-se para os outros oficiais. — A não ser que haja alguma objecção?

Não houve resposta, nem mesmo da parte de Carteaux, de olhos postos nas botas compridas. Napoleão acenou com a cabeça.

— Muito bem. E quem é o senhor?

— Major Joachim Murat, dos hussardos. Vim para aqui assim que soube que a escumalha realista estava a preparar das boas. Trouxe dois esquadrões dos meus homens comigo.

Os olhos de Napoleão iluminaram-se.

— Cavalaria! Os seus homens estão prontos a montar?

— Hum, sim. — O major Murat fora apanhado de surpresa. — Mas acabámos agora mesmo de chegar.

— Não há tempo para discutir, major. Tem de fazer exactamente o que eu lhe disser. Sabe onde fica o parque de artilharia, em Neuilly?

— Sei, sim, senhor.

— Ótimo. Leve os seus homens e dirijam-se ao local imediatamente. Não deverão parar por nenhuma circunstância. Derrubem todos os que se atravessarem no vosso caminho. O cidadão Barras redigirá a ordem enquanto o major se ocupa do assunto. Quando lá chegar, arranje-me alguns canhões — peças de quatro libras — e pólvora e munições em abundância, especialmente metralha. Depois, traga tudo directamente para aqui. Percebeu?

— Sim, senhor.

— Então, parta de imediato, Murat. O destino da França parte consigo. Lembre-se disso.

— Sim, senhor.

Arrastando as botas, Murat pôs-se em sentido e fez continência a Napoleão. Depois, virou-se e saiu da sala.

— Murat!

— Senhor?

— Não ande, corra.

Depois, virou-se para Barras.

— Cidadão, se me permite, gostaria de percorrer as nossas defesas e tratar da disposição dos homens no terreno.

— Com certeza — concordou Barras, com um aceno. — Tudo o que achar conveniente.

— Quando isso ficar resolvido, estes oficiais serão destacados para os pontos-chave da nossa defesa. E terão de segurá-los custe o que custar. — Napoleão virou-se e dirigiu-se a todos: — Repito o que disse ao major Murat: o destino da França está nas nossas mãos. Nas nossas mãos, cavalheiros. Não podemos falhar. E não podemos deixar que os nossos homens pressintam que temos a mais ínfima dúvida de que vamos vencer os realistas. Percebem? Os nossos homens vão contar connosco nas próximas

horas. Não os desiludam. Não mostrem medo e não aceitem nenhuma dissidência. Fui claro?

Os outros oficiais concordaram com um aceno e Napoleão bateu palmas.

— Ótimo. Está resolvido. Vamos, Junot. Temos trabalho para fazer.

Quando saíram da sala, Junot inclinou-se para o amigo e sussurrou-lhe:

— Viu as caras deles? Pareciam um bando de coelhos assustados. Agora, vêm-lhe comer à mão.

Napoleão encolheu os ombros.

— Só precisavam que alguém lhes desse uma ordem. Só espero que cumpram o seu dever.

Juntos, fizeram uma inspeção minuciosa das defesas das Tulherias. Napoleão ordenou que se entaipassem as janelas e portas mais baixas e se barriçassem todas as entradas, excepto algumas das mais estreitas. Quase todos os soldados pareciam nervosos, e ele compreendia o medo que sentiam perante o desequilíbrio esmagador que teriam de enfrentar. Mas fez o seu melhor para os inspirar, explicando-lhes uma e outra vez o significado dos dias que se seguiriam e dizendo-lhes que, quando tudo estivesse terminado, teriam uma ou duas histórias para contar aos netos. Histórias que fariam com que estes se sentissem orgulhosos do nome que tinham herdado. Também tratou de garantir que as reservas de pólvora e de balas de mosquete do paiol eram distribuídas por cada centro de resistência, juntamente com comida e bebida suficientes para vários dias. Sempre que olhava de relance para as ruas que rodeavam o palácio, Napoleão via o número de realistas crescer à volta das Tulherias, preparando o ataque iminente. Mas, à excepção das figuras cautelosas que se moviam atrás das barricadas, as ruas permaneciam mudas e desertas.

Ao meio-dia, regressou ao gabinete de Barras e distribuiu rapidamente os oficiais pelas suas várias posições. Mesmo os que eram seus superiores hierárquicos acataram ordens com um rápido aceno e apressaram-se a sair para assumir os seus postos. Quando o último deixou a sala, Napoleão virou-se para Barras e viu que, por detrás da jactância de político que antes exibira, o homem estava ansioso, espavorido até, e parecia resignado à derrota.

— Não se preocupe, cidadão. Temos uma posição forte e os homens estão preparados para o combate. De manhã, quando Danican fizer a sua investida, terá uma resposta muito maior do que esperava. Se conseguirmos reduzir os seus homens em pouco tempo, os sobreviventes acabarão por dispersar-se e fugir.

— E se não o fizerem?

— Nesse caso, teremos de defender o palácio, uma sala de cada vez.

— Compreendo. — Barras dirigiu-lhe um olhar inquisitivo. — E está preparado para morrer pela República, brigadeiro Bonaparte?

— Estou — respondeu Napoleão com firmeza, sorrindo. — De qualquer modo, não é relevante se me sinto ou não disposto a morrer pela República. As nossas vidas estão nas mãos do destino. Mas devo admitir que me sinto curioso por saber qual será o desfecho deste combate.

— Curioso? — Barras riu-se. — Valha-me Deus, homem! Você tem uns nervos de aço. E se, no final, ambos estivermos vivos, encarregar-me-ei de que a nação fique a saber o seu nome.

Com o entardecer, os realistas tornaram-se mais atrevidos. Homens isolados aproximavam-se furtivamente das Tulherias, pelos jardins, ou subiam até aos andares de cima dos prédios vizinhos, disparando a olho contra todos os rostos que surgiam às janelas do palácio. Quando o Sol começou a mergulhar na linha distante dos telhados, Napoleão olhou de soslaio para o outro lado dos jardins, e Junot murmurou, por entre dentes:

— Não me parece que Murat tenha conseguido chegar aos canhões. Os homens de Danican devem ter lá chegado primeiro.

— É melhor rezar para que não tenham. Caso contrário, as Tulherias serão reduzidas a escombros. Seja como for, está a ser injusto com Murat, Junot.

— Acha, senhor? Pensei que ele parecia um típico soldado de cavalaria. Deserto por combater. Muita garganta e pouco tino.

— Neste momento crucial, talvez isso faça de Murat o homem certo para a tarefa. É...

Napoleão foi interrompido pelo estridor de um tiroteio no extremo oposto dos jardins das Tulherias. Através das copas das árvores que ladeavam a avenida central, entreviu sombras a correr em ambas as direcções. Momentos depois, alguns cavaleiros investiram pela avenida abaixo, brandido as curvas prateadas dos seus sabres. Atrás deles, seguiam os canhões, todos engatados e puxados por parelhas de cavalos. Na cauda, vinha o corpo principal da cavalaria de Murat. Pararam a meio da avenida para descarregar as pistolas e carabinas, enquanto os ânimos mais corajosos entre os realistas se erguiam para disparar contra eles.

Napoleão virou-se para Junot.

— Está a ver? Não me enganei a respeito dele. Venha daí!

Na segurança do terreno, Murat já tinha desmontado e aguardava junto de uma das peças a que deitara a mão nas barbas dos rebeldes. Quan-

do Napoleão e Junot se aproximaram, deu uma palmada na traseira do canhão com as suas luvas de couro de cano alto.

— Aqui estão as peças que solicitou.

Napoleão riu-se e apertou a mão de Murat.

— Bom trabalho! Agora, estão no papo!

— Houve algum problema? — perguntou Junot.

— Problema? Nada de mais — respondeu o major, encolhendo os ombros com um ar despreocupado. — Os outros quase chegaram lá primeiro. Deviam ser três companhias de milicianos. Mas dispersaram assim que puseram os olhos numa espada.

Napoleão reparou no golpe fundo e sangrento na coxa de Murat e notou que vários cavaleiros estavam feridos. Era evidente que a história não fora bem o que Murat sugeria, mas Napoleão já estava há tempo suficiente no exército para saber que os melhores exemplares da cavalaria eram muito dados a estes eufemismos premeditados. Virou-se para examinar as bocas-de-fogo. Eram oito, todas peças de artilharia ligeira, como ele ordenara.

— Major, diga aos seus homens que coloquem dois canhões no terraço, para cobrir os jardins, e levem os outros para o terreiro à frente do palácio. Definirei pessoalmente as suas posições.

— Sim, senhor.

Antes de Murat se virar, Napoleão agarrou-lhe no ombro.

— Fez um bom trabalho, major. Quando isto tiver terminado, pode ter a certeza que toda a gente saberá da contribuição de Joachim Murat para a derrota dos traidores.

— Sim, senhor. Obrigado, senhor.

Murat não conseguiu evitar um sorriso pueril. Depois, fez continência, virou-se e afastou-se num passo enérgico para cumprir as suas ordens.

Já tinha anoitecido quando o último canhão foi colocado, com esforço, na posição certa, atrás das barricadas da entrada principal, que dava para o Carrousel. Entretanto, o céu enchera-se de nuvens carregadas e o ar estava frio e húmido. Quando começaram a cair as primeiras gotas geladas de chuva, Napoleão ordenou que se cobrissem os barris de pólvora com lonas enceradas. Era vital que houvesse pólvora seca para as armas na manhã seguinte. Sem o reforço da artilharia, as forças escassas e dispersas do governo não teriam hipótese.

A luz brilhava nos contornos das portadas da suite real onde Barras se acomodara para passar a noite com os seus associados políticos mais próximos, mas Napoleão não lhe levou a mal esse pequeno conforto. Era preferível que Barras não se aproximasse dos homens que protegiam o palácio, pois podia sentir-se tentado a dar ordens. Um granadeiro arran-

jara uma espada a Napoleão, e outro homem emprestara-lhe o seu capote. À meia-noite, quando a chuva fina se transformou num aguaceiro contínuo e glacial, instalou-se com as costas apoiadas na roda da carreta e cobriu bem os ombros com as dobras de lã espessa do capote. Proibiu-se a si mesmo de dormir, pensando que os realistas podiam tentar um ataque ao abrigo da intempérie. Mas não havia outro som a não ser o silvo incessante da chuva a bater no empedrado, num desfile cintilante de explosões em miniatura.

A chuva continuou a cair pela noite dentro e pela madrugada, enquanto os homens nos turnos de vigia perscrutavam a penumbra, tensos e alerta, à procura do mais ténue sinal de ataque. Quando a luz diáfana e leitosa da madrugada se estendeu pelo Carrousel, revelando alguns realistas ainda refugiados atrás das suas carroças, Napoleão acordou Junot, que adormecera cerca de uma hora antes, e disse-lhe que espalhasse a palavra ao longo da linha para que os homens se dirigissem aos seus lugares. Silhuetas humanas, encharcadas e trémulas, ergueram-se rigidamente atrás das barricadas, procurando os seus mosquetes. Os ouvidos apuraram-se, atentos a qualquer som que indicasse a aproximação das colunas de assalto dos realistas. Mas, as ruas continuaram desertas quando a madrugada deu lugar à luz turva da manhã, sufocada por um denso manto de nimbo escuros.

Junot regressou da sua tarefa e agachou-se ao lado de Napoleão.

— Há poucos sinais de movimento à volta do palácio, senhor. Parece que a informação de Barras não era exacta.

— Talvez não.

Napoleão coçou o queixo e olhou para o céu, vendo a chuva a abrandar. Por momentos, uma aberta fugaz permitiu que um único feixe de luz atravessasse, oblíquo, o Carrousel, desaparecendo em seguida. Napoleão sorriu.

— Talvez a chuva lhes tenha adormecido um pouco os espíritos. Afinal, muitos deles são apenas população. Mesmo a milícia tem pouca prática do terreno. Num dia como este, espetar os narizes para fora da porta é o máximo que conseguem suportar.

A manhã passou, e os defensores esperaram pelo ataque dos realistas com uma impaciência crescente. Pouco antes do meio-dia, o som dos tambores flutuou pelo Carrousel. Os homens à volta de Napoleão ergueram os seus mosquetes e apontaram a boca das armas às barricadas, à espera que o primeiro rebelde aparecesse. O rufar dos tambores foi crescendo aos poucos, até se ouvir o som de vivas a subir e a descer em vagas. Antes que o som crescesse ao ponto de abafar as suas ordens, Napoleão levantou-se e fez um cone com as mãos, à volta da boca.

— Nenhum homem dispara antes de a ordem ser dada! Se algum sangue tiver de ser derramado, deixem que a culpa seja dos realistas!

Atrás da carroça mais próxima, no Carrousel, levantou-se uma nuvem de fumo, e Napoleão agachou-se no preciso instante em que uma bala lhe assobiou por cima da cabeça.

— Bem — murmurou Junot, com um sorriso de orelha a orelha. — O problema da culpa já está resolvido. Podemos começar a matar os cana-lhas à vontade.

— Só quando eu der a ordem! — disparou Napoleão, numa voz irritada, enfurecendo-se de imediato consigo próprio por revelar o cansaço nervoso que sentia. Virando-se, bradou para a fileira de homens:

— Guarnições de artilheiros! Em posição! Carreguem com metralha! As coberturas de lona foram rapidamente puxadas para trás, e os artilheiros furaram os barris de pólvora e tiraram as cargas para fora. Assim que a pólvora foi calcada com as varetas, os pacotes de balas de ferro contidos em recipientes de lata foram enfiados na boca das armas, por cima da pólvora, e as guarnições prepararam-se para disparar.

O som dos tambores e dos vivas dos realistas, cada vez mais próximos, ecoou à volta dos edifícios virados para o Carrousel, e um dos homens perto de Napoleão esticou o braço.

— Aí vêm eles!

CAPÍTULO 6

Os realistas inundaram a avenida chegados da Rue Saint-Honoré e confluíram na Place du Carrousel. À cabeça da população, vinha um oficial vestido de branco com um chapéu garrido, de plumas. Segurava um estandarte onde as cores encharcadas dos Bourbon pendiam molemente. Seguiu-o um bando de tambores, martelando um compasso ensurdecedor. Os homens que vinham atrás não se esforçavam sequer por manter a formação, atravessando a praça com arrojo, a passos largos, em direcção ao palácio. Os milicianos, vestidos de azul, traziam mosquetes, bem como muitos voluntários realistas. O resto da população armara-se de bordões, machados, cacetes e facas. Agora que o inimigo estava à vista, os seus vivas atingiam o clímax.

Napoleão levantou-se e desembainhou a espada, erguendo-a bem alto, por cima da cabeça.

— Preparar para disparar!

Os mosquetes surgiram de ambos os lados, polegares puxaram os cães para trás e os defensores fecharam um olho e fizeram pontaria, visan-

do, ao longo dos canos compridos, a densa massa de rebeldes que avançava ao seu encontro. Os realistas não tentaram sequer conservar-se em linha e disparar uma salva. Por toda a frente da turba, multiplicavam-se explosões de chamas e nuvens de fumo, à medida que a multidão ia disparando livremente. Mas era impossível recarregar, porque os detrás empurravam a primeira linha para a frente.

— Não disparem! — gritou Napoleão, mantendo o braço erguido. De ambos os lados, balas de mosquete cruzavam os céus ou estilhaçavam o material de madeira ao longo da barricada, com estrondos ruidosos e repentinos. Ali perto, a cabeça de um jovem granadeiro saltou para trás e a amálgama de sangue salpicou uma face de Napoleão, enquanto o corpo tombava no empedrado.

— Firmes... — gritou Junot, próximo dali.

A turba lançou-se para a frente e o oficial vestido de branco abanou o estandarte de um lado para o outro, tentando sacudir as pregas ensopadas e inspirar os homens que o seguiam. Agora, já estavam suficientemente próximos para Napoleão ver que se tratava de um homem mais velho, com uma peruca empoeirada por baixo do bicorne.

Quando se encontravam a uns escassos setenta e cinco metros do portão do palácio, Napoleão deixou cair o braço que empunhava a espada e gritou a ordem:

— ABRIR FOGO!

No momento em que os mosquetes cuspiram chamas e fumo, depois de as pequenas secções da linha defensiva começarem a disparar à vez, as guarnições dos canhões baixaram os bota-fogos sobre os tubos de disparo e as armas rugiram, vomitando labaredas e longas colunas de fumo acre enquanto disparavam uma torrente de metralha contra a população. Logo a seguir, a infantaria e as guarnições dos canhões apressaram-se a recarregar.

Por momentos, os rebeldes desapareceram por completo atrás de uma parede espessa e ondulante de fumo de pólvora. Depois, quando a brisa a dissipou, Napoleão deparou-se com o terrível impacto daquela primeira rajada. Os quatro canhões tinham eliminado grandes alas da multidão, deixando uma grande quantidade de mortos e feridos espalhados pelo chão. Muitos outros rebeldes, por toda a frente da turba, tinham sido derubados pelos tiros dos mosquetes. Apenas um dos tambores ainda tocava o seu instrumento. Os outros, como a maior parte da multidão, olhavam aterrados para a ruína que os cercava. Os vivas morreram-lhes na garganta e estacaram de repente. Quando os gritos e lamentos dos feridos encheram a atmosfera, o encanto quebrou-se e o oficial vestido de branco içou o estandarte por cima da cabeça.

— À carga! Pela França e pela monarquia!

O oficial desatou a correr e os espíritos mais corajosos precipitaram-se atrás dele, direitos ao portão barricado e a tudo o que se situava para lá de Bonaparte. Por momentos, os olhares dos dois oficiais cruzaram-se, e depois Napoleão virou-se para dar uma nova ordem aos seus homens:

— Fogo à vontade!

Os defensores abriram fogo sobre a turba, numa longa e ribombante explosão de disparos que ressoou nos edifícios vizinhos e à qual se uniu, de novo, o estrondo dos canhões, atirando centenas de homens por terra. Como que por milagre, o oficial realista sobreviveu às rajadas e parou na barricada para plantar o seu estandarte, desembainhando a espada e brandindo-a no ar para reunir os homens mais próximos.

— Vamos lá! Uma carga e o palácio é nosso!

Junot pegou calmamente na pistola, levantou o cão, subiu para a barricada, apontou a arma ao peito do homem e disparou. O realista cambaleou para trás, com uma mancha de sangue vivo a alastrar-se pelo casaco branco. A sua espada caiu com estrondo no chão, e o estandarte vacilou e tombou para o lado, ao alcance de Junot. Apoderando-se da bandeira, atirou-a para longe, a uma pequena distância atrás da barricada.

— As primeiras baixas são nossas e um porta-bandeira já foi — gritou para Napoleão.

Mas este estava concentrado no inimigo. Ao lado do canhão mais próximo, indicava às guarnições que fizessem pontaria para a esquerda, onde uma secção da população, tendo conseguido escapar às primeiras rajadas de metralha, se acercava da barricada. O sargento responsável pela boca-de-fogo recuou um passo e disparou-a. O abalo provocado pela detonação trespassou os ouvidos de Bonaparte, enquanto o cone fatal de chumbo miúdo transformava as fileiras da frente em farrapos sangrentos. Enquanto isso, a infantaria de ambos os lados de Napoleão não parara de carregar e disparar os seus mosquetes contra a população, a uma distância que permitia atirar à queima-roupa, reduzindo o número de rebeldes. Lentamente, a multidão parou de avançar. Alguns homens ainda tinham sangue-frio para devolver os tiros, outros limitavam-se a brandir as armas e a gritar furiosamente os seus pregões realistas. Mas milhares já tinham começado a bater em retirada, com os olhos esbugalhados de terror perante o massacre que os cercava, apavorados com a perspectiva de partilhar o destino dos mortos e mutilados que atulhavam o empedrado do Carrousel. O pânico alastrou-se pela multidão como uma rajada de vento num campo de trigo e, pouco depois, todos debandavam, uns caindo ainda, perseguidos pelos disparos das forças de Napoleão.

E Napoleão esperou, até sobrarem apenas alguns rebeldes apinhados atrás das carroças que enchiam a praça, para ordenar o cessar-fogo. Os últi-

mos lençóis de fumo dissiparam-se, revelando aos defensores a verdadeira escala da chacina que tinham perpetrado. O terreiro à frente do palácio estava coberto pelos vultos imóveis dos mortos e pelos corpos convulsos dos feridos. Em redor, o sangue formava poças e tingia roupas e carne. Gritos sumidos de agonia e gemidos quase inaudíveis erguiam-se da carnificina.

— Valha-me Deus, que fizemos nós? — murmurou um artilheiro.

— O nosso dever — respondeu-lhe secamente Napoleão. — E, quando voltarem à carga, temos de fazer tudo outra vez. E outra, até lhes quebrarmos a vontade de insistir nesta traição. Portanto, volte a carregar e mantenha-se firme.

O artilheiro obedeceu com um aceno, ainda atordoado pelo pavoroso cenário que se estendia na praça em frente, mas cumpriu as suas ordens com a eficiência com que faria um exercício. Napoleão levantou-se e gritou para o resto das tropas:

— Recarregar!

O som de varetas a chocalhar nos canos dos mosquetes interrompeu brevemente os gritos dos feridos e, momentos depois, tudo sossegou uma vez mais ao longo da barricada diante do palácio. Um olhar de relance para ambos os lados mostrava que apenas cinco dos seus homens tinham sido abatidos, juntamente com alguns feridos que haviam sido transportados para o interior, até ao posto de socorro no grande átrio de entrada. Napoleão chamou tranquilamente Junot.

— Vá ter com Barras. Diga-lhe que rechaçámos o primeiro ataque. Palpita-me que a seguir tentarão um dos outros centros de resistência. Barras terá de enviar corredores aos outros comandantes, para lhes dizer que repelimos o primeiro ataque. Isso dar-lhes-á coragem.

Junot correu pelo pátio e desapareceu no interior do palácio, e Napoleão instalou-se, à espera que o inimigo desse o passo seguinte. Os realistas não perderam muito tempo. Meia hora depois, ouviu-se uma explosão repentina de tiros de mosquete, vindos da escola de equitação, pontuada, aqui e ali, pelo som abafado dos disparos de canhão. Por momentos, os soldados à volta de Bonaparte viraram-se, com rugas de ansiedade, para o lugar de onde vinha o ruído. Mas os sons do ataque cedo esmoreceram com um último disparo de canhão, o que significava que os defensores mantinham as suas posições.

Momentos depois, Junot regressou a correr para junto de Bonaparte.

— Eles estão a vir para aqui! Pela Rue Saint-Honoré.

Napoleão parou um instante para pensar, puxando o lóbulo da orelha. Os realistas já tinham sido obrigados a recuar por duas vezes, e o seu espírito combativo já devia ter perdido muita força. Ora bem, aquele ataque teria de ser o último. Chegara o momento decisivo e, uma vez venci-

dos, havia que persegui-los sem piedade, para que a rebelião fosse absolutamente esmagada.

Napoleão deu uma ordem seca a Junot.

— Vá à procura do major Murat. Quero-o a ele e aos seus homens montados e prontos no pátio, longe da vista das barricadas. Eles que esperem aí, até eu lhes dar a ordem para avançarem. Quando receberem essa ordem, terão de limpar o Carrousel e perseguir o inimigo o mais longe que puderem. Não devem fazer reféns nem mostrar qualquer piedade aos traidores. Certifique-se de que ele compreende isso. Quero que a população lá fora perceba claramente o que custa desafiar o governo.

— Sim, senhor — anuiu Junot, com um aceno. Depois, arriscou uma pergunta: — E se não conseguirmos segurá-los? Quais serão as ordens para o major, nesse caso?

Napoleão abanou a cabeça.

— Não vai acontecer... Mas, se acontecesse, Murat deveria cobrir a nossa retirada até ao palácio e, depois, acautelar a sua própria sobrevivência.

— Muito bem, senhor.

Junot fez continência e partiu a correr, deixando Napoleão de olhos postos no outro lado da barricada. Era possível que não conseguissem repelir mais um ataque, ponderou por instantes, mas abanou a cabeça, irritado. Não. Não se colocava sequer a hipótese de uma derrota. Era um disparate de Junot ter pensado nisso.

O som do regresso dos realistas ao longo da Rue Saint-Honoré foi aumentando até a cabeça da coluna voltar a entrar no Carrousel. Era evidente que alguém dirigia agora os atacantes: uma frente de milicianos formara-se na praça e, ao som de uma ordem, avançou firmemente em direcção ao palácio. O resto da população inundou o espaço atrás da frente de combate, incitando-os a avançar. Napoleão respirou fundo.

— Um último esforço, rapazes! Façam com que cada tiro conte. Apontem bem e matem todos os canalhas que conseguirem! Longa vida à república!

Alguns soldados repetiram o apelo e viraram-se para o inimigo com uma expressão resoluta. O batalhão da milícia alcançou o limite da zona juncada de corpos e de armas abandonadas e abrandou ao passar por cima dos camaradas mortos. A setenta e cinco metros das barricadas, os homens pararam, e o comandante gritou a ordem para que preparassem as armas. Com um estalido, os cães foram puxados para trás e as armas apareceram ao som da ordem de apresentar.

— Baixem-se! — gritou Napoleão.

Os defensores agacharam-se atrás da barricada. A ordem de abrir fogo foi instantaneamente abafada pelo estridor da rajada, e o fumo ocul-

tou a milícia enquanto as balas dos mosquetes atingiam os seus alvos, furando as barricadas ou zumbindo por cima das cabeças do inimigo. Um grito agudo ressoou à sua direita, mas Napoleão ignorou-o e levantou-se para dar ordens.

— Preparar! Abrir fogo!

De novo, os mosquetes e os canhões dispararam contra a praça, e tão espessa era, desta vez, a parede de fumo, que não se conseguiam ver os resultados da rajada. Enquanto os seus homens recarregavam, Napoleão ouviu o comandante da milícia a chamar os dele à carga. A maior parte dos defensores disparou às cegas para o fumo, até silhuetas de contornos vagos se desenharem fugazmente no horizonte e atravessarem a neblina, mesmo à frente da barricada. Cinco ou seis homens apareceram diante do canhão, ao lado de Bonaparte, e pararam bruscamente, arregalando os olhos para a boca escancarada da arma. Um segundo depois, o bota-fogo tocou na ponta do rastilho e os homens foram transformados em fiapos de sangue pela metralha.

A milícia apareceu ao longo da barricada, de baionetas apontadas para os defensores. As tropas do governo ergueram-se e defenderam-se do ataque, usando as baionetas ou brandindo os mosquetes como cacetes. Napoleão desembainhara a espada e o coração batia-lhe por todos os lados quando subiu para a barricada. À sua esquerda, um artilheiro envolvia-se num corpo a corpo contra um sujeito entroncado, de gorro preto. As baionetas roçavam uma na outra enquanto os dois homens mediam forças. Com um rugido, o miliciano afastou a arma do adversário para o lado, preparando-se para o trespassar com a ponta da sua. Napoleão interveio, atingindo o cano da arma com a sua espada, e o gume aterrou inofensivamente, com um baque, numa saca de farinha, rasgando-a. O granadeiro levantou, então, a coroa da arma e esmagou com ela o rosto do miliciano, que desabou com um grunhido. Sorrindo, agradeceu a Napoleão e virou-se para o atacante seguinte.

Por momentos, Napoleão viu que não tinha ninguém com quem se bater. Olhando de relance para ambos os lados, reparou que, embora os seus homens estivessem a aguentar a linha, o resto da multidão entrara a monte na retaguarda do batalhão da milícia. Muito em breve, o peso do número esmagaria os defensores.

Junot apareceu ao seu lado.

— Não está a ser fácil.

— Onde está Murat?

— A entrar no pátio, ali. — Junot apontou com o braço.

— Então, diga-lhe que ataque agora. Agora, ou o combate está perdido!

Quando Junot partiu, Napoleão desceu da linha de defesa e encheu os pulmões de ar.

— Granadeiros! Artilheiros! Recuem para o palácio! Recuem!

Os seus homens obedeceram-lhe de imediato, o melhor que podiam. Alguns saíram da barricada a correr, outros recuaram com as armas apontadas, prontas a combater os perseguidores. No meio do fumo espesso que cobria a frente de combate, a milícia não percebeu logo o que se passava e houve um compasso de espera, até um viva triunfante se espalhar pelas fileiras e os homens começarem a trepar com esforço a barricada rudimentar e a correr em direcção às tropas do governo. Napoleão acelerou, à cabeça dos seus, visando a escadaria que conduzia à entrada principal. Subindo as escadas a quatro e quatro, virou-se para os seus soldados ao chegar ao cimo.

— Formação, aqui! Depressa, raios!

Os homens viraram-se e apressaram-se a formar fileiras, de baionetas baixas, para receber os realistas que afluíam ao pátio em torrente. Cada vez mais enchiam o espaço aberto, ansiosos por chacinarem os responsáveis pelas severas baixas de há pouco. Mas nunca conseguiram passar da escadaria. O estridor de cascos a percorrer o pátio deteve-os na sua perseguição e, ao virarem-se para trás, os gritos de triunfo emudeceram-se-lhes na garganta. Avançando sobre eles, uma linha de hussardos ganhava velocidade, com as longas lâminas curvas pousadas nos ombros dos cavaleiros. À cabeça, vinha Murat, alto e imponente na sua sela. Perto da franja da população desgovernada, Murat brandiu a espada no ar, com ela descreveu um arco para baixo e inclinou-se para a frente, esporeando a sua montada.

Os realistas viraram-se e fugiram o mais depressa que podiam. Enquanto corriam, libertavam-se das armas, lutando com os companheiros para escapar ao terrível destino que abria caminho pelas suas fileiras. Das escadas, os defensores zombaram do inimigo. Fiéis às suas ordens, os homens de Murat não mostraram qualquer piedade enquanto golpeavam e despedaçavam os homens que corriam à sua frente, ceifando-os aos molhos. Por fim, alcançaram a linha da barricada e a parede de fumo que lentamente se dissipava, saltaram com as montadas por cima dos barris e das sacas de farinha e desapareceram no nevoeiro. Os sons da perseguição voaram para longe do palácio, atravessando a praça e subindo as avenidas entre a Rue Saint-Honoré e o rio Sena. Napoleão apercebeu-se, de repente, do frio e cansaço que sentia. A espada tremia-lhe na mão e estava a fazer um esforço para não largar o cabo. Enquanto embainhava a lâmina, ouviu passos atrás de si e virou-se, vendo Paul Barras descer a escadaria ao seu encontro, de braços estendidos e um sorriso de orelha a orelha.

— Bonaparte! Meu caro Bonaparte! Conseguiu! Estão a fugir como

os cobardes traidores que são. Murat esmagá-los-á como se fossem vermes. — Chegando ao pé de Napoleão, abraçou-o. — A França está salva. Graças a si. Tudo graças a si.

À volta deles, os soldados desviaram os olhos da medonha carnificina resultante da perseguição de Murat e gritaram vivas. Alguns levantaram os chapéus no ar, na ponta das baionetas, unindo-se na saudação ao comandante, que ali estava, poucos degraus acima deles, nos braços do homem mais poderoso da França.

CAPÍTULO 7

Nos dois dias que se seguiram, a rebelião realista desmantelou-se, à medida que as tropas do governo iam perseguindo todos os seus seguidores. A maior parte já fugira para os subúrbios e campos circundantes, onde se tornara inofensiva. Com o centro de Paris devolvido ao controlo do governo, Barras apressou-se a desarmar todas as secções, mesmo as que se tinham mantido fiéis. Todas as armas de fogo, lanças e espadas teriam de ser entregues aos municípios locais. Quando o povo de Paris regressou às ruas, Barras anunciou o seu triunfo à Assembleia Nacional. Exibiu em parada os oficiais que tinham esmagado a tentativa de golpe e agradeceu-lhes publicamente a sua contribuição para a derrota dos realistas. Mas, mesmo enquanto o fazia, Napoleão reparou que não destacara o nome de nenhum deles. Barras decidira ficar com os louros para si, e assim teria acontecido, se não fosse a intervenção de um dos deputados, que se levantou e propôs um voto de agradecimento ao «general Bonaparte». Procurando disfarçar a irritação, Barras concedeu o voto. No final do dia seguinte, Paris inteira sabia do brilhante oficial que salvara a França dos Bourbon. Para poupar às pessoas a confusão de explicar que Bonaparte era, na verdade, apenas um brigadeiro, Barras acelerou a sua promoção a general.

E assim, uma semana depois de a tempestade de metralha ter varrido o solo diante do palácio das Tulherias, Napoleão estava instalado no gabinete amplo e confortável que lhe fora atribuído, a contemplar essa mesma praça. Custava-lhe acreditar na reviravolta que a sua sorte sofrera nos poucos dias precedentes. Barras nomeara-o segundo comandante do Exército do Interior. Com um vencimento copiosamente melhorado, pudera sair do quarto miserável que alugava no bairro degradado, para uma requintada residência oficial, no Hôtel de la Colonnade, no centro da cidade. Tinha criados, uma nova carruagem, novos cavalos e um uniforme de bom corte, embora carecesse do vistoso galão dourado que o major Murat tanto parecia apreciar. Napoleão deixara de ser um obscuro oficial de artilharia

para se tornar o homem mais badalado de Paris, cuja presença era requisitada em quase todos os bailes e salões da capital. Sorriu de si para si. Até a presumida *Madame* de Staël condescendera em enviar-lhe um convite para visitar a sua casa. A vida era boa, cogitou. Agora, só precisava de uma nomeação no exército à altura dos seus talentos e ambições. Disso e, talvez, de uma mulher.

Alguém bateu à porta e Napoleão endireitou-se na cadeira e exclamou:

— Entre!

O seu secretário, um homem magro de óculos, entrou no gabinete.

— General, está ali fora um rapaz que deseja vê-lo.

— Um rapaz? Como se chama?

— Eugène Beauharnais, diz ele.

— Beauharnais? — Napoleão franziu o sobrolho. — Não conheço o nome. Ele disse-lhe por que razão me queria ver?

— Um pedido especial, relacionado com a espada do seu falecido pai.

Esta informação despertou a curiosidade de Napoleão. Preparava-se para mandar o rapaz embora, mas decidiu conceder alguns minutos àquele Eugène Beauharnais.

— Muito bem. Recebê-lo-ei agora.

— Sim, general.

O secretário desapareceu e, instantes depois, a porta voltou a abrir-se, revelando um rapaz alto e bonito, na sua tenra adolescência. Tinha uns olhos grandes e claros e uma testa alta, coroada de caracóis castanhos. Graciosamente, fez uma vénia.

— Um bom dia para si, general Bonaparte.

Napoleão respondeu com um aceno, sem se levantar.

— E para si, cidadão Beauharnais. Em que posso ser-lhe útil? Disse-me que se tratava de um assunto relacionado com a espada do seu pai.

— Sim, senhor. A minha mãe enviou-me para pedir que a nossa família seja autorizada a conservar a espada.

— Lamento, mas deve conhecer os termos do decreto de desarmamento da Assembleia?

— Conheço, sim, senhor. — O rapaz parecia angustiado. — Mas a espada é uma das poucas recordações que a família ainda tem do meu pai.

— O que aconteceu ao seu pai?

— Foi executado na guilhotina, no ano passado, senhor.

— Por que motivo?

— Estava no comando da guarnição de Metz quando esta caiu. O Comité de Segurança Pública acusou-o de traição. Enfim, o senhor sabe como eram as coisas no tempo de Robespierre.

Napoleão sabia. Todo o revés militar era recebido com desconfiança, e os representantes do Comité mostravam-se impiedosos a punir o fracasso, de maneira a instigar outros comandantes a alcançar o êxito. E ei-lo, o custo humano dessa estratégia — a dor de uma família inocente. Napoleão sentiu alguma compaixão pelo rapaz e pela mãe. Já tinham sacrificado o suficiente pela França para ainda serem obrigados a desfazerem-se de uma memória preciosa do que haviam perdido.

— Muito bem, jovem Beauharnais. Conservarão a espada. Presumo que já tenha sido confiscada?

— Foi levada da nossa casa ontem.

— Então, deve estar na prefeitura mais próxima. Deixe o seu endereço ao meu secretário e farei com que lha devolvam com a maior brevidade possível.

O rapaz inclinou a cabeça.

— Os meus sinceros agradecimentos, general. E os da minha mãe também.

Napoleão sorriu.

— A sua mãe deve ter orgulho em si, Beauharnais. Tenho a certeza de que, quando crescer, será um bom soldado, com a espada do pai sempre ao seu lado.

— É essa a minha ambição, senhor.

Eugène devolveu-lhe o sorriso e virou-se para a porta, saindo do gabinete.

No dia seguinte, ao meio-dia, Napoleão recebeu uma outra visita. Quando Josefina Beauharnais foi conduzida ao seu gabinete, o general levantou-se num ápice, fazendo a vénia mais graciosa que lhe foi possível. Assim que voltou a endireitar-se, os seus olhos penetrantes examinaram-na minuciosamente. Era uma mulher alta, longilínea, com um bonito rosto ossudo e um nariz pequeno, ligeiramente arrebitado. Os olhos vivos escrutinaram-no de volta.

— Minha senhora, o que posso fazer por si?

Ela sorriu.

— Já fez o suficiente pela minha família, general, ao permitir que conservássemos a espada do meu falecido marido.

A voz era baixa e calorosa e Napoleão sentiu-se imediatamente intrigado pelo tom e maneira ponderada de falar. Com um gesto, desvalorizou o seu contributo.

— Era o mínimo que eu podia fazer pela família de um companheiro de armas. Cuide apenas que o seu belo filho siga as pisadas do pai.

Josefina sorriu vagamente.

— Não até à guilhotina, espero.

Napoleão ficou surpreso com aquele mórbido gracejo e riu-se nervosamente.

— Não, claro que não. A sua família já sofreu o suficiente pela França — acrescentou solenemente, arrependendo-se em seguida do tom pomposo que utilizara.

— Sim, suponho que sim — confirmou Josefina, com um aceno. — Mas os tempos não são fáceis quando a nação está em guerra e a morte leva todos no seu abraço, sem olhar à idade, ao sexo, à inocência. Se a morte de Robespierre tivesse chegado mais tarde, eu teria certamente seguido o destino do meu querido Alexandre e os meus filhos seriam órfãos desamparados.

A mulher tinha um discurso hábil, notou Bonaparte. Havia uma rouquidão muito bem estudada nas suas últimas palavras. A não ser que fosse genuína. Estes pensamentos, tão pouco galantes, envergonharam-no, e tentou disfarçar o que sentia contornando rapidamente a secretária e puxando uma cadeira para a sua visita.

— Por favor, minha senhora, sente-se.

— Obrigada, general — replicou Josefina, com um ligeiro estremecimento na voz. — Peça-lhe desculpa por aparecer neste estado à sua frente. Asseguro-lhe que não costumo ser tão... emotiva.

Josefina baixou a cabeça e Napoleão viu que os seus ombros tremiam. Quando se inclinou para a frente, os olhos dele pousaram na pele macia e branca visível através do decote e, quando o peito subiu com um soluço, teve de fazer um esforço para desviar o olhar embaraçado e fixá-lo no topo do penteado cuidadosamente preso com ganchos.

— Minha senhora, por favor. Não tem de desculpar-se. Não depois de tudo aquilo por que deve ter passado.

— Não, não! Tenho de pedir-lhe desculpa. Vim apenas agradecer-lhe a amabilidade e estou a fazê-lo perder o seu precioso tempo com os meus disparates. — Com um movimento rápido e delicado da mão, munuiu-se de um lenço rendilhado e secou os olhos com pequenos toques. — Tenho de ir. Não tenho o direito de incomodar um homem com tão graves responsabilidades. Perdoe-me.

Bruscamente, Josefina levantou-se da cadeira, e Napoleão deu por si, de repente, a olhá-la directamente nos olhos. Havia inteligência naquela expressão e sensualidade na curva delicada dos lábios. Um aroma encheu-lhe as narinas com uma doçura almiscarada que lhe aticou o ventre. Dando um passo atrás, inclinou a cabeça.

— Como desejar, minha senhora. Deseja que mande chamar a sua carruagem?

— Carruagem? — Ela levantou-se, e ele reparou num ténue sinal de aflição no seu rosto. — Não tenho carruagem, general. Vim a pé até aqui.

— Ah... Nesse caso, permita-me, por favor, que mande chamar a minha. Levá-la-á a casa.

Os cantos dos lábios de Josefina curvaram-se num sorriso de gratidão.

— O meu general é um verdadeiro cavalheiro. Mais uma vez, fico em dívida para consigo. Talvez possa retribuir-lhe pedindo-lhe que me venha fazer uma visita?

— Sim, teria muito gosto. Se não for um incómodo, é claro.

— Serei eu a autora desse incómodo, abusando do tempo valioso do herói da França.

Napoleão abriu a boca para falar, mas, por uma vez, nenhuma palavra lhe veio à ideia e teve de procurar uma réplica, acabando por dizer bruscamente:

— Irei assim que puder.

Josefina esboçou um sorriso ténue.

— Fico à sua espera. Cuidarei que o seu cocheiro tome nota da minha morada.

Depois, virou-se e saiu. Enquanto a porta se fechava atrás dela, Napoleão recebeu um último bafejo do seu perfume. Inspirou-o profundamente, antes de este se desvanecer, deixando-o ficar apenas com a memória daquela mulher que lhe aquecia o sangue e acelerava o coração, enquanto recordava a brancura leitosa dos seus seios.

CAPÍTULO 8

Na semana seguinte, Napoleão tratou de mostrar aos descontentes de Paris que a revolta chegara ao fim. Colocou soldados em todos os cruzamentos principais e edifícios públicos, e dispôs peças de artilharia à vista de todos, de maneira a que as bocas escancaradas das armas dominassem as avenidas mais importantes. Ao mesmo tempo, convocou tropas regulares do Exército da Vendée e algumas reservas para reforçar as unidades da Guarda Nacional em Paris.

Porém, não se esqueceu da promessa que fizera à mãe de Beauharnais e, assim que a espada foi localizada, ordenou que a trouxessem ao seu gabinete. No dia seguinte de manhã, partiu na sua carruagem para o endereço na Rue de La Chaussée-d'Antin. Quando aquela se deteve à porta de um edifício de proporções generosas, Napoleão sentiu o coração bater mais depressa. Ao descer da carruagem, compôs a casaca e as calças, olhando de relance para as botas, para se certificar de que o lustro baço que encomen-

dara a um dos seus criados continuava imaculado. Depois, respirando fundo, caminhou até à porta e deu uma pancada seca e breve com o batente. Houve um compasso de espera, durante o qual teve tempo para pensar que Josefina Beauharnais podia não estar em casa, mesmo àquela hora do dia.

Mas, a porta abriu-se, e surgiu uma mulher mulata com um lenço vermelho-vivo na cabeça. Ela observou-o, de olhos semicerrados.

— Senhor?

— A senhora Beauharnais está em casa?

— Está sim. — A voz da mulher tinha uma melodia e um ritmo peculiares que Napoleão não conseguiu situar. — Quem devo dizer que pergunta por ela?

— General Bonaparte.

Napoleão lançou a cabeça para trás enquanto se anunciava.

— General, foi o que disse? — A mulher observou-o com um ar trocista. — Por favor, aguarde aqui, general. Vou ver se a senhora pode recebê-lo.

Napoleão foi instalado num sofá baixo, no átrio de entrada, mesmo ao pé da porta. Havia mais dois lugares sentados, na parede em frente, e ele deduziu, com algum desânimo, que Josefina devia ter o hábito de receber muitas visitas. O leve martelar de pés descalços no lance de escadas, no fundo do corredor, atraiu a sua atenção. Virando-se, viu uma rapariguinha a descer, correndo na sua direcção. Josefina apareceu atrás dela e chamou-a:

— Hortense! Volta imediatamente cá acima. Tenho de escovar-te o cabelo antes de saíres.

— Mas eu quero ver o herói, mãe!

Josefina olhou para além da filha e corou ao ver Napoleão.

— Perdoe-me. Tenha paciência por um instante, por favor.

— Com certeza. — Napoleão não conseguiu evitar um sorriso. — Parece que tem um motim entre mãos.

Josefina levantou os olhos.

— Nem imagina. Vamos, Hortense, vamos voltar para o quarto.

A filha deu uma última vista de olhos ao visitante e subiu as escadas aos pulinhos. Josefina pegou-lhe na mão com firmeza e apontou para os sofás.

— Sente-se, por favor. Descerei num minuto.

Assim que ela saiu, Napoleão esperou no átrio de entrada, reparando na cor desbotada das cortinas e no fio esboroado dos tapetes sobre o ladrilho lascado do chão, sinais inequívocos do declínio financeiro da família Beauharnais. Por fim, os sons delicados da tagarelice entusiasta da rapariguinha esmoreceram e uma porta fechou-se algures, nas traseiras da casa. Momentos depois, ouviu passos a descer as escadas e olhou para cima.

Josefina trazia um roupão de seda e não parecia que tivesse muita roupa por baixo, a julgar pelo modo como este se colava às curvas do seu corpo. O cabelo fora cuidadosamente preso, com ganchos, atrás. Napoleão teve de engolir em seco antes de poder devolver a saudação que ela lhe fizera.

— Então, o meu general veio finalmente visitar-me. — Os seus lábios descerraram-se num sorriso. — Temi que tivéssemos sido esquecidos, no meio dos apelos do público pela sua atenção.

— Prometi trazer-lhe a espada do seu marido, e aqui está ela. — Estendeu-a a Josefina. O olhar desta demorou-se na bainha. Depois, erguendo-a com ternura, encostou-a ao peito.

— Os meus agradecimentos, general. Não faz ideia do que esta espada significa para mim, para a minha família. Ficarei eternamente em dívida para consigo.

Seguiu-se um silêncio constrangedor, até Napoleão tossir.

— Bem, penso que terei de retirar-me.

— Oh...

O sorriso de Josefina esmoreceu.

— A não ser que...

— Por favor, acompanhe-me numa bebida — precipitou-se, efusiva. — Isto é, se puder conceder-me esse tempo.

Napoleão aceitou, com um aceno.

— Acompanho, sim, obrigado.

Josefina olhou de relance para a espada, percorreu o espaço à sua volta e, num gesto rápido, pousou-a numa mesa de apoio com tampo de mármore, fazendo algum ruído. Depois, abriu uma porta para uma pequena sala de estar, escassamente mobilada.

— Por aqui, por favor.

Napoleão entrou na sala, atravessou-a em direcção a um dos dois sofás de dois lugares, acolchoados e macios, e, descontraído, sentou-se. Ainda era mais suave do que parecia e deixou-se afundar nas almofadas. Josefina virou-se para o fundo do corredor e chamou:

— Hesther! Café na saleta.

Depois, entrou na sala e fechou a porta atrás de si, dirigindo-se ao mesmo sofá que escolhera o seu convidado e sentando-se na almofada livre, com a coxa quase a tocar na de Napoleão.

Josefina fitou-o, com um ar preocupado.

— General, sente-se bem?

— Sim, óptimo. Porquê?

— Parece-me um pouco febril.

— Sinto-me muito bem, obrigado. Está calor aqui dentro.

— Tanto assim? Deve ser isso, então. — Deu-lhe uma palmadinha no joelho. — Sendo assim, não preciso de me preocupar.

Napoleão abanou a cabeça e forçou um sorriso; depois, consciente de que o seu olhar se demorava no corpo dela mais tempo do que seria conveniente, desviou-o para o resto da sala e viu um retrato em miniatura, numa moldura, por cima da lareira. Levantando-se, aproximou-se deste.

— É Paul Barras, não é?

— Sim. É um bom amigo meu.

— Bem me parecia ter reconhecido a cara — replicou. Na verdade, a miniatura beneficiava Barras. — É seu amigo, como diz?

— Paul tem sido muito amável comigo. Desde que o meu marido foi executado, tornou-se o meu galante protector. Foi Barras quem me devolveu uma grande parte dos bens confiscados depois da morte de Alexandre. Devo-lhe muito. E agora ele deve-lhe ainda mais a si, segundo consta.

— Tolices. Limitei-me a cumprir o meu dever.

— Naturalmente. Mas isso não altera o facto de que, sem a sua intervenção, o mais certo seria que a cabeça de Paul rolasse.

Napoleão encolheu os ombros.

A porta abriu-se e Hesther entrou no quarto com um tabuleiro de prata, onde fumegavam duas chávenas de café. Depois de o pousar numa mesa de apoio, saiu da sala. Josefina bateu na almofada ao seu lado.

— Venha. Sente-se e tome o seu café. Peço sempre que o façam forte e adoçado com duas colheres de açúcar. Negro como o diabo e doce como um beijo roubado, como dizem na Martinica. Espero que goste.

Voltando a instalar-se no sofá, Napoleão pegou na chávena oferecida e sorveu com delicadeza o seu conteúdo negro. Estava quente. Mas não demasiado, e o sabor era surpreendentemente macio e agradável.

— É bom. Muito bom.

Josefina sorriu.

— Fico muito feliz por ter gostado. Penso que descobriremos muitos outros pontos em comum, no futuro...

Na passagem do Outono ao Inverno, Napoleão dispôs de todo o tempo livre para visitar aquela mulher que tanto poder exercia sobre o seu desejo e sobre as suas emoções. Alguns dias depois de ter devolvido a espada, foi convidado para jantar e, ao chegar, viu que era o único conviva. A refeição era um exemplo fascinante de uma cozinha denominada Crioula, muito mais condimentada e exótica do que os cozinhados que Napoleão normalmente se permitia a si próprio. Jantaram à luz das velas e de um pequeno fogo na lareira, e a conversa fluiu como os ponteiros do relógio a um canto da sala, que pareciam a Napoleão voar com as horas, até já ter passado da

meia-noite. Por fim, chamou a sua carruagem e, enquanto esperavam no pequeno lance de escadas à porta de casa, Josefina pousou-lhe, de súbito, as mãos nos ombros e puxou-lhe delicadamente o rosto, para o beijar.

Quando os seus lábios se tocaram, Napoleão sentiu uma calorosa onda de prazer. Primeiro, não se atreveu a mexer os lábios com demasiada insistência, mas, quando ela pressionou os dela contra os seus, os pulmões absorveram o perfume de Josefina e o aroma dos cabelos, do seu corpo. Sentiu-a macia, encostada a si, e cedeu à paixão que sentia por essa mulher que o enfeitiçara, deixando que as suas mãos lhe deslizassem pelas costas e puxando-a para si. Então, sentiu a língua dela, suave, explorando os seus lábios, e fechou os olhos, sabendo que nunca nenhum momento fora tão perfeito como aquele, ou voltaria a ser.

Quando os seus lábios se afastaram, encostou o nariz ao rosto dela, ao seu pescoço e segredou-lhe ao ouvido:

— Josefina... meu amor.

— Acabou-se a senhora Beauharnais? — brincou ela, num sussurro.

— Agora, és Josefina. A minha Josefina.

— Agrada-me.

Ela beijou-o outra vez e murmurou:

— Não partas agora. Fica até de manhã...

Em Novembro, o resto da família de Napoleão chegou a Paris. Enviara notícias do seu êxito à mãe, Letizia, para a moradia que ela alugava perto de Marselha. Letizia ainda estava ressentida por ter perdido a sua casa e todos os seus bens, quando a família se vira obrigada a fugir da Córsega, dois anos antes. Napoleão e os irmãos, também partidários dos seus ideais revolucionários, tinham-se manifestado contra Pascal Paoli. Com o apoio dos Ingleses, este tornara-se, na prática, o ditador que governava a ilha, e a família escapara por um triz à fúria assassina da população que o apoiava. Napoleão sabia que a mãe atirava as culpas do seu infortúnio à França em geral e à revolução em particular. No entanto, fora essa mesma revolução que dera a Bonaparte a hipótese de revelar-se, e ansiava por mostrar à mãe, e ao resto da família, os resultados da sua notoriedade e boa fortuna. Agora, podia dar-lhes conforto a todos.

Quando o irmão mais velho de Napoleão, José, entrou pela porta da sua nova casa e o encontrou vestido com o seu uniforme de general, lágrimas de um orgulho genuíno despontaram-lhe nos cantos dos olhos, antes de o abraçar.

— Se o pai te pudesse ver agora!

Napoleão concordou, com um aceno. O pai deles, Carlos, fizera grandes sacrifícios para enviar os dois filhos mais velhos para boas esco-

las francesas. Um destino cruel quis que ele tivesse morrido cedo de mais para assistir aos seus êxitos. José soltou Napoleão e afastou-se para o lado, permitindo a Letizia e aos outros irmãos e irmãs que o rodeassem. Havia Lucien, o irmão seguinte, cujo nome já era conhecido em Marselha, onde apoiara a política radical do partido jacobino. Louis e Jérôme já frequentavam uma escola perto de Paris. As irmãs, Caroline, Pauline e Élisabeth cercaram-no, admirando o melhor casaco do seu uniforme, com o galão cintilante que o distinguia como general.

Letizia esperou até ser a última a beijar o filho formalmente, na face.

— Eu sabia que eras capaz de alcançar a grandeza. Mas, conserva os pés na terra, meu filho. Há pessoas neste mundo que tentarão usar-te, e a tua nova posição, para atingirem os seus próprios objectivos.

— Mãe! — riu-se Napoleão. — Sou um homem adulto, agora. Já sei cuidar de mim.

— Tu és filho do teu pai — retorquiu Letizia, com lassidão. — E sei como ele se deixava enganar facilmente.

Napoleão franziu o sobrolho.

— Não sou nenhum tolo, mãe.

— Veremos.

Perante a prepotência da mãe, Napoleão deixou passar quase um mês inteiro até revelar à família que tencionava casar-se.

CAPÍTULO 9

— Parabéns, senhor! — exclamou Murat, sorridente, dirigindo-se a eles a passos largos, no átrio da casa da senhora Sinoir. — Ela é uma mulher de sorte.

Napoleão gelou e sentiu a mãe crispar-se ao seu lado, enquanto ele replicava:

— Obrigado, Murat.

— Bem, tenho de ir, senhor. Alguns de nós, celibatários, ainda têm uma vida amorosa atarefada.

— Sim — disse Napoleão, fulminando-o com o olhar. — Não o vou reter.

Assobiando desafinadamente para si próprio, Murat afastou-se. Napoleão apressou-se a conduzir a mãe à porta que comunicava com o salão.

— Vais casar-te? — perguntou Letizia, em voz alta, ao entrarem na sala apinhada. — Com quem?

Alguns convidados viraram-se, por momentos, e olharam na direc-

ção de Letizia, retomando depois as suas conversas. Napoleão estremeceu e a mãe reparou imediatamente na sua reacção.

— Foste tu quem teve a ideia de trazer-me aqui. Faz-me o favor de teres a delicadeza de não te sentires envergonhado pela minha presença. Especialmente numa situação como esta, em que só agora decidiste dar-me a notícia.

— Sim, mãe.

Napoleão adiará aquele momento o mais possível, mesmo depois de já ter combinado trazê-la ao salão para lhe apresentar Josefina.

— Ora, muito bem. Quem é essa mulher com quem pensas que queres casar-te?

— Chama-se Josefina Beauharnais — respondeu calmamente. — É uma viúva com dois filhos, bem relacionada, inteligente e espirituosa. Será uma bela esposa e, um dia, espero que venha a ser a mãe dos meus filhos. E está ali.

Napoleão apontou para uma mesa onde Josefina estava a jogar às cartas, com Paul Barras e dois jovens oficiais de cavalaria.

Letizia semicerrou os olhos.

— Parece mais velha do que tu.

— E é — confessou Napoleão.

— E está a namoriscar com aquele homem.

— Aquele é Paul Barras. Um velho amigo dela.

— É mais do que isso, diria eu — murmurou Letizia, por entredentes.

Napoleão franziu o sobrolho e, virando-se bruscamente, acenou com a mão, procurando atrair o olhar de Josefina. Esta levantou os olhos das cartas e sorriu-lhe. Napoleão fez-lhe sinal e, pedindo brevemente licença aos companheiros, Josefina levantou-se da cadeira e atravessou a sala na sua direcção.

— Chamaste-me, meu amor?

— Sim. — Napoleão sentiu-se levar ao ouvir as suas palavras. — Gostaria de apresentar-te a minha mãe.

Josefina sorriu graciosamente e curvou a cabeça.

— Napoleão falou-me muito de si e do resto da família. É como se já a conhecesse.

— E eu não sei praticamente nada a seu respeito — replicou secamente Letizia, com o seu acentuado sotaque corso. — Mas tratarei de descobrir tudo aquilo que puder.

— Mãe...

— Oh, não te preocupes! — interrompeu Letizia, virando-se de novo para Josefina, com um sorriso forçado. — Interesse-me sempre por saber

um pouco mais acerca de qualquer pessoa que possa vir a fazer parte da nossa família. Tenho a certeza de que compreenderá.

— Claro — replicou Josefina. — É o instinto natural de qualquer mãe. Especialmente a mãe de um dos mais promissores militares de França.

— Precisamente. É importante que Napoleão se case bem. Com alguém que esteja à altura da sua reputação.

Napoleão sentiu o estômago contrair-se de vergonha. Desejou nunca ter proposto aquele encontro. Mas, era inevitável, concluiu. A família de um homem e a sua mulher não podiam continuar separadas para sempre. Infelizmente. Olhou de relance para Josefina e abanou discretamente a cabeça, sugerindo que ela não levasse a peito a brusquidão da sua mãe.

— Compreendo — retorquiu Josefina, num tom neutro. — Senhora Bonaparte, asseguro-lhe que a minha família é tão respeitável como qualquer outra em França e tem-no sido há gerações e gerações. — Fez uma pausa e retomou, num tom caloroso. — Como, aliás, tenho a certeza de que acabará por verificar por si mesma, quando se instalar em Paris. Deve estar a sentir alguma dificuldade em adaptar-se a um mundo tão sofisticado, depois de ter passado uma vida inteira na Córsega, não é assim?

Letizia deitou-lhe um olhar furioso e Josefina prosseguiu:

— Teria muito gosto em apresentá-la, a si e à sua família, a Paris, se o desejar. Pode ser um mundo perturbador para quem vem da província e, para mim, seria naturalmente um prazer ajudar a família do meu marido a entrar na sociedade elegante.

Josefina fez um sorriso doce e virou-se para Napoleão, enfiando a mão no braço deste.

— Napoleão — disse-lhe Letizia, apressada. — Sinto-me cansada. Leva-me para casa, por favor.

— Mas, acabámos de chegar.

— Bem, acontece que não me sinto bem. Vem — disse ela.

Napoleão aquiesceu e apertou delicadamente a mão de Josefina.

— Volto mais tarde.

Ela respondeu-lhe com um aceno e virou-se para Letizia.

— Foi um prazer conhecê-la, senhora Bonaparte. Ainda que fugazmente.

— Oh, penso que teremos tempo de sobra para nos conhecermos melhor — retorquiu Letizia, agarrando o braço de Napoleão. — Por favor, queira desculpar-nos. Tenho a certeza de que os seus amigos já sentem a falta da sua companhia.

Josefina despediu-se com um sorriso e virou-se. Quando já estava longe, Napoleão sussurrou para a mãe:

— O que pensas dela?

— Não creio que seja mulher para ti.

— Ela é para mim — replicou ele, num tom sério. — É tudo o que sempre quis numa mulher.

— Não discutirei este assunto aqui, à frente destas pessoas. Mais tarde, quando chegarmos a casa.

Napoleão cruzou os braços e encostou-se à janela, de frente para a mãe, José, Lucien, Caroline e Élisabeth, que estavam sentados nas cadeiras da sua pequena saleta.

— Que reputação tem esta mulher? — disparou Letizia. — Se estivéssemos em Ajaccio, eu sabê-lo-ia imediatamente e seria capaz de decidir se ela era ou não digna de ti. Mas aqui, em Paris? Do que tenho visto, quase ninguém tem uma boa reputação. As mulheres divertem-se como prostitutas. Por isso, pergunto-te de novo, Napoleão, qual é a sua reputação?

Napoleão sentiu uma onda de raiva a rasgar-lhe o peito e teve de morder os lábios com força, para não praguejar. O momento passou e ele respondeu-lhe, numa voz serena.

— Isto não é Ajaccio, mãe. É Paris. Aqui, a vida é vivida de uma maneira diferente. Os velhos costumes morreram e as pessoas agora comportam-se de um modo mais liberal.

— Liberal, sem dúvida. Puf! Devassidão, pura e simples. Os corsos são melhores do que isso.

— Mãe — interveio José. — Para o melhor e para o pior, agora somos franceses. Temos de viver segundo outros padrões.

— Temos de baixar os nossos, queres tu dizer.

José ignorou-a e virou-se para o irmão mais novo.

— A verdadeira questão é: Napoleão ama-a? E ela, ama Napoleão?

— Amor? — repetiu Letizia, rindo-se. — O que sabem vocês do amor? Primeiro, vêm as razões válidas para o casamento, e o amor só cresce depois. Não duvidem de que é assim que os casamentos funcionam. Se fizerem tudo ao contrário, não passará de um entusiasmo infantil e efémero, que vos deixa apenas com uma certidão no bolso e uma vida inteira de dever. Napoleão!

— Sim, mãe?

— Essa Beauharnais, o que sabes tu acerca dela?

Antes que Napoleão pudesse responder, Lucien tossiu e agitou-se.

— Eu ouvi algo a seu respeito — disse, sorrindo. — Tenho passado algum tempo no clube jacobino, a tentar apalpar ao máximo o terreno político.

— Ai sim? — Letizia olhou para ele fixamente. — E será sensato, dado o jeito que tens para te meteres em sarilhos?

Lucien olhou para os sapatos, envergonhado com a memória do seu inoportuno panfleto radical, que tanto fizera para arruinar a fortuna da família, em Ajaccio.

A mãe bateu com o pé no chão, impaciente.

— Então, diz lá o que sabes acerca desta mulher. Fala!

— Ela tem bons contactos, não há dúvida, tal como Napoleão disse. Até há muito pouco tempo, era amante de Paul Barras. — Os seus olhos reluziram na direcção do irmão, que continuava encostado à janela. — Alguns dizem que ainda é.

— Então, só podem ser parvos — retorquiu-lhe este, bruscamente.

— Ela é minha e só minha, e quer ser minha mulher.

— Claro que quer — disse Letizia. — Quem mais seria louco ao ponto de a querer a ela?

— Basta! — Napoleão deu um passo em frente, golpeando o ar com a mão. — Eu decidi casar-me com Josefina e o assunto está encerrado! A mãe não vai pôr em causa a minha decisão.

— Eu farei aquilo que muito bem entender, meu rapaz. E quando é que essa farsa se vai consumir aos olhos da lei?

— Não sei — confessou. — Ainda não decidimos uma data.

— Mas eu devia decidir, e depressa. Imagino que esta gente de Paris não tenha respeito pela santidade do leito matrimonial. É melhor tratar já do teu casamento, antes que algum bastardo estrague as coisas.

— Nós já somos amantes, mãe.

Não houve qualquer expressão de surpresa ou de horror no rosto de Letizia, apenas um ar de desdém e de repulsa.

— Estou a ver. Nesse caso, não me deixas alternativa. Casa com a mulher e resolve isso de uma vez por todas. Mas não esperes nunca que eu seja amiga dela ou que aprove a tua escolha. Conspurcaste a tua cama. Agora, deita-te nela.

Napoleão forçou-se a sorrir.

— Dá-me a sua bênção, então?

— Sim — replicou Letizia, cerrando os dentes.

José levantou-se e pegou nas mãos do irmão.

— Posso ser o primeiro a felicitar-te?

O seu rosto era sincero e, pela primeira vez em anos, Napoleão voltou a sentir o reconfortante afecto que conhecera em criança, na escola, no início das aulas, quando José não se poupava a esforços para proteger o irritadiço irmão mais novo.

— Obrigado — disse ele.

Depois de um instante de hesitação, Lucien levantou-se e juntou-se aos irmãos.

— Eu também te dou os meus parabéns. Se ela é tão bem relacionada como ouvi dizer, será uma valiosa aliada em Paris. Não te preocupes com o que eu disse acerca de Paul Barras. Muitos daqueles com quem falei contaram-me que ele se tinha cansado dela e que estava grato por se poder ver livre desse fardo.

Napoleão fitou-o por momentos, antes de responder, num tom de falsa serenidade.

— Agradeço-te por isso, Lucien. É um conforto sabê-lo.

Letizia bufou de raiva e levantou-se da cadeira.

— Boa sorte e boa viagem. Vou deixar os três palermas sozinhos.

Depois, saiu da sala de rompante, fechando a porta com um estrondo atrás de si. Os irmãos entreolharam-se. Napoleão deu uma gargalhada.

Mesmo enquanto fazia a corte a Josefina, Bonaparte esforçava-se por cair nas boas graças dos seus filhos. Apesar do talento e do empenho com que procurava conquistar a amizade deles, sentia a reserva das crianças. Era natural, pensava. A captura, julgamento e execução do pai ainda eram memórias recentes, e o último pretendente da mãe devia destoar em comparação com o soldado alto e educado, de cujos modos polidos e nobre porte guardavam ainda uma viva recordação. Por outro lado, confortava-o pensar que as crianças deviam preferi-lo a ele, e não ao político palavroso, Barras.

Napoleão via Josefina quase todos os dias, embora estivesse embrenhado na organização desse pântano de pormenores que tinham de ser coordenados e postos em prática para que os exércitos da república pudessem combater e derrotar o inimigo. A sua especialidade dizia respeito ao Exército de Itália e à necessidade de expulsar a Áustria das zonas setentrionais da península itálica e de reclamá-las para a França. Quanto mais pensava no assunto, mais se convencera de que a Áustria podia ser derrotada, desde que os seus planos fossem levados a cabo com suficiente dinamismo pelo oficial incumbido do comando desse exército.

Um dia, enquanto passeava com Josefina pelo jardim das Tulherias, tendo acabado de ser interpelado por um grupo de admiradores que não continham o seu entusiasmo diante do soldado que salvara o governo da população, Napoleão virou-se para ela e disse-lhe, numa voz pesarosa:

— Parece-me que os teus filhos prefeririam que tu não te casasses comigo.

— São crianças — replicou Josefina, encolhendo os ombros. — Os seus corações hão-de mudar com o tempo. Acabarão por conhecer-te o suficiente para apreciarem as tuas qualidades. — Enfiou a mão no braço de Napoleão e apertou-o. — Sê paciente, meu querido.

— Eu seria paciente se conseguisse controlar o meu coração. Quero-te tanto que me casaria contigo já hoje, se pudesse. Mas receio que, se os teus filhos me guardarem algum rancor, isso acabará por insinuar-se como uma farpa nos teus afectos. Talvez devêssemos adiar o casamento por algum tempo.

Ela parou e virou-se para ele bruscamente.

— Adiar? Porquê? O que se passa, Napoleão? Já não me amas?

— Sim! Sim, claro que sim. — Segurou o queixo de Josefina com a mão. — Nunca duvides disso. Só desejo certificar-me de que nada se erguerá entre nós quando formos marido e mulher. Juro que foi apenas isso que eu quis dizer. Gostaria de ter a oportunidade de alcançar alguma coisa de que Eugène e Hortense se pudessem orgulhar, para que ficassem felizes por eu casar contigo.

Josefina sorriu fugazmente.

— O que é?

— Oh, apenas uma coisa que ouvi no outro dia. Um rumor — acrescentou ela, de fugida. — É possível que tenhas essa oportunidade mais depressa do que pensas.

— Porquê?

— Não to direi. Prometi guardar segredo.

— Diz-me.

— Não — repetiu, encostando um dedo aos lábios dele. — Saberás a seu tempo. Por agora, não direi mais nada. Mas não devemos preocupar-nos com as crianças. Quando virem como estou feliz, asseguro-te que ficarão felizes por mim e aceitar-te-ão.

— Espero que sim — replicou, embora outras ideias habitassem agora o seu pensamento. Que rumor seria esse de que Josefina lhe falara?

No início do novo ano, Napoleão e Josefina assentaram numa data em Junho, para o casamento. Até lá, ele estaria ocupado a coordenar o esforço militar em Itália. Depois, tiraria uma licença e passariam a lua-de-mel na Normandia. Ou assim o pensavam, até Paul Barras o chamar às Tulherias. Aproximava-se o fim de Janeiro e uma chuva fria inundava as ruas da capital. Quando a sua carruagem parou no pátio, Bonaparte puxou as golas do casaco para cima e mergulhou no temporal, subindo a correr os degraus da escadaria até ao átrio de entrada. Barras estava sozinho no seu gabinete quando o jovem general ali foi conduzido. Dispensando formalidades, indicou-lhe uma cadeira do outro lado da secretária.

— Como estão a correr os preparativos da nova campanha?

Napoleão concentrou-se num ápice, enquanto fazia o relatório.

— O plano de operações já está concluído. O meu comando calcu-

lou as necessidades logísticas, e as rações e munições deverão chegar aos depósitos da frente ainda esta semana. Contudo, o general Massena comunicou-nos que as três divisões do exército precisam com urgência de novas praças de reposição, bem como de botas, uniformes, mosquetes e dos soldados em atraso. Caso contrário, não poderá garantir o êxito da campanha.

Barras esboçou um aceno e sorriu com complacência.

— Parece que é só isso que ouço, hoje em dia, da parte dos nossos generais. Constantes pedidos de reforços e de provisões, ou tudo estará perdido. Parece que o exército foi fulminado por uma epidemia de exageros. Diga-me, general, se estivesse no lugar de Massena e não pudesse contar com tudo aquilo que ele pede, o que faria?

Napoleão arqueou as sobrancelhas.

— Se a França não pudesse fornecer-me aquilo de que eu precisava, teria de ir buscar as minhas provisões a outro lado. O Norte de Itália é uma terra próspera. Possui quintas lucrativas e cidades abastadas. Um exército pode viver da terra com um conforto muito razoável.

— Compreendo. Então, a sua ideia seria fazer o povo que salvámos do domínio austríaco pagar por esse privilégio. Não é propriamente uma sugestão ética.

— A guerra não é ética, cidadão.

Barras respirou fundo.

— Talvez seja bom para ambos que o senhor seja um soldado, Napoleão. Neste momento, já se tornou uma espécie de ídolo para o nosso povo. Talvez fosse preferível que lhe arranjássemos um emprego fora de Paris. A sua fama está a agitar os políticos.

— Cidadão, eu sou leal à república.

— Eu sei — replicou Barras, com um sorriso fugaz. — Mas há homens que sempre se sentiram ameaçados pela popularidade dos nossos heróis militares e a si observam-no cuidadosamente, mesmo neste preciso instante. Para sua própria protecção, é necessário destacá-lo para uma posição a alguma distância do centro de poder.

Napoleão pressentiu o rumo que a conversa se preparava para tomar e inclinou-se para a frente, fincando o dedo ruidosamente na secretária de Barras.

— Não serei enviado para o Exército do Oeste.

— O senhor fará o que lhe for ordenado, general — replicou Barras com firmeza, levantando o braço para impedir mais uma reacção tempestuosa. — No entanto, não foi essa a decisão que tomei. Por acaso, o que pretendo é oferecer-lhe o comando do Exército de Itália.

Napoleão estacou, siderado. Era a oportunidade por que trabalhara durante toda a sua carreira militar. A possibilidade de pôr todas as suas

ideias à prova, de certificar-se de que a campanha planeada seguiria à risca as suas indicações. Depois, uma fria suspeita apoderou-se dos seus pensamentos e Bonaparte fitou Barras, de olhos semicerrados.

— Porquê eu? Havia muitos outros que podiam ter sido escolhidos.

— Foi o senhor quem estabeleceu os planos para a próxima campanha, e estou convencido de que as suas qualidades nos garantem as melhores hipóteses de êxito. Esta campanha pode decidir a sua reputação. Se for bem-sucedido, serei certamente reconhecido por tê-lo escolhido para assumir o comando.

— E se eu falhar?

— Será o fim de quaisquer ambições políticas ou militares que possa ter. Aceita o cargo?

— Sim — respondeu Napoleão, sem hesitações. — E não desiludirei a França.

— Muito bem — replicou Barras, com um ar aliviado. — Mandarei fazer as minutas dos documentos necessários. Não temos muito tempo antes de a época das campanhas começar. Terá de assumir o comando antes do mês de Abril. Consegue estar pronto até lá?

— Com certeza, cidadão. Terei de dar instruções aos meus funcionários no gabinete e de seleccionar os oficiais do meu estado-maior. Há alguns assuntos de foro pessoal também por resolver.

— Foi o que ouvi dizer. Parabéns.

— Obrigado. — Napoleão sorriu, com pesar. — Embora me atreva a dizer que Josefina não me agradecerá por antecipar os nossos planos.

— Penso que descobrirá que a senhora Beauharnais se vai adaptar facilmente à situação. Conheço-a o suficiente para lhe dar a certeza disso.

No pouco tempo que lhe restava, Bonaparte desdobrou-se pelas inúmeras tarefas que requeriam a sua atenção, antes de poder assumir o comando. Ofereceu posições na equipa do seu estado-maior a Murat e a Junot e pediu a transferência de Marmont do Exército do Reno. A posição de chefe do estado-maior foi atribuída ao general Berthier, um colega do gabinete de topografia com sólidas capacidades administrativas. Encomendaram-se uniformes, compraram-se cavalos, seleccionou-se uma biblioteca itinerante e foram tomadas providências para assegurar o bem-estar da família enquanto ele estivesse fora, em campanha. Mais importante ainda era a necessidade de antecipar o casamento e encontrar uma casa para a esposa.

No dia 3 de Março, ao fim da tarde, num registo civil perto da nova casa que Napoleão arrendara na Rue Chantereine, reuniu-se um pequeno grupo de familiares e amigos. Josefina chegou primeiro, acompanhada de Paul Barras, que se oferecera para ser uma das testemunhas. Napoleão

atrasou-se mais de uma hora, empicado pela necessidade de responder a alguns despachos urgentes. Entrou apressado no registo civil, vermelho e ofegante, trazendo ainda vestido o casaco simples do uniforme. Letizia, que se divertira com o atraso, na esperança de que o filho tivesse, por fim, ganho juízo, voltou a afundar-se no sofá, num profundo desânimo.

— Se pudermos avançar... — disse o conservador do registo, com um ar impaciente.

— Por favor — replicou Napoleão, arquejante. Num tom enfasiado e monócordico, o conservador cumpriu o procedimento.

Josefina deu-lhe uma cotovelada nas costelas e segredou-lhe, feroz:

— Agradeço-te que me tenhas obrigado a fazer figura de parva à frente dos meus amigos.

Napoleão olhou à sua volta e só viu Barras e mais alguns homens. Segredou-lhe de volta:

— Aqueles que se deram ao trabalho de vir...

— Seu porco.

— Estamos aqui os dois — sussurrou-lhe, com doçura. — E é suficiente, meu amor.

— Eu estava à espera de algo mais grandioso.

— Não houve tempo para preparar outra coisa — protestou Napoleão. — Um dia, faremos uma cerimónia mais formal, prometo. Uma cerimónia de que possas orgulhar-te até ao dia da tua morte.

O conservador tossiu e inclinou-se para eles.

— Se não se importam, preferia concluir as formalidades antes de terem o vosso primeiro arrufo matrimonial.

— Sim, com certeza. — Napoleão corou. — Queira perdoar-me.

O conservador deitou-lhe um olhar furioso e regressou ao seu documento, continuando a cerimónia. Quando esta terminou, Napoleão e Josefina assinaram os seus nomes, com o testemunho de Barras e de José. Houve uma pequena recepção na nova casa. Depois, os convidados saíram e os dois recém-casados retiraram-se para o quarto, fechando a porta atrás de si.

— Ainda estás zangada comigo? — perguntou Napoleão, com um sorriso, desapertando delicadamente os fios do corpete de Josefina. Esta manteve-se rígida ao seu lado, tentando fixar o rosto numa severa expressão de censura.

— Claro.

— Bem, vamos ver se consigo persuadir-te a perdoar-me...

Dois dias depois, quando a luz da aurora inundou Paris, Napoleão saiu da casa onde vivia apenas há uma semana. Lá fora, na rua, Junot esperava-o, segurando as rédeas dos cavalos de ambos. Os outros oficiais do esta-

do-maior e a sua bagagem já tinham seguido antecipadamente, alguns dias antes, e aguardava-os uma longa e penosa cavalgada até conseguirem alcançá-los. Napoleão içou-se para cima da sela, ajustou as rédeas e virou-se para olhar para a janela de sacada do primeiro andar. Através do vidro, viu Josefina a olhar para ele, com os braços cruzados à volta do corpo, como se sentisse frio. Por momentos, fitaram-se mutuamente, e Junot, sensível à necessidade que sentiam, virou o cavalo e começou a descer a rua. Napoleão esboçou com os lábios palavras de amor, acenou-lhe com a mão, num delicado gesto de despedida, e partiu para a guerra.

CAPÍTULO 10

Arthur

Dublin, 1795

Depois dos horrores glaciais da campanha nos Países Baixos, o tenente-coronel Arthur Wesley regressou a Dublin com um sentimento cálido de familiaridade e de conforto. A experiência dolorosa da campanha transformara-o num homem magro e lívido, cujos olhos pareciam afundar-se em ambos os lados do nariz comprido e adunco. Um pouco de exercício e uma alimentação saudável depressa lhe devolveriam a constituição atlética, mas a imaturidade da juventude ficara para trás, no campo de batalha, e apoderara-se dele uma vontade de se aperfeiçoar e de defender o seu país do apetite voraz da França revolucionária.

Embora se tivesse sentido satisfeito por deixar o seu posto de ajudante-de-campo no castelo, para liderar o 33.º regimento de Infantaria contra os Franceses, a terrível realidade da guerra ensinara Arthur a apreciar a vida fácil de outros tempos. Já não teria de suportar a tortura da fome, nem o frio que lhe penetrava o âmago e tornava tão apetecível a rendição ao seu abraço fatal. Por ora, estava em casa, rodeado de amigos e, acima de tudo, teria a oportunidade de voltar a ver Kitty Pakenham. Desde que se mudara para a casa de família, na Praça de Rutland, Kitty tornara-se uma convidada frequente na corte, no castelo de Dublin. Como muitos outros jovens cavalheiros, Arthur depressa sucumbira ao seu charme indefinível, ao encanto da sua natureza doce e provocadora. Já não a via há vários meses e, enquanto se dirigia dos seus modestos aposentos, em Fostertown, até ao gabinete do novo vice-rei da Irlanda, no castelo de Dublin, deixou-se embalar pela memória dos caracóis castanhos-claros que emolduravam as

feições delicadas do seu rosto. Recordou, com uma leve aceleração cardíaca, a elegante brancura da pele e o suave aroma que dela se libertara quando, numa noite do Verão precedente, a beijara no castelo, na varanda do salão de baile.

Depois, o feitiço quebrou-se ao lembrar-se da severidade com que Tom, o irmão de Kitty, o rejeitara quando pedira a sua mão em casamento. Como irmão mais novo do conde de Mornington, Arthur não tinha qualquer herança e vivia do soldo pago pelo exército, de uma pensão que lhe dava o irmão mais velho, Richard, e de tudo o que conseguia pedir empregado ao agente das terras da família, em Dublin. Não era propriamente um cenário animador para Kitty, tinha de concordar. Se não conseguisse fazer nome na vida política ou militar, estava condenado a falhar a sua conquista. Da mesma forma que o destino lhe negara uma herança, também lhe tirara o génio intelectual que tão generosamente se distribuía pelos seus irmãos, especialmente por Richard e pelo mais novo, Henry. Richard era uma estrela em ascensão no governo de Pitt, e fora recentemente nomeado para o Conselho de Regulação das Colónias da Índia¹. Henry já enveredara por uma promissora carreira diplomática. Arthur sentia uma amarga frustração com os poucos progressos que fazia.

Embora a Inglaterra estivesse em guerra, o exército inglês era escasso, encontrava-se disperso pelo mundo e não havia muitas oportunidades para alcançar rapidamente fama e promoção. A situação dos seus rivais em França era muito diferente, reflectia. Com a aristocracia afastada de cena, o campo abria-se a homens de talento. Como na história daquele indivíduo que Arthur lera no jornal, num artigo acerca do cerco de Toulon. Franziu momentaneamente o sobrolho, recordando o nome do oficial de artilharia que planeara a vitória da França: Bonaparte. Um homem da sua idade que já era brigadeiro. Se os contextos se invertessem, Arthur tinha a certeza de que teria alcançado o mesmo êxito e, por instantes, deu por si a invejar com amargura a sorte do oficial inimigo. Depois, cobriu-se melhor com o pesado capote militar e trocou uma continência com as sentinelas de guarda à entrada do castelo, dirigindo-se penosamente ao interior.

Para além dos deveres pouco exigentes enquanto ajudante-de-campo do Vice-rei, Arthur retomara as suas funções como membro do Parlamento por Trim e estava decidido a construir uma carreira política, já que

¹ N. T. Fundado pelo primeiro-ministro William Pitt, em 1784 (*Pitt's India Act*), o Conselho de Regulação das Colónias da Índia (*Board of Control of the Indian Colonies*) pretendia acentuar a autoridade do governo britânico sobre a administração da Companhia das Índias Orientais e, por extensão, sobre as possessões britânicas na Índia. O Conselho supervisionava os directores da Companhia, proporcionando um governo conjunto da Companhia e da Coroa.

o exército não lhe dava, por enquanto, grandes hipóteses de progressão. Quando solicitara um encontro com Lorde Camden, tinha em mente um cargo proeminente no Parlamento irlandês. Seria uma oportunidade de ganhar a experiência necessária para seguir as pisadas do irmão, Richard, no Parlamento inglês e, a partir daí, alcançar o primeiro degrau da escada política de Westminster. A curto prazo, também resultaria num aumento significativo dos seus rendimentos, talvez o suficiente para impressionar Tom Pakenham.

Ao dirigir-se ao gabinete de Lorde Camden, Arthur apresentou-se ao assistente do Vice-rei, um jovem tenente de cavalaria, com uma casaca de corte elegante e botas compridas e reluzentes. O seu rosto, magro e fresco, não lhe era familiar, e ele deduziu que devia ser uma nomeação recente, ainda a apreciar o seu primeiro cargo. Por momentos, sentiu uma ponta de inveja ao ver-se a si próprio anos antes — livre dos fardos de uma dívida galopante e da crescente ansiedade face ao comprometimento de uma carreira prestigiada.

— Senhor? — interpelou-o o tenente. — Posso ajudá-lo?

— Tenho um encontro marcado com sua senhoria. Tenente-coronel Wesley.

O ajudante inclinou-se sobre a agenda que estava em cima da secretária e percorreu as entradas com o dedo, até encontrar o nome e o apontamento junto deste.

— Ah, sim. Siga-me, por favor, senhor. — Levantou-se da cadeira, atravessou a sala até chegar a uma porta e bateu vigorosamente antes de abrir. — Tenente-coronel Wesley, milorde.

— Mande-o entrar.

Lorde Camden estava de pé junto da janela, a olhar para baixo, na direcção do pátio, enquanto beberricava um copo de brandy. Quando Arthur entrou, virou-se e franziu o sobrolho.

— Deixe-me adivinhar. Quer que eu lhe arranje um emprego bem remunerado, não é assim? Desde que aqui cheguei, tenho recebido uma avalanche de políticos à procura de lugares. Qual é o pedido que me quer fazer, hein?

Arthur foi apanhado de surpresa pela imediata descortesia do indivíduo.

— Senhor, eu apenas desejo servir o meu país de alguma forma que seja mutuamente compensadora. Não vejo mal nenhum nisso.

— Nem poderia ver. Sou eu quem tem de responder a todos os pedidos de jovens ambiciosos como o senhor. E, como se isso já não bastasse, ainda sou bombardeado com cartas de recomendação de mães, irmãos, pais, amigos dos pais e pais dos amigos e assim por diante, apa-

nhado como uma mosca numa teia de nepotismo. Não é nenhuma brincadeira, garanto-lhe.

— Imagino — replicou diplomaticamente Arthur.

Lorde Camden fitou-o, de olhos semicerrados.

— Palavra? Nunca pensei que tivesse de recorrer à imaginação. O seu irmão já me escreveu, solicitando humildemente um cargo digno da... da sua... — Deteve-se, dirigiu-se à secretária e vasculhou uma pilha de cartas até encontrar a que pretendia. — Ah! Aqui está... da sua integridade e espírito de iniciativa. Não é propriamente uma recomendação que nos fique no ouvido, pois não? Mas, como o seu irmão anda a progredir na hierarquia política londrina a uma velocidade vertiginosa, e eu próprio poderei vir um dia a precisar do seu patronado para a minha família e amigos, verei o que posso fazer por si, Wesley. Tinha algum cargo em mente?

— Sim, milorde — respondeu Arthur, numa voz neutra, embora por dentro sentisse o coração disparar de nervosismo, como qualquer homem prestes a pedir o mais generoso dos favores.

— Desembuche lá, homem.

— Milorde, como o cargo de Secretário da Guerra² ainda está vago, eu gostaria de colocar a minha candidatura à sua consideração.

Lorde Camden arqueou as sobrancelhas e, por instantes, olhou sideado para Arthur, retorquindo, após se recompor do choque:

— Valha-me Deus, o senhor é comedido, não é? Secretário da Guerra? Que diabo o leva a crer que eu poderia considerá-lo para uma posição dessa importância?

Foi a vez de Arthur se sentir chocado com a crueza do seu interlocutor.

— Penso que estou à altura das obrigações e responsabilidades que o cargo envolve, milorde. Tenho vários anos de experiência militar.

Lorde Camden advertiu-o com o dedo.

— Tem vários anos de experiência como ajudante-de-campo. A beber, a dançar, a jogar e a frequentar prostitutas. Para que diabo serve isso?

— Trabalhei para o duque de York, nos Países Baixos. Estive debaixo de fogo, milorde, e conduzi os meus homens para lugar seguro na retirada subsequente.

— Então, foi claramente derrotado? E julga que isso é um ponto a favor da sua candidatura? O que eu procuro é um Secretário da Guerra,

² N. T. O Secretário da Guerra (*Secretary at War*) era um cargo no governo britânico com alguma responsabilidade na administração e organização do exército britânico, mas não na esfera da política militar. Na prática, dirigia o Ministério da Guerra, mas era uma posição subalterna relativamente aos Secretários de Estado.

Wesley, não um Secretário da Retirada. Encare os factos, homem. É demasiado jovem e inexperiente para o cargo. Além disso, mesmo que fosse o melhor soldado da Irlanda, seria indiferente. Preciso de um político com experiência, não de um soldado. Este maldito país está à beira de uma revolução. De um lado, tenho Grattan e os seus amigos a pressionarem reformas e, do outro, o que resta dos *Tories* a pressionarem-me para esmagar os reformistas. Preciso de um homem que saiba tratar de ambas as facções com firmeza. Julga-se mesmo capaz disso?

Camden olhou para Arthur com firmeza, e este soube que o seu *bluff* fora descoberto. Sentia-se terrivelmente ferido no seu orgulho por ter de aceitar que Lorde Camden acertara na avaliação que dele fizera.

— Vejo que já me compreendeu, Wesley. Não me leve a mal. Além disso, não é propriamente o primeiro homem a candidatar-se ao cargo. Metade destas cartas apoiam candidatos que lhe são, de longe, preferíveis e muitos dos seus patrocinadores têm melhores contactos do que o seu irmão Richard.

Arthur sentiu que se abria dentro de si um abismo de desespero, ao compreender as implicações do que Lorde Camden lhe dissera. Não possuía os contactos que lhe dariam a hipótese de alcançar o cargo e sentia-se esmagado, não apenas pela rejeição, mas pelas expectativas a longo prazo no interior de um sistema já tão dependente da troca de favores entre famílias poderosas. Não era justo, mas fez um esforço para manter um ar sereno. Embora o sistema carecesse de lógica e de justiça, não lucraria nada em protestar. Arthur precisava de emprego naquele momento. Aclarou, então, a garganta.

— Muito bem, milorde, se não posso ser Secretário da Guerra, talvez me possa ter em conta para um outro cargo. Um lugar no Tesouro ou na Fazenda Pública seria perfeitamente compatível com as minhas capacidades.

— Tenho a certeza que sim — concordou Lorde Camden. — Verei o que posso encontrar para si. Como um favor a Richard. Informá-lo-ei assim que tiver alguma coisa.

Depois, virando-se para o lado, estendeu vagamente o braço na direcção da porta. Arthur percebeu a sugestão e curvou a cabeça, despedindo-se.

— Os meus agradecimentos por me ter recebido numa altura tão inoportuna, milorde.

— O prazer foi meu, Wesley — replicou mecanicamente Lorde Camden. — Dê, por favor, os meus melhores cumprimentos ao seu irmão, quando voltar a escrever-lhe.

— Sim, milorde.

Com um aceno, virou-se para abandonar o escritório. Saiu hirto.

Ao deixar o castelo, começou a chover, e Arthur puxou a gola do casaco para cima, enterrando o bicornio na cabeça. Chegara a altura, disse a si mesmo, de falar com Kitty. Já não a via desde que partira para aquela desgraçada campanha nos Países Baixos. Embora o irmão se tivesse recusado a autorizar o casamento, tentaria pelo menos perceber se o coração de Kitty ainda lhe pertencia.

CAPÍTULO 11

Arthur não concebia a possibilidade de visitar Kitty em casa, uma vez que Tom poderia lá estar. Não era que tivesse medo de Tom. Pelo contrário, sentia desprezo pelo homem e por aquela rude obsessão com o dinheiro. Mas a sua simples presença só agravaria uma situação já de si complicada, reduzindo as hipóteses de melhorar a relação entre ambos. Quanto mais tempo demorasse a conquistar-lhe a aprovação, mais se arriscava a que Kitty perdesse o interesse que sentia por si, ou, pior ainda, que outro pretendente lhe desse a volta à cabeça. Havia muitos jovens em Dublin que representavam ofertas de longe mais tentadoras do que um falido tenente-coronel da infantaria.

Quando desabrocharam as primeiras flores da Primavera, *Lady Camden* deu um baile no castelo, o primeiro da estação, e todas as pessoas importantes foram convidadas. Se ainda estivesse em Londres, Kitty apareceria seguramente no baile, e Arthur resolveu procurá-la e perguntar-lhe o que sentia por ele.

Na noite do baile, viu-se ao espelho, no quarto de vestir. O seu melhor uniforme não tinha uma mancha, e os botões, as botas e as dragonas resplandeciam, como aliás nem podia deixar de ser, dada a fortuna que o cabo do castelo lhe cobrara pelo trabalho. Ainda não usava medalhas nem galões e os cordões eram os únicos adornos da sua casaca. Contudo, alimentara-se bem, fizera exercício regularmente e, como tal, estava em forma. Sentia-se satisfeito com a sua imagem e esperava que Kitty também a avaliasse favoravelmente, se estivesse no baile.

No salão de baile, a iluminação dos candelabros reluzia no vidro das janelas, projectando na rua longas faixas de luz morrente, enquanto Arthur se aproximava da entrada num passo estugado. Na porta em arco, deparou-se com dois cabos em sentido e apresentou-lhes o seu convite.

O salão de baile já se enchera de mulheres com vestidos elaborados, que, apesar da guerra, ainda se inspiravam na moda de Paris. As mais velhas tinham-se reunido na periferia do salão e as mais novas do-

minavam o centro, onde se reuniam com jovens cavalheiros de casaca e calças feitas à medida. Como era hábito naquelas ocasiões, muitos traziam os seus uniformes, os da cavalaria mais adornados e os da marinha mais prosaicos. Enquanto oficial da infantaria, Arthur considerou que estava elegante sem estar demasiado pomposo, o que seria de mau gosto. Uma orquestra preparava-se para tocar no fundo do salão e criados de libré circulavam pelo mar de convidados, servindo comidas e bebidas variadas. Arthur estava de pé, de costas para uma das colunas que suportavam o tecto abobadado. Percorreu a multidão à procura de Kitty, mas não a viu, e, por momentos, sentiu-se aliviado por já não ter de interrogá-la a respeito dos seus sentimentos. Depois, sentiu alguém a bater-lhe no braço e virou-se de repente. Kitty estava à sua frente, sorrindo-lhe enquanto afastava o leque. A sua outra mão segurava o braço de um imponente oficial da marinha, de ombros largos, que parecia prestes a rebentar a casaca do uniforme.

— Olá, Arthur.

— Boa noite, Kitty.

Arthur hesitara ligeiramente em usar o nome próprio, e as delicadas sobrancelhas de Kitty franziram-se por momentos.

— Espero sinceramente que não voltes a chamar-me Menina Pakenham.

— Claro que não, Kitty. — Arthur sorriu. — Afinal, somos amigos chegados, não é verdade?

— Sem dúvida. — Kitty virou-se para o seu companheiro. — Posso apresentar-te o comandante Charles Fenshaw? Parece que é um dos mais jovens comandantes da marinha. Um *protégé* do meu tio, o comandante Pakenham. É certo que já o é há alguns anos, antes de o meu tio se reformar para se tornar Inspector-geral da Artilharia, ou qualquer coisa assim.

O comandante Fenshaw sorriu humildemente.

— O comandante Pakenham teve a amabilidade de oferecer-me um posto no seu navio quando eu ainda era um aspirante da marinha. Desde então, tenho feito o meu melhor para merecer a sua protecção.

Fenshaw estendeu a mão a Arthur.

— Muito prazer — respondeu Arthur. — Coronel Wesley, ao seu dispor.

— Arthur esteve fora de Dublin a combater os franceses, nos Países Baixos — explicou Kitty. — Voltou há semanas, como descobri através do seu irmão, William. É tão meu amigo que até se esqueceu de avisar que tinha regressado são e salvo da guerra.

Era um comentário ácido, mas fora dito num tom descontraído, e Arthur fez uma expressão pesarosa.

— Os meus deveres mantiveram-me ocupado, Kitty. Que mais poderia ter-me afastado de ti, para além do teu querido irmão?

Kitty riu-se.

— *Touché*, Arthur.

O comandante Fenshaw ignorou a piada entre os dois e concentrou-se em Arthur.

— O meu irmão estava na mesma campanha.

— Palavra?

Arthur desviou os olhos de Kitty.

— Foi ferido e mandaram-no para casa, em Janeiro — disse Fenshaw. — Descreveu-me, por carta, as condições em que viviam. Parece que teve sorte em sobreviver ao Inverno. Houve muitos que não sobreviveram.

— É estranha a sua noção de sorte, comandante, se pensa que qualquer homem que tenha passado pela experiência daquele Inverno é afortunado.

— Sim, presumo que sim — replicou Fenshaw serenamente. — Sobretudo porque o meu irmão sucumbiu aos seus ferimentos apenas uma semana depois de me ter escrito.

— Ah... — Arthur inclinou a cabeça. — Perdoe-me, comandante, lamento a minha leviandade.

— Tenho a certeza disso. O senhor encontra-se em melhor posição do que eu para saber o que ele sofreu. — Fenshaw virou-se para Kitty. — Permita-me que vá buscar algumas bebidas, enquanto põe a conversa em dia com o coronel.

Kitty anuiu graciosamente e o oficial da marinha virou-se, deslizando por entre a multidão com surpreendente elegância, apesar da corpulência. Kitty ficou a olhar para ele com um ar calculista.

— O que achas dele, Arthur?

Por momentos, Arthur não respondeu. Mal conhecia o homem, mas, à primeira vista, parecia-lhe decente. Seria uma grande pena se tivesse de disputar com Fenshaw o afecto de Kitty.

— Acabei agora mesmo de conhecê-lo. O que posso dizer-te?

— Que é uma presença atraente.

— Suponho que sim. Há mais alguma qualidade de que eu deva estar a par?

— Oh, sim! — Kitty virou-se para Arthur com um brilho nos olhos. — É sobrinho de um contra-almirante e vai herdar uma propriedade considerável em Somerset, bem como a percentagem de seis por cento numa grande *holding*. Frequentou estudos clássicos em Oxford e escreve poesia.

— Poesia? — Arthur olhou de relance para o outro lado da sala, de onde Fenshaw já regressava com três copos na mão. — Verdade?

— Sim! Um verdadeiro romântico.

O entusiasmo na voz de Kitty atravessou-lhe o coração como uma lâmina, e Arthur pegou-lhe na mão.

— O que se passa, Arthur? — perguntou ela, franzindo o sobrolho.

— Diz-me, Kitty. O que significa este homem para ti?

— É um amigo, por agora. A família tem algumas terras para vender, perto de Castlepollard, e Charles veio a Dublin para tratar da venda. O meu tio apresentou-o a Tom. Ele achou que eu devia mostrar-lhe as vistas de Dublin. Desde então, tornámo-nos muito próximos. Tom também gosta dele.

— Aposto que sim — resmungou Arthur. — Seria um belo partido para ti.

— Pois seria — replicou Kitty, apertando ligeiramente as mãos de Arthur. — Mas não se chama Arthur. Pensavas que eu te abandonaria assim tão facilmente? Esperava que tivesses mais confiança em mim.

— Oh, Kitty...

O desespero que sentia desapareceu instantaneamente e Arthur tentou aproximar-se. Kitty, porém, recuou e libertou a mão da sua.

— Seja como for, é um bom partido. O suficiente para agradar a Tom. Arthur abanou a cabeça.

— Não faças isso, Kitty.

— Não faço o quê? Não vou fazer nada. O problema é esse. Mas lá chegará o momento em que terei de encontrar um marido, se não quiser ficar para tia. A não ser que queiras fazer algo da tua vida, Tom não me autorizará a casar contigo. Está nas tuas mãos, Arthur, mas não vou poder esperar para sempre.

Arthur deitou um olhar rápido ao oficial da marinha. Chegaria ao lugar onde estavam daí a pouco, por isso teve de falar depressa.

— Diz-me que não te vais casar com ele, Kitty. Promete-me.

— Não posso fazê-lo. Além disso, gosto dele.

— Mas sou eu quem tu amas.

— Por enquanto.

Kitty fez-lhe um sorriso doce e virou-se para o vulto corpulento de Fenshaw, que deslizava com alguma dificuldade por entre um pequeno grupo de raparigas. Estas observaram-no de soslaio, segredando depois entre si.

— Cá está a Kitty! — Fenshaw estendeu-lhe um copo de ponche e outro a Arthur, erguendo o seu. — Um brinde. Ao reencontro de velhos amigos.

— Velhos amigos — repetiram Arthur e Kitty, em coro. Arthur sentiu que o outro homem o observava atentamente, como se tentasse descobrir a verdadeira natureza daquela amizade.

A orquestra iniciou os acordes da primeira dança da noite, e o comandante Fenshaw apressou-se a convidar Kitty.

— Creio que esta é a minha dança. Tome, Wesley, segure nas bebidas.

Arthur estendeu a mão e pegou desajeitadamente nos três copos, enquanto os seus companheiros se dirigiam ao centro do salão de baile, assumindo posição ao lado dos outros pares. Contemplando a sala em redor, conseguiu atrair o olhar de um criado e apontou para os copos. Assim que se viu livre destes, virou-se para ver Kitty e Fenshaw unidos nos primeiros movimentos de uma *reel*³, trocando sorrisos enquanto davam os braços e entravam no rodopio. Arthur sentiu-se indisposto. E zangado. Como é que Kitty podia ser tão venal? Por outro lado, que direito tinha ele de insistir no seu afecto quando não havia esperanças de poder desposá-la nos próximos anos, tal era o rumo que a sua vida estava a levar? Por agora, tudo dependia de Lorde Camden. Se ao menos pudesse encontrar-lhe um cargo rentável, ainda seria possível ter esperança.

Durante o resto da noite, Kitty dançou com ambos, um de cada vez. Entre danças, namoriscava sem pudor com os dois homens. Por muito que tentasse, Arthur achou difícil não gostar de Fenshaw, que parecia tão profissional como ele e, nos fragmentos de conversa mais séria que Kitty lhes concedia, se revelou um homem ponderado, com um encanto natural, uma inteligência considerável e um humor rápido e astuto. Em resumo, o tipo de homem que daria um extraordinário cunhado para Tom Pakenham. No final da noite, depois de a orquestra parar de tocar e de os convidados serem conduzidos à saída por ordem do seu estatuto social, Kitty interpelou-os.

— Excelente! Passei uma noite deliciosa. Ser o único objecto de atenção de dois notáveis admiradores tornou-me alvo da inveja de quase todas as raparigas solteiras do baile. Que mais poderia uma mulher desejar? — perguntou, rindo, e os dois homens acompanharam-na educadamente. — Devíamos repetir. Acho que nós os três podíamos tornar-nos amigos num instante.

Arthur anuiu, com um aceno discreto, escondendo a sua desilusão.

— Sim — concordou Fenshaw. — Seria um prazer tornar a vê-lo, coronel.

Quando já tinham chamado a carruagem que levaria Charles e Kitty para casa, o comandante Fenshaw insistiu em dar a Arthur uma boleia até aos seus aposentos, em Fostertown. Arthur por pouco não recusou delicadamente a oferta, para negar ao rival a hipótese de ver o bairro pouco

³ N. T. Dança de origem céltica difundida na Grã-Bretanha, cujo número de pares e o andamento variavam de região para região.

elegante onde morava, mas isso significava privar-se de mais alguns momentos com Kitty e, relutante, aceitou.

Enquanto descia da carruagem, Arthur beijou-lhe a mão e desejou uma boa noite ao comandante Fenshaw. Depois, ficou a ver a carruagem descer a rua ruidosamente, virar a esquina e desaparecer. Ouviu o riso de Kitty uma última vez — um som leve e jubiloso, que antes fora música para os seus ouvidos e que agora lhe parecia uma notória provocação.

CAPÍTULO 12

— Lamento, Wesley, mas não há nenhum lugar disponível para si no Tesouro nem na Fazenda Pública. — Lorde Camden abriu as mãos, num gesto de impotência. — Como sabe, tenho muitos favores políticos a retribuir e, infelizmente, sou obrigado a dar-lhes prioridade acima de qualquer consideração de mérito ou de melhor qualificação para o desempenho do cargo. Oxalá assim não fosse, mas é como o sistema funciona.

— Compreendo — replicou Arthur, tentando disfarçar o seu desânimo. — Obrigado por ser franco comigo, milorde.

— É o mínimo que o senhor merece. Fique descansado, procurarei incansavelmente assegurar-lhe um posto em que possa dar provas do seu talento. Sei que me servirá bem. — Sorriu. — É apenas uma questão de tempo, Wesley. A sua estrela vai subir.

— Parece-me que já começou a extinguir-se, milorde.

As palavras tinham saído antes que Arthur pudesse contê-las, e Lorde Camden franziu o sobrolho, irritado.

— Ouça lá, estas coisas têm de respeitar uma ordem. O patronado é um sistema seguro. Sem ele, mais valia desistirmos já desta guerra e abraçar os ideais da França revolucionária. E já vimos aonde é que esses ideais nos conduzem. Ao caos e à tirania. O patronado funciona. Só depois de as necessidades do patronado serem satisfeitas é que podemos nomear as pessoas em função do mérito. E o mérito anda de braço dado com a experiência, jovem Wesley, precisamente o que lhe falta neste momento. Ouvi boas coisas a seu respeito, de várias fontes, sobretudo a aptidão para o comando militar. No entanto, na esfera política e no serviço público, ainda é um pouco *naïf*, não acha?

— É verdade que me falta experiência — concedeu Arthur. — Mas, como acabou de dizer, sou promissor e tenho muito empenho em aprender. Afinal, como pode um homem ganhar a experiência necessária, se lhe negam a hipótese de adquiri-la?

Lorde Camden encolheu os ombros.

— Pode parecer uma espécie de quebra-cabeças, mas há-de surgir alguma coisa. Tenho a certeza.

— E se não surgir, milorde?

— Se não surgir, talvez fosse aconselhável seguir uma carreira puramente militar. Pode conseguir promoções, condecorações e um título, se se cobrir de glória e viver tempo suficiente. Nessa altura, já entraria na vida política com alguma vantagem. Vale a pena ponderar a hipótese. — Camden bateu palmas. — Vamos lá! Tenho a certeza de que um jovem como o senhor anseia por um pouco de aventura e pela oportunidade de ganhar as esporas de cavaleiro.

Arthur sorriu amargamente.

— Parece-me que já existe uma dúvida razoável de que me seja encontrado um cargo público.

— Já lhe disse que farei o que puder por si — replicou friamente Camden, pegando numa pena. — Não pode pedir-me mais do que isso, Wesley. Não está, de modo nenhum, numa posição que lho permita. E agora, se me dá licença, esperam-me outros deveres.

A reunião tinha chegado ao fim, concluiu Arthur. Afastando-se da secretária, saiu a passos largos do escritório, tomado por uma indignação que rapidamente se converteria em novos abismos de desespero. Ainda podia fazer uma última tentativa, embora esta lhe ficasse atravessada na garganta, como uma espinha: escrever a Richard, pedindo-lhe uma ajuda maior. A recomendação directa do conde de Mornington abriria certamente algumas portas.

Depois de a carta ter sido redigida — e a situação cuidadosa e exaustivamente descrita — e enviada para Richard em Londres, Arthur voltou a concentrar-se em Kitty. Agora que recuperara a sua amizade no baile, sentiu-se capaz de fazer-lhe uma visita. Afinal, com um pretendente como o comandante Fenshaw em cena, um homem tão elegante e com uma condição financeira tão promissora, não havia razão para Tom Pakenham se preocupar com a sua presença. E, de facto, pôde acompanhar Kitty e Fenshaw nas suas idas ao teatro e em várias *soirées* e piqueniques no castelo, nos dias em que o Verão conseguia abrir caminho pelos teimosos nimbos do clima irlandês. Custava-lhe ouvir Kitty usar o primeiro nome de Fenshaw. Ele tinha levado meses, desde o dia em que a conhecera, a chegar ao tratamento pelo nome próprio.

Fenshaw inspirava-lhe sentimentos contraditórios. Era um homem que sabia contar uma história e comentar, com suficiente discrição para os ouvidos de Kitty, a vida picante dos oficiais da marinha. Ao mesmo tempo, possuía uma sensibilidade filosófica inata e conhecia o seu Locke de fio a

pavio. Em resumo, era um homem encantador, que Arthur teria tido todo o gosto em conhecer melhor, não fosse o afecto que sentia por Kitty.

A cada sorriso que ela concedia a Fenshaw, sempre que a sua mão tocava na dele, ou que os seus olhos se cruzavam, Arthur sentia um ciúme tão forte que logo se punha a invocar uma intervenção divina da mais rápida e fatal natureza. Depois, envergonhava-se dos seus pensamentos e sentia-se mais distante do homem que gostaria de ser. Não levou, aliás, muito tempo a perceber que esses momentos de ódio por Fenshaw se deviam ao facto de este possuir exactamente as virtudes e a rede de contactos de que ele próprio carecia. Isto acrescentava uma nota ácida e desagradável ao mais grosseiro sentimento do ciúme.

Numa manhã de Julho, os três apanharam uma carruagem e saíram da cidade, em direcção às colinas a sul de Dublin, em Dundrum. Era um belo dia de Verão e fiapos de nuvens brancas flutuavam num céu profundamente azul. Estendendo uma manta à sombra de um velho carvalho, começaram a esvaziar o cesto de piquenique.

— Um belo banquete. — Fenshaw sorriu. — Digno de um rei.

— Enquanto ainda tivermos um — acrescentou Arthur, com ironia.

O oficial da marinha fitou-o com curiosidade, e Kitty riu-se por entre dentes.

— Terá de desculpar o Arthur. Ele pensa que os franceses nos vão invadir a qualquer momento, destruindo as nossas cidades e massacrando o nosso povo com unhas e dentes, não antes de molestarem as mulheres primeiro.

— Oh, duvido que isso aconteça — replicou Fenshaw, servindo-se de uma perna de frango.

— Não enquanto os heróis da nossa marinha se colocarem, ou flutuarem, entre nós e o inimigo, suponho eu — disse Kitty, olhando de relance para Arthur. — Bem como os heróis do exército, naturalmente.

Fenshaw abanou a cabeça.

— Não foi isso que eu quis dizer. Não acredito que os franceses sejam tão maus como os nossos jornais ou o nosso governo nos querem fazer crer.

— A sério? — Arthur observou-o, siderado. — O que o leva a pensar assim?

Fenshaw deu uma dentada delicada na perna de frango e mastigou-a durante algum tempo, antes de responder.

— Temos de pensar no que motiva os revolucionários. Desde o início, o objectivo deles sempre foi melhorar as condições de vida do seu povo. Os plebeus tinham uma vida muito mais dura, em França, do que o nosso povo em Inglaterra, com pouca esperança de qualquer reforma às

mãos dos aristocratas e daqueles que dirigiam a Igreja Católica. Tendo em conta tudo o que sofreram, eu diria que existe alguma justificação para terem reagido contra a sua condição como reagiram. Se os homens do povo forem oprimidos com demasiada severidade, um dia acabam por erguer-se e derrubar os seus governantes.

— Então, aos seus olhos, existe uma justificação para o regicídio? — interrompeu Arthur.

— Não, penso que não fizeram bem em executar o rei. Mas, exceptuando isso, seria difícil não encontrar uma justificação para quase tudo o resto.

— Incluindo a abolição da monarquia.

Fenshaw encolheu os ombros.

— Talvez, dado o ponto a que os seus reis se afastaram das necessidades e desejos dos súbditos. Os revolucionários estão apenas a alterar, de novo, o equilíbrio do governo a favor do povo. É por isso que, na minha opinião, não devem ser considerados uma espécie de força elementar do mal e do caos.

Arthur abanou a cabeça, admirado.

— Não acredito que esteja a falar a sério, Fenshaw. Veja o que têm feito aos seus próprios concidadãos. Enviam-nos aos milhares para a guilhotina. Fazem guerra aos seus compatriotas na Vendée, na Normandia e no Sul do país. E as terras que já invadiram? Em que medida é que isso prova as suas boas intenções para com o homem comum?

— Eles lutam para manter a revolução viva, Wesley. Nenhuma monarquia europeia se atreve a deixar a república francesa vingar, com medo do precedente que isso poderia criar. É um símbolo para as pessoas oprimidas em todo o lado. É por isso que outros poderes se empenham em esmagar a revolução, fazendo a guerra de fora e espalhando a mentira e a insurreição por dentro. Perante isto, eles fazem o que têm de fazer para defender a revolução.

— Então, os fins justificam os meios? — retorquiu Arthur, fungando. — Essa tem sido a desculpa dos tiranos ao longo dos tempos. Os meios e os fins são indissociáveis e só os loucos e os charlatães é que fingem o contrário.

— Por vezes, é necessário fazer sacrifícios por um bem maior.

— Oh, tenha paciência, Fenshaw! Não me diga que acredita verdadeiramente nisso. A escória que chegou ao topo em França não anda a matar o seu próprio povo, e o das outras nações, por causa de um ideal. Fazem-no para se protegerem a si próprios e para estenderem a tirania a outras partes do mundo. Um tirano é sempre um tirano, seja qual for a nobre causa que alega servir. A revolução só gera o caos, e o caos só pode

ser resolvido por uma tirania implacável e cruel. Não é um destino que eu queira para o meu país e para o meu povo, se a França nos invadir.

Fenshaw esboçou um ténue sorriso.

— Wesley, não devia acreditar em tudo o que lê nos terríveis panfletos de Edmund Burke.

— E você, Fenshaw, não devia deixar-se enganar pelos miseráveis gatafunhos de Thomas Paine — replicou Arthur, com rispidez.

Uma tensão ameaçadora pairava sobre a manta do piquenique, e Kitty tirou uma pequena terrina do cesto e colocou-a entre os dois homens.

— Terrina de fígado de ganso? Deviam mesmo prová-la. É a nossa cozinheira que a faz. É deliciosa.

Arthur virou-se para ela de sobranceiras arqueadas, respirou fundo e estendeu o prato.

— Com todo o gosto, Kitty. Obrigado.

Fenshaw continuou a debicar a perna de frango enquanto mudava de posição para contemplar a vista de Dublin, agora liberta da habitual neblina de fumo castanho que se estendia de ambos os lados de Liffey.

— Está um dia tão bonito, não está? — exclamou Kitty, efusiva. — Demasiado bonito para o desperdiçarmos com conversas a respeito desses malditos franceses. Peço-vos que não tornemos a mencioná-los hoje. Não queremos dar-lhes a satisfação de arruinarem o nosso piquenique. Vamos, Arthur e Charles, comam.

Durante o resto da tarde, não houve mais tentativas de continuar a discussão, e os dois homens foram escrupulosamente educados um com o outro enquanto falavam de assuntos corriqueiros. Mas, a atmosfera amigável que antes existira tinha desaparecido e, apesar dos esforços de Kitty para a recuperar, o ambiente manteve-se tenso. No fim da tarde, quando os raios oblíquos do Sol acenderam uma paleta de tons vermelhos e amarelos ao longo da encosta da colina e nos campos mais abaixo, o cesto de piquenique voltou a ser carregado e posto na carruagem. Fenshaw afastou-se para ajudar o cocheiro a reconduzir os cavalos ao caminho. Kitty esperou que ele se afastasse o suficiente e interpelou Arthur.

— Porque é que fizeste isto? — sussurrou-lhe, num tom feroz.

— Estás a referir-te a quê?

— Não me trates como se eu fosse tola, Arthur. Sabes precisamente a que me refiro. Porque é que o provocaste?

— Não fiz nada disso. Quando muito, foi ele que me provocou a mim, Kitty. Com todos aqueles disparates acerca dos revolucionários e dos seus princípios. Se acredita mesmo no que estava a dizer, o homem só pode ser um imbecil.

— Ele estava apenas a ser sensível. Julgo que até falou muito bem acerca da forma injusta como o povo francês foi tratado.

— O que sabe ele a respeito do povo?

— O que sabe qualquer um de nós, Arthur?

Arthur abriu a boca, mas não soube o que dizer. Kitty tinha razão. Havia, entre classes, um abismo de incompreensão, tão profundo como o fosso que separava duas nações. Sentiu vergonha. Era um tenente-coronel da infantaria e pouco ou nada sabia acerca daqueles que liderava. E teria de fazer alguma coisa a esse respeito, se lhe viessem a confiar o comando de centenas de compatriotas. Na verdade, não lhe cabia apenas comandá-los, mas comandar o respeito deles e a vontade de servi-lo com todo o talento que possuíam. Na última campanha, Arthur tinha assistido às terríveis consequências dos momentos em que os oficiais se distanciavam dos seus soldados e deixavam de interessar-se pelo seu bem-estar.

Kitty fez-lhe sinal com o cotovelo.

— Charles vem aí. Não digas nem mais uma palavra acerca do assunto.

Ao chegar, Fenshaw fez um sorriso caloroso a Kitty e manteve a mesma expressão quando acenou para Arthur, perguntando:

— Tudo pronto? Então, vamos embora.

Educadamente, ajudou Kitty a subir para a carruagem e afastou-se para permitir que Arthur entrasse a seguir, mas Arthur manteve-se firme.

— O senhor primeiro, Fenshaw.

— Depois de si, senhor. Insisto.

Arthur preparava-se para protestar quando Kitty começou a martelar com os dedos na parede da carruagem.

— Se os meninos já tiverem terminado... Arthur, entra.

Arthur hesitou, por instantes, e depois fez o que ela lhe pedia, ocupando o lugar ao seu lado. Fenshaw subiu a seguir e sentou-se à frente deles, com os joelhos robustos entalados entre as botas de Arthur e os folhos do vestido de Kitty. O cocheiro trepou para o assento do condutor, pegou nas rédeas e deu-lhes um hábil puxão, fazendo um estalido com a língua. Dando um solavanco, a carruagem partiu com ruído pelo trilho que os levaria de volta a Dublin.

Por momentos, ninguém falou, nem sequer Kitty, todos contemplando, sem os ver, os campos que desfilavam, até que, por fim, Fenshaw aclarou a garganta.

— Coronel, devo pedir-lhe desculpa se, de alguma forma, o ofendi. Desagradar-me-ia pensar que um bom amigo de Kitty teria ficado constrangido por causa de algo que eu tivesse dito.

Arthur agitou uma mão.

— Não pense mais nisso. Foi apenas um momento de imoderação. Eu não devia ter reagido daquela maneira. Foi só porque os seus comentários me apanharam de surpresa, vindos, como vieram, de um oficial de Sua Majestade. Imagino que estava a fazer de advogado do diabo só pelo prazer do debate.

Fenshaw endureceu.

— acredite, senhor, que não estava. Eu mantenho-me fiel às minhas opiniões.

— E como é que as suas opiniões se mantêm fiéis ao dever para com o seu rei e o seu país? A simpatia pelo inimigo leva certamente a um conflito de interesses, uma vez que pode vir a ser obrigado a aniquilá-lo, não é assim?

Kitty bateu com a mão na coxa.

— Arthur! Estás a ir longe de mais.

Fenshaw levantou uma mão para a acalmar.

— É uma pergunta justa, Kitty. Deixe-me responder.

— Muito bem, então!

Ela virou-se para o outro lado e pousou o queixo nos nós dos dedos, fitando a paisagem no fio do horizonte.

Fenshaw olhou para Arthur.

— É verdade que os meus ideais políticos se enquadram na ala radical. Mesmo para um *Whig*. Mas sou, antes de mais nada, um inglês, e sei que a minha primeira obrigação é para com o meu país. Se a França tentar invadir a Inglaterra, terá de meter-se com a Marinha Real em primeiro lugar, e posso garantir-lhe que lutarei até à minha última gota de sangue para impedir os soldados franceses de pisarem as nossas costas. É assim que eu vejo as coisas, Wesley. Por isso, não duvide da minha lealdade. Não pense que eu sou um traidor. Podemos deixar ficar a coisa por aqui?

Arthur olhou de relance para Kitty, desejando ardentemente ter mordido a língua mais cedo, no início da tarde, quando ainda teria feito diferença. Mas, agora era tarde de mais, e não ficaria satisfeito se não testasse o ponto de vista do outro, esperando mostrar a Kitty que o seu admirador estava a fazer jogo duplo com os seus princípios.

— Talvez, senhor, mas confesso que me sinto curioso por saber como é que alguém com obrigações tão injustas conseguiria cumpri-las, caso viesse a debater-se com as forças militares francesas.

— Confie em mim. Na minha cabeça, o assunto foi analisado e já está resolvido. Combatê-las-ei com a mesma tenacidade que combateria qualquer outro adversário. E, uma vez que a marinha constitui a primeira linha de defesa do nosso país, é natural que seja chamado a dar provas disso mais depressa do que o senhor.

Era um bom argumento e Arthur não viu vantagem em prolongar o debate, pressentindo a fúria crescente de Kitty e tendo o bom senso de não lutar por uma vitória pírrica sobre o seu rival.

Já anoitecera quando a carruagem o deixou à porta do seu apartamento alugado, em Fostertown. Educadamente, Arthur desejou uma boa noite aos companheiros, antes de subir os degraus da porta da frente. Quando entrou no átrio, descobriu uma carta à sua espera, na prateleira do correio, e reconheceu instantaneamente a letra do seu irmão Richard. Descolando o selo, começou a ler. O tom de Richard era mais seco do que nunca e informava Arthur de que conseguira persuadir Lorde Camden a nomeá-lo para uma posição útil no âmbito do governo da Irlanda. Era certo que não se tratava de um cargo com a importância que Arthur ambicionava, mas seria uma base sólida para uma progressão na carreira.

Arthur continuou a ler, franziu o sobrolho e leu o último parágrafo duas vezes, antes de deixar cair a carta, terrivelmente abalado.

— Oh, Richard — murmurou. — O que é que tu me fizeste?

CAPÍTULO 13

— Era mesmo disto que eu precisava logo numa segunda-feira de manhã — resmungou Lorde Camden. Inclinando-se para a frente na cadeira, continuou, num tom irritado: — Pensei que queria uma posição no governo. E, no entanto, aqui está o senhor, a invadir o meu escritório com um assunto de urgência vital, segundo me informava no seu bilhete, para me dizer que não quer o trabalho?

— Não é bem isso, milorde — contrapôs Arthur, ansioso. — É claro que quero a posição e fico-lhe muito agradecido por me ter considerado à altura da mesma.

— Não considerarei, mas o seu irmão defendeu a sua causa de uma maneira muito eloquente.

Arthur não duvidou disso e perguntou a si mesmo que favor político teria sido prometido em troca da sua nomeação para Inspector-geral da Artilharia. Não era relevante. Era impossível aceitar aquele cargo. Isto é, se quisesse ter alguma possibilidade de conquistar a mão de Kitty.

— Milorde, permita-me que lhe explique.

— Por favor.

— O actual Inspector-geral da Artilharia é o comandante Pakenham.

— Eu sei disso, muito obrigado.

— A sobrinha é Kitty Pakenham.

Por momentos, Lorde Camden olhou-o fixamente, abanando a cabeça.

— Nunca ouvi falar dela.

— É a mulher com quem tenciono casar-me, milorde. Assim que as circunstâncias mo permitirem.

Lorde Camden arregalou os olhos ao perceber qual era problema.

— Ah! Estou a ver, meu rapaz. Não seria de bom-tom depor o parente da sua dama.

— Pois não, milorde, não seria. Especialmente porque tenho de conseguir a permissão do irmão para desposar Kitty, e este já não me tem em grande conta. Por isso, como pode constatar, vejo-me obrigado a declinar a oferta.

— Um mau negócio, Wesley — disse Camden, pesaroso.

— Pois é, milorde.

— E vai piorar.

Arthur arqueou as sobrancelhas, inquisitivo, e um sentimento de temor cresceu-lhe no peito. Como é que aquele sarilho podia piorar?

— Eu já informei o comandante Pakenham de que vai ser substituído. A carta foi enviada há três dias.

Arthur baixou a cabeça e a náusea fez com que, por momentos, se sentisse vacilar, à beira de um precipício. *Há três dias*. Mesmo que ainda não tivesse sido entregue, já não havia possibilidade de interceptar a mensagem. O mais provável era que o comandante Pakenham já tivesse emitido um amargo protesto a Lorde Camden e enviado uma carta aos membros da sua família, denunciando a jogada. Santo Deus, pensou, em pânico, até podia já ter chegado. Por um instante, Arthur imaginou a cena: Kitty a abrir a carta, a ler o seu conteúdo e a virar-lhe a cara para sempre. Era uma visão demasiado sombria para se demorar nela e, sacudindo-a para longe, voltou a concentrar-se.

— Milorde, peço-lhe humildemente que cancele a decisão de substituir o comandante Pakenham por mim. Embora eu saiba que o mal já está feito, não posso permitir que as outras pessoas pensem que fui cúmplice deste processo. Tenho de poder defender-me de quaisquer acusações de um comportamento indigno. Tem de compreender-me.

— Claro que compreendo! — gritou Lorde Camden. — Por quem me toma, por um idiota? Assim que isto se espalhar, é uma sorte se um dos jovens dessa família não o chamar para comer erva antes do pequeno-almoço.

— É esse o meu medo. Se for o irmão de Kitty...

— Nesse caso, será morto por ter cão e morto por não ter.

— Precisamente.

— Diabos o levem a si e ao intrometido do seu irmão! — Lorde Camden deu um murro na secretária. — Que figura é que acha que eu vou fazer? Primeiro, tiro o trabalho ao homem para o oferecer a alguém com menos de metade da idade dele e depois atiro-lho de novo à cara, como se estivesse a brincar com um maldito cachorro. Não pode ser, senhor!

— Pois não, milorde.

Por momentos, nenhum deles falou, enquanto o vice-rei olhava para o seu ajudante-de-campo e Arthur aguentava de pé o peso da reprovação e o temor pelas consequências da intervenção do irmão. Se ao menos Richard o tivesse consultado primeiro...

— Terei de escrever agora mesmo mais uma maldita carta ao comandante Pakenham. Só que, desta vez, sou obrigado a pedir-lhe humildemente que aceite o cargo de volta. Esperemos, para bem de nós os dois, que não lhe dê uma crise de fúria e de indignação e desate a espalhar, de qualquer maneira, a notícia do modo desprezível como foi tratado. — Inclinando-se, agitou um dedo para Arthur. — E aconselho-o a esquecer a ideia de que vou ajudá-lo a encontrar um posto no meu governo. Agora, desapareça da minha vista, Wesley. Tenho uma carta para escrever.

— Sim, senhor.

Arthur pôs-se em sentido, fez continência e, virando-se, apressou-se a sair do gabinete, enquanto Lorde Camden berrava pelo seu secretário.

Arthur saiu do castelo e dirigiu-se directamente a Russell Square. Não havia tempo a perder. Tinha de encontrar Kitty e explicar-lhe a situação, antes que ela soubesse da notícia pelo próprio tio. Quando chegou, subiu os degraus a correr, parou para recuperar o fôlego, tirou o chapéu, endireitou a casaca e, por fim, tocou no batente. Um criado idoso veio à porta, sorrindo ao reconhecer o visitante, e Arthur sentiu-se animado por ver que o pessoal ainda não recebera instruções para o tratar com indiferença.

— A menina Pakenham está em casa?

— Infelizmente não, senhor. Saiu há mais de uma hora.

— Sabe onde foi?

— Imagino que tenha ido às compras, senhor. A menina Pakenham foi certamente comprar alguns tecidos ao Thorns, a retrosaria na Rua Fitzroy.

— Tem a certeza?

O criado voltou a sorrir.

— A menina Pakenham é uma criatura de hábitos, senhor.

— Obrigado. — Arthur virou-se e desceu dois degraus. Depois, deteve-se e voltou para trás. — Se ela regressar antes de eu a encontrar, diga-lhe,

por favor, que tenho uma coisa muito importante para lhe dizer. Ficar-lhe-ia muito grato se ela aqui me esperasse depois de eu a ter procurado.

— Sim, senhor. Há mais alguma coisa que eu deva transmitir-lhe?

— Não. Eu conto-lhe tudo.

— Sim, senhor — respondeu o criado, com um aceno, fechando a porta.

Arthur regressou à pressa ao centro da cidade, ziguezagueando por entre os compradores da manhã e contornando os mendigos habilmente, em direcção à Rua Fitzroy. Entrou na Thorns e passou a loja a pente fino, em vão. Dirigiu-se, então, a Russell Square, mas Kitty ainda não tinha voltado para casa. Desesperado, deixou uma mensagem, pedindo que a menina Pakenham enviasse um bilhete aos seus aposentos assim que regressasse, para que ele viesse falar-lhe de um assunto de extrema urgência.

Sentindo o mundo ruir à sua volta, caminhou lentamente para casa, de cabeça baixa, com as mãos apertadas atrás das costas, e tentou ensaiar as palavras que usaria para tentar persuadir Kitty da sua inocência naquela lamentável embrulhada. Entretanto, começou a chover, e Arthur viu que se tinha esquecido da capa no castelo, na pressa de encontrar Kitty. Quando chegou ao seu quarto alugado, em Fostertown, estava ensopado até aos ossos. O porteiro da casa franziu o sobrolho ao vê-lo a pingar no átrio da entrada. Começou a falar, mas Arthur interrompeu-o.

— Earnshaw, quanto leva para me preparar um banho?

— Frio custa-lhe três dinheiros, senhor. Quente, são seis.

— Dou-lhe um xelim se conseguir preparar-me um banho quente para daqui a meia hora.

— Sim, senhor.

Arthur correu para as escadas, mas o porteiro chamou-o.

— Senhor!

— O que é?

— Está ali uma pessoa à sua espera, senhor. Na saleta. — O porteiro sorriu. — Uma senhora fina, senhor.

— Oh, deuses... — murmurou Arthur. Por momentos, teve uma esperança absurda de que fosse uma coincidência. Depois, amaldiçoou-se. Claro que não era. Kitty já tinha recebido a notícia. Fitou o chão do átrio por instantes, até conseguir reunir a vontade necessária para endireitar as costas e caminhar firmemente até à porta da sala. Quando a abriu, viu Kitty sentada numa cadeira, ao pé da janela. Por cima do seu ombro, a chuva estriava a vidraça de má qualidade e fazia estremecer o mundo exterior, transformando-o numa mancha de contornos vagos. Kitty olhou para ele fixamente, os lábios reduzidos a uma linha rígida no rosto pálido.

— Olá, Kitty. — Arthur quase se permitiu sorrir, mas parou mesmo a tempo. — Fui à tua...

— Como é que te atreveste? — interrompeu bruscamente.

— Kitty!

Arthur deu um passo na sua direcção, e ela retraiu-se, como se ele fosse uma serpente venenosa.

— Não te aproximes, Arthur. Acho que seria capaz de vomitar se te aproximasses mais. Em todo este tempo, desde que nos conhecemos, nunca suspeitei que fosses capaz de um comportamento tão vil, tão calculista, tão indigno de um cavalheiro. Aí está um bom homem, dizia a mim própria. Honesto, encantador, inteligente. E agora acabaste de cometer o erro mais estúpido, mais miserável de toda a tua vida. E só de pensar que eu te amava. Que queria casar-me contigo! Só a ideia me dá arrepios. Eu... — Kitty baixou a cabeça e, num gesto irritado, secou uma lágrima. Mas não foi suficiente para deter a torrente de emoções que lhe brotava do corpo, e os seus ombros tremeram com mais um ataque de choro.

Arthur olhou para ela, dividido entre o desejo de tocar-lhe, de confortá-la, e a consciência de que Kitty sentiria repulsa por esse gesto. Engoliu nervosamente.

— Kitty, deixa-me explicar. Por favor.

Ela abanou a cabeça com violência, apressou-se a secar os olhos e fitou-o, com um ar de desafio.

— Explicar o quê, Arthur? Eu sei tudo. Acima de tudo, sei como me traíste a mim e à minha família. Sinto-me uma perfeita idiota por não ter adivinhado.

— Não havia nada para adivinhar, Kitty. Eu sou o mesmo Arthur que sempre fui. O mesmo homem a quem um dia disseste que amavas.

— Não te atrevas a dizer isso, verme!

— Deixa-me falar. Ouve-me, Kitty. Depois, podes chamar-me o que quiseres, se o teu coração ainda estiver virado contra mim. Mas, primeiro, ouve-me.

Ela cerrou os lábios, fitou-o com um ar ameaçador e assentiu lentamente.

— Diz o que tens a dizer, Arthur, embora não vá adiantar nada.

Pela primeira vez nesse dia, Arthur sentiu o coração um pouco mais leve, e respirou fundo para se acalmar, antes de lhe falar da carta que escrevera ao irmão, Richard, e das suas terríveis consequências.

— Eu disse a Lorde Camden que, dadas as circunstâncias, não se colocava sequer a hipótese de eu aceitar o cargo — concluiu. — Tenho estado à tua procura desde então, porque queria contar-te a verdade antes que ouvisses o que tinha acontecido e, muito possivelmente, interpretasses mal.

— Interpretasse mal? É um pouco mais sério do que isso, Arthur.

— Kitty, eu sei que estou a um milímetro de perder a pessoa que mais amo neste mundo, mas garanto-te que estou a dizer a verdade. Não tive qualquer influência nesta história. — Dando um passo em frente, caiu de joelhos junto dela. — Garanto-te que não fiz nada de que pudesse envergonhar-me. Informei Camden de que não podia aceitar o cargo e supliquei-lhe que o devolvesse ao teu tio. Agi da forma mais honrada que a situação me permitia.

Kitty observou-o em silêncio, e Arthur viu o conflito de emoções que lhe marcava a expressão. Devagar, estendeu a mão para tocar na dela e pegou-lhe delicadamente. Os lábios de Kitty tremiam e ela encostou a mão dele à sua face e pressionou a sua pele contra a dele.

— Oh, Arthur, eu quero acreditar nisso. Tom disse coisas terríveis esta manhã. Tinha um encontro urgente hoje. A seguir, receei que viesse à tua procura, para pedir uma satisfação. Era por isso que tinha de falar contigo primeiro.

— Terei de explicar-lhe a ele também.

— Não agora. Mais depressa levavas um tiro. Deixa-me falar com ele. Envio-te um bilhete quando for seguro contares-lhe nas tuas próprias palavras. — Kitty libertou a mão dele e secou as lágrimas na manga do casaco. — É melhor voltar. Tom pode já estar em casa e vai querer saber onde fui.

Arthur pôs-se de pé com dificuldade.

— Sim, claro. Ficarei à espera do teu bilhete.

Depois, acompanhou-a até à porta e, quando estavam no limiar da entrada, agarrou-lhe nos ombros, olhando-a nos olhos.

— Eu amo-te, Kitty. Nunca faria nada que pusesse em perigo ou desonrasse esse amor.

Ela sorriu vagamente.

— Eu sei. E amo-te. Penso que te amarei para sempre.

Depois, virou-lhe as costas e correu para longe.

Embora o comandante Pakenham tivesse aceitado as explicações de Arthur, ficou compreensivelmente enfurecido com a intervenção de Richard. O irmão de Kitty foi menos piedoso e recusou-se a ter mais alguma coisa a ver com a família Wesley, proibindo Arthur de entrar em sua casa e avisando Kitty para que se mantivesse longe dele. Pior ainda, o incidente azedara as suas relações com Lorde Camden, e ficou bem claro que, durante muito tempo, não viria dali nenhuma nomeação.

Assim, Arthur engoliu o orgulho e o ressentimento e escreveu a Richard, pedindo ao irmão que o ajudasse a descobrir um comando em campanha, uma vez que a única hipótese que lhe restava era uma carreira

no exército. As ordens não tardaram a chegar. O tenente-coronel Wesley deveria reunir-se ao 33.º de Infantaria em Plymouth, onde o regimento se preparava para partir para as Índias Ocidentais. Arthur reuniu os seus maiores pertences em arcas de viagem e fez as suas despedidas.

Conseguiu enviar uma mensagem a Kitty através do comandante Fenshaw, feliz como nunca por entregar o bilhete de um rival que estava de partida. E, no fim de Agosto, encontraram-se num pequeno café perto do castelo. Pela primeira vez, em mais de uma semana, o céu estava limpo e um Sol quente banhava Dublin, animando os seus habitantes, o que acentuava o contraste das duas figuras, sentadas numa mesa do canto, com os outros clientes, tagarelando alegremente entre si.

— Não faço ideia quanto tempo estarei longe desta vez — disse Arthur. — Pode levar alguns anos.

— Anos? — Kitty estremeceu. — Porquê tanto tempo? A última campanha terminou em poucos meses.

— Eu sei. Mas, desta vez, vai ser diferente. O governo quer levar a guerra às colónias francesas. Vai ser preciso subjugar uma ilha de cada vez. Isso pode demorar muito mais tempo do que se imagina, especialmente com as condições que temos nas Índias Ocidentais.

— Condições? — Kitty franziu o sobrolho. — Referes-te aos perigos para a saúde, não é? Charles falou-me dessas doenças todas: febre-amarela, disenteria... Oh, não quero sequer lembrar-me do resto. — Estendeu a mão por cima da mesa e entrelaçou os seus dedos nos dele. — Arthur, promete-me que vais tomar conta de ti.

— Farei o meu melhor, Kitty. Mas, seja como for, imagino que não conseguirei ver-te durante muito tempo. Nessa altura, já me terás esquecido e casado com outro qualquer. Talvez Charles.

— Não digas essas coisas. — Ela olhou para baixo e abanou a cabeça. — Eu quero-te a ti.

— Seria uma perfeita loucura casarmo-nos no ponto em que as coisas estão, Kitty. Lembra-te só que os meus sentimentos por ti nunca mudarão. Aconteça o que acontecer. E, se um dia eu voltar, tiver feito fortuna e, por milagre, tu ainda não te tiveres casado, então...

Ela olhou para cima e forçou um sorriso.

— Ainda estarei aqui. Se ainda me quiseres.

Arthur sentiu uma torrente bruta de emoções inundar-lhe o peito e logo converter-se numa dolorosa agonia, provocada pela consciência cruel de que, dentro de pouco tempo, se separariam um do outro, talvez para sempre.

— Kitty. Juro-te, pela minha vida, que vou querer-te sempre. É uma promessa.

CAPÍTULO 14

Dezembro de 1795

Naquele dia límpido e agradável de Inverno, o porto de Southampton estava apinhado de embarcações. Os mastros, o vergame e o massame assemelhavam-se a uma teia vasta e intrincada do lugar onde Arthur observava a cena, no cais principal. No meio dos navios de cabotagem e das pequenas barcas comerciais, os imponentes *Indiamen*⁴ hasteavam a bandeira da Companhia das Índias Orientais. Mais longe, viam-se os navios de guerra da Marinha Real, desde as pequenas corvetas, até aos majestosos navios de linha. As barcas estavam ancoradas a um lado do canal, enquanto vários navios, aproveitando uma brisa favorável, deslizavam para o interior do porto de Southampton, ou faziam-se à vela com outros rumos. As gáveas, caçadas a beijo, inchavam quando se enchiam de vento, fazendo os navios guinar levemente para sotavento.

O cais fervilhava de homens a descarregar a carga dos navios mercantes e de outros a carregar provisões e equipamento para os navios de transporte de tropas ancorados perto do arsenal da marinha. Arthur observava os seus oficiais e sargentos a reunir os homens de casaca vermelha do seu regimento, o 33.º de Infantaria, conduzindo-os pelas rampas até ao convés dos navios, onde ficariam alojados em espaços minúsculos durante os meses seguintes. Os gritos severos dos sargentos competiam com a brisa a assobiar no massame e com a estridente cacofonia das gaivotas. Quando os últimos homens subiram a bordo, Arthur virou as costas e dirigiu-se aos seus aposentos, na estalagem *Crown and Anchor*, para resolver alguns assuntos pessoais antes de se juntar aos seus homens. Se a direcção do vento se mantivesse constante, o regimento partiria na maré do meio-dia, no dia seguinte. Como tal, trabalhou arduamente para concluir as tarefas que faltavam, antes de deixar a Inglaterra.

Arthur ainda devia ao agente das terras da família cerca de mil libras e pedira à mãe, *Lady Anne Wesley*, que afiançasse a dívida até ele regressar do serviço no estrangeiro e ter com que a pagar. Concluiu que devia a Richard uma soma ainda maior, depois de ter contabilizado todos os empréstimos que este lhe fizera para comprar comissões e suportar os custos da sua eleição para deputado por Trim. Por fim, escreveu uma última carta a Kitty, declarando-lhe a sua intenção de criar fama e fortuna e, no caso de ela ainda não se ter casado quando ele regressasse, de honrar a sua promessa, desposando-a. Pensara muito naquela carta. O tempo podia mudar os

⁴ N. T. Os *Indiamen* eram os navios que faziam a carreira da Índia.

sentimentos de um homem, mas sentia-se convicto da natureza imutável do seu amor por Kitty, a ponto de poder assumir um compromisso por escrito.

Assinou, então, a carta, dobrou-a cuidadosamente, escreveu o nome e endereço de Kitty na frente e selou-a. Depois, sentou-se na cadeira e serviu-se de um bom copo de vinho da Madeira. Anoitecia, e a luz começara a esmorecer. Os quartos que alugara no *Crown and Anchor* eram razoáveis, mas as janelas estavam manchadas, não eram grandes e só tinham vista para o pátio dos coches. Não que tivesse havido tempo para contemplar a vista, caso houvesse alguma.

Assim que chegara a Southampton, vira-se inundado de tarefas que exigiam a sua atenção. Cabia-lhe certificar-se de que o regimento levaria tudo o que precisava para a campanha iminente e que todos os homens com família tinham resolvido as coisas de maneira a que uma parte do seu soldo fosse directamente enviada às mulheres. Era necessário redigir e ratificar testamentos, antes de estes serem enviados de volta para a base do batalhão. Alguns homens estavam na cadeia por dívidas e crimes vários, e Arthur tivera de requisitar humildemente a sua libertação, ou persuadir os magistrados locais de que era um dever patriótico devolver os patifes ao exército, de maneira a que pudessem expiar os seus pecados lutando pelo rei e pela nação. Um dos seus oficiais acumulara uma enorme dívida de jogo, e Arthur preferira pedir dinheiro emprestado para a saldar, do que perder os serviços do jovem. A dívida acabaria por ser deduzida do seu soldo. A carta para Kitty tinha ficado para o fim — uma tarefa adiada até já não haver a mais ínfima distração que pudesse interferir com a escrita daquela que podia ser a última mensagem que lhe enviava.

Agora que terminara, já não havia mais nada para fazer. Assim que o vento estivesse de feição, embarcaria no seu navio e navegaria para longe de Inglaterra. Enquanto bebericava moderadamente o copo de vinho da Madeira, apercebeu-se do cansaço que sentia. Semanas de uma actividade frenética tinham tido o seu impacto, e parecia que toda a energia o abandonara. Sentia a cabeça a latejar e o corpo dorido. Penosamente, levantou-se e despiu-se. Deixando as roupas penduradas nas costas da cadeira, subiu para a cama e fechou os olhos.

Acordou cedo, gelado e a tremer. Lá fora, o vento gemia nos telhados do porto e, enquanto se dirigia ao cais, Arthur viu que um temporal soprava directamente do canal. O tempo manteve-se agreste por vários dias e, enquanto os homens permaneciam a bordo, a tentar reabilitar-se ao balanço do navio, decidiu percorrer a pé ou a cavalo as costas do Solent, observando e aguardando a mudança no vento que permitiria à escolta de navios deixar Southampton. À noite, regressava ao quarto para ler os livros

que comprara acerca das Índias Ocidentais. Também pedira emprestados alguns jornais franceses ao capitão do porto, para se inteirar das últimas novidades da guerra na Europa. Ao ler atentamente os artigos, voltou a deparar-se com o nome de Bonaparte. Parecia que o herói francês de Toulon aumentara a sua glória ao esmagar uma insurreição realista em Paris, sendo promovido a general. Arthur suspirou de cansaço. Aparentemente, a sorte favorecia alguns homens bem mais do que outros. Dir-se-ia que aquele indivíduo, Bonaparte, atraía todos os acasos felizes ao seu caminho, ao passo que uma infinidade de obstáculos possíveis e imaginários se interpunha entre Arthur e as suas possibilidades de êxito. Por muito que abominasse a revolução francesa e tudo o que esta representava, não conseguia deixar de sentir inveja da situação de Bonaparte. Talvez um dia a sua sorte mudasse e, então, lutaria para igualar, ou mesmo superar, os feitos de homens como o general Bonaparte.

Por fim, em meados de Dezembro, num dia de frio cortante, o vento rondou para leste e o comandante da fragata *Hermione*, incumbido de escoltar o transporte das tropas, enviou uma mensagem a Arthur notificando-o de que o comboio de navios se faria à vela na manhã seguinte.

O vento uivava à superfície do mar, arrancando a espuma à crista das ondas. A bordo, todo o aparelho gemia e guinchava e o convés inclinava-se para um e outro bordo, por baixo dos pés de Arthur. Lá em cima, estreitas faixas de vela tinham sido esticadas com firmeza por baixo do pano dobrado que pendia dos mastros. Dois pequenos triângulos de velas da bujarroa por cima dos gurupés ajudavam o navio-transporte a navegar, na esteira dos navios mais avante, navegando para sudoeste, para longe da costa da Ilha de Wight. A meia milha da proa, ligeiramente a estibordo, o *Hermione* avançava, atravessando as ondas numa chuva ascendente de espuma que vinha cair no castelo da proa.

Embora a tempestade assolasse o convés, Arthur estava a divertir-se, embrulhado num casaco espesso e coberto de oleados que o protegiam dos golpes de vento gelado que fustigavam o navio, quase apagando a costa da Inglaterra. A desenfreada fúria da natureza encheu-o de assombro, misturado com o típico orgulho humano no triunfo do Homem sobre os elementos, enquanto os navios sulcavam as ondas com altivez, em direcção ao mar alto. Mais à frente, só conseguia entrever as Needles: essas colunas de rocha branca que se estendem a partir da ponta da Ilha de Wight. O navio-testa navegava sob as ordens do comandante Shelby e, enquanto observava, começou a passar, bem longe dos rochedos. Quando o último dos navios-transporte se libertou das Needles, Arthur ouviu, excedendo a força do próprio vento, o estrondo e rugido das ondas a embaterem nas colunas

rochosas. Depois de saírem do abrigo parcial da ilha, o navio ficou completamente exposto à força total da ventania. O convés inclinou-se de uma maneira alarmante e ele agarrou-se ao corrimão da borda.

— Coronel! Coronel Wesley!

Arthur virou-se e viu uma figura a avançar pelo tombadilho. Uma rabanada de vento empurrou o rebordo do oleado do recém-chegado contra a testa, e Arthur reconheceu o comandante Hodges. Hodges era um marinheiro experiente e avançou com considerável destreza, enquanto o pavimento subia e descia a pique por baixo dos seus pés. Quando se aproximou de Arthur, rodeou a boca com as mãos e gritou:

— Aconselho-o a descer, coronel!

Arthur abanou a cabeça.

— Ainda não! Quero ver a Inglaterra uma última vez!

Hodges olhou para ele por momentos e depois encolheu os ombros e virou-se para trás, regressando ao tombadilho.

— O senhor coronel é que sabe.

Na verdade, Arthur só queria adiar o regresso ao camarote apertado que lhe fora atribuído, perto da popa do navio. Os soldados tinham recebido ordens para ficarem lá em baixo e afastarem-se do caminho dos marinheiros, mas o mundo por baixo do convés era um caos infernal. Não havia um ponto firme, de referência, relativamente ao movimento do navio. Em escassos minutos, aquela agitação descontrolada enjoara muitos homens e vários vomitavam no primeiro balde de despejos que havia à mão. O sofrimento dos soldados era agravado pelo fedor que subia das imundícies acumuladas no porão. Outros, demasiado aterrados para se sentirem indispostos, entalavam-se nos cantos, encostados às enormes balizas do navio, que rangiam e estalavam com a pressão da tempestade. Os seus lábios moviam-se em preces silenciosas, ou maldições, e o efeito cumulativo de tudo aquilo levava Arthur para o convés, onde pedira autorização a Hodges para ficar durante algum tempo, longe da tripulação.

Mas começara a escurecer, e já não se via o navio-testa, apenas o brilho vivo da lanterna pesada redemoinhando como um chicote a meio do mastro da mezena. Quando a noite se fechou à volta do navio-transporte, Arthur pôs-se, por fim, a caminho da escada que conduzia aos camarotes e, deitando um último olhar à massa negra do mar que rodeava o navio, baixou-se e desceu com cuidado as escadas íngremes daquela passagem estreita. O seu camarote era um dos mais espaçosos e, mesmo assim, não era muito mais largo do que a cama apertada que havia no interior. Despiu os oleados e a capa, colocou-os sobre a arca de bordo e chamou um dos criados do navio para que lhe trouxesse uma bebida. Quando se embrulhou nos cobertores para dormir, os seus ouvidos encheram-se dos rangidos de

protesto das madeiras forçadas, do gemido profundo do vento e do estrondo surdo das ondas a embaterem no casco.

A manhã trouxe novos problemas. O comboio desordenara-se e dispersara durante a noite. Quando Arthur se juntou a Hodges no convés, sob a pálida claridade de uma luz filtrada pela massa de nuvens cinzentas que desfiliavam no céu, só avistou no mar que os cercava as faixas ténues das velas de dois navios.

— Está algum dos outros navios-transporte à vista?

— O vigia assinala mais dois, com o casco invisível, a sul.

— O que aconteceu aos outros?

— Podem estar a muitas milhas de distância, neste momento. Se não tiverem naufragado.

— Convés à vista! — gritou uma voz, quase inaudível no vendaval. Arthur olhou para cima e viu uma silhueta nos enfrechates do mastro grande, agarrando-se com força enquanto o mastro descrevia círculos frenéticos no céu enevoado. — O *Hermione* içou um sinal!

— O que é que diz? — replicou Hodges, aos gritos, com um megafone.

Houve um atraso na resposta, enquanto o vigia apontava o óculo, fazendo o que podia para o fixar na fragata. Por fim, baixou a lente e gritou lá para baixo:

— Façam-se à vela, rumo sudoeste, até novas ordens.

— Sudoeste? — Arthur franziu o sobrolho. — Porquê sudoeste?

— Porque é mais seguro. Se nos dirigirmos para sul, ainda vamos parar a Ushant. Para oeste, podemos chegar às costas da Cornualha.

— No meio de todo este mar? — Arthur abanou a cabeça. — Claro que não. Estão a centenas de milhas de distância.

— É verdade — admitiu o comandante Hodges. — Mas o senhor coronel sabe onde estamos neste momento? Onde estamos precisamente? Eu também não, e continuarei sem saber até poder medir a altura do Sol. Com este temporal, ninguém sabe o tempo que isso poderá levar. Por isso, até lá, jogamos pelo seguro e navegamos para sudoeste.

A madrugada seguinte revelou um horizonte varrido pela tempestade, sem navios à vista, e o comandante Hodges manteve o rumo que lhe tinha sido dado. Seguiram-se dias de opressiva monotonia enquanto o navio-transporte navegava com o vento na alheta de bombordo, subindo cada vaga e depois guinando e descendo a cava da onda a pique, quando esta lhe passava à proa. Rabanadas de chuva encharcavam constantemente o navio, e a água encontrou maneira de se introduzir entre as tábuas do convés. Pouco depois, já nada parecia seco e tornou-se quase impossível conservar o calor.

Uma manhã, quando Arthur emergia da sua frequente tentativa de caminhar para cima e para baixo no tombadilho, o comandante Hodges apareceu para o cumprimentar com um breve toque na aba do chapéu.

— Um bom dia para si, senhor coronel.

— Algum sinal dos outros navios?

— Nenhum, senhor coronel. E já há vários dias.

— Tem alguma ideia da distância que percorremos?

— É difícil dizer. Estamos a dar seis nós no mar, mas no terreno... —

Encolheu os ombros. — Se o vento se mantiver, é favorável para chegar às Índias Ocidentais e chegaremos a tempo.

— Já é algum consolo.

— Sim, senhor coronel. — Hodges confirmou com um aceno e afastou-se para os seus afazeres de bordo. De súbito, deteve-se e olhou de novo para Arthur. — Uma outra coisa, senhor coronel.

— Sim?

— Feliz Natal.

— Natal? Oh, meu Deus, claro. — Arthur riu-se. — Feliz Natal para si também, comandante!

No dia seguinte, o vento começou a rondar. Aos poucos, grau a grau, para a direita, até ficar suficientemente para oeste, de modo que foi obrigando a alterações de rumo, com sucessivas viragens por d'avante, de seis em seis horas, de forma a manter uma mareação tão colada ao vento quanto possível, que permitisse o governo do navio. E a tempestade prolongou-se, dia após dia, semana após semana, até que, quando a viagem já durava há quase sete semanas, o vigia gritou para o convés:

— Terra à vista!

— Onde? — gritou Hodges de volta.

— Duas quartas para estibordo!

O vigia esticou o braço e os oficiais no tombadilho viraram-se para perscrutar o horizonte naquela direcção. Por momentos, não conseguiram ver nada; depois, o navio subiu a crista de um vagalhão e a costa apareceu: uma linha negra interrompida pelos rasgos brancos dos penhascos.

— Que terra é aquela? — Arthur fechou um olho. Hodges manteve-se, por momentos, em silêncio, firmando as pernas enquanto apontava o óculo para a costa distante, até o navio se afundar numa cava e ele fechar o óculo bruscamente. Por fim, deu uma gargalhada amarga.

— São as Needles.

— As Needles? — Arthur abanou a cabeça. — Impossível! Mas como? Estivemos no mar quase dois meses.

— É esta maldita tempestade. Não conseguimos rompê-la. E agora soprou-nos de volta para a Inglaterra.

— O que vai fazer?

— Que posso eu fazer? Gastámos dois meses de provisões, o aparelho já está à beira da ruptura e o vento esfarrapou-me duas velas. Vamos voltar ao porto.

Na manhã seguinte, o navio-transporte subiu penosamente o estreito de Southampton e reduziu o pano. Hodges juntou-se a Arthur na borda e apontou para um conjunto de navios ancorados no estreito.

— Reconhece-os? É o resto do comboio. Sabe há quanto tempo estão aqui?

Assim que o navio-transporte terminou a faina de amarração e rizou todas as velas, Arthur foi a terra num dos botes. Pisar solo firme foi uma experiência estranha, depois de ter passado sete semanas loucas no mar alto. As próprias pedras do pavimento por baixo dos seus pés pareciam inclinar-se e andar à roda tão freneticamente como o convés do navio. Irritado, fez uma careta, enquanto as suas pernas habituadas ao balanço do barco o levavam desajeitadamente ao longo do cais, até ao quartel-general do capitão do porto. O então titular do cargo era o contra-almirante Porter, uma relíquia de outra época, que ainda usava uma peruca coberta de pó. Quando Arthur foi conduzido ao seu gabinete, Porter levantou-se rigidamente da cadeira e apertou-lhe a mão.

— Folgo em vê-lo de novo, coronel. Começava a perguntar-me se o seu navio teria naufragado. O resto do comboio passou uma boa parte do mês no porto.

— Um mês? — Arthur abanou a cabeça. Enquanto Hodges e a sua tripulação tinham decidido enfrentar os elementos para conseguir ganhar cada centímetro de terreno para oeste, as outras tripulações tinham-se deixado ficar comodamente ao sol.

— Ah! — Porter levantou a mão. — Agora que penso nisso, há novas ordens para si. Chegaram de Londres a semana passada. Estão ali, em cima da mesa. Vá lá buscá-las, enquanto peço uma bebida. Qual é o seu veneno, Wesley?

— Chá, por favor, senhor. Uma bela chávena de chá a fumar.

Porter riu-se por entre dentes.

— Vou tratar disso.

Quando o velho marinheiro saiu, atarefado, para ir buscar as bebidas, Arthur atravessou a sala em direcção à mesa que lhe fora indicada, passando os olhos pela correspondência que aí se encontrava. Vendo o seu nome quase de imediato, pegou num pequeno pacote e quebrou os lacres. Retirando o invólucro selado, desdobrou a carta e começou a ler a missiva

seca de um oficial do estado-maior de *Horseguards*⁵. Desde o início desse ano, o tenente Wesley fora formalmente promovido a coronel. Era-lhe ainda pedido e requerido que fizesse preparativos para uma nova viagem. Assim que o comboio fosse reabastecido de provisões, deveria fazer-se à vela e chegar o mais depressa possível ao Forte William, em Calcutá.

— Calcutá! — Arthur não acreditou nos seus olhos. *Índia?*

— Como disse, coronel?

Porter tinha, entretanto, regressado, com a mão à volta do ouvido.

— Calcutá — repetiu Arthur. — O Ministério da Guerra vai enviar o 33.º para a Índia.

— Índia? — reflectiu Porter. — Está com sorte, coronel. Foram muitos os que fizeram fortuna na Índia. Agora, parece que chegou a sua vez.

CAPÍTULO 15

Napoleão

Itália, Abril de 1796

— Não acredito que fiquem muito satisfeitos com a situação — murmurou o major Junot, observando os comandantes das três divisões do Exército de Itália a desmontar à porta da casa de um comerciante, requisitada para ser o quartel-general de Napoleão, em Nice. Tal como muitas das luxuosas moradias que Napoleão visitara no Norte de Itália, esta estava recheada de esculturas antigas e das mais belas pinturas do Renascimento.

Napoleão sorriu para o seu recentemente promovido ajudante-de-campo.

— Ninguém lhes pede que fiquem satisfeitos, apenas que cumpram ordens.

O olhar de ambos seguiu os três comandantes, que atravessavam o pátio até à entrada da casa. Não era difícil adivinhar quem era quem. Napoleão lera na diagonal a folha de serviços de cada um, durante a viagem de Paris. Do mais pequeno, Massena, dizia-se que era um valente soldado e um bom estratega. Também era um escandaloso mulherengo e abundavam comentários acerca da forma extorsionária como tratava qualquer propriedade privada de que se enamorasse enquanto estava em campanha. O general Augereau, com trinta e oito anos, tinha a mesma idade

⁵ N. T. Regimentos de cavalaria da Guarda Real Britânica.

que Massena, mas era alto, bem constituído e um esgrimista de talento. O representante do Comité de Segurança Pública que fizera aquele relatório devia ser uma alma sensível, uma vez que assinalava a inclinação de Augereau para o constante praguejar. Augereau também não se elevava acima da eventual orgia de saques, mas o delegado concluía, contrafeito, que era um chefe intrépido, amado pelos homens que comandava. O terceiro general, Serurier, já servia o exército há mais de trinta anos. Era alto e esguio e tinha uma expressão sisuda. Era rígido com os seus homens e estes serviam-no bem, mas ainda tinha provas a dar como comandante.

Napoleão percebia o receio de Junot. Todos eles tinham acalentado a esperança de ser o novo comandante do Exército de Itália. Em vez disso, o posto fora atribuído a um homem onze anos mais novo do que o mais jovem dos três. Mais grave ainda, Napoleão nunca liderara uma força maior do que o trem de artilharia que tinha usado para bombardear as defesas de Toulon, dois anos e meio antes. Era inevitável que o considerassem uma nomeação política — a marioneta de Paul Barras e dos outros membros do Directório que estavam à testa do governo, em Paris. Deixá-los pensar assim, meditou. Quanto mais enganados estivessem, mais fácil seria impressioná-los quando a campanha começasse e ele conseguisse as primeiras vitórias contra os austríacos e essa ralé que a eles se aliara na península itálica.

Napoleão desviou o olhar da janela e sentou-se à cabeceira de uma mesa comprida, na requintada sala de jantar do comerciante. Os membros mais chegados do seu estado-maior — Junot, Berthier, Murat e Marmont — ocuparam os lugares ao seu lado, enquanto esperavam que os três generais fossem conduzidos à primeira reunião de oficiais superiores do exército.

As portas duplas no fundo da sala foram abertas por dois cabos, e o estado-maior ergueu-se graciosamente quando os comandantes de divisão entraram, envergando finos fraques, decorados com galões dourados. Depois de entregarem os chapéus e cinturões aos cabos, ocuparam os seus lugares na mesa. Napoleão encarregou-se das apresentações e voltou a sentar-se, para dar início ao encontro.

— Ora bem, cavalheiros, Paris pediu-nos para expulsar os austríacos de Itália. Ao mesmo tempo, temos de fazer alianças com todos os reinos italianos que pudermos, e aterrorizar, ou esmagar, os outros. Nada a que os soldados da França não estejam já habituados, como decerto concordarão.

Com uma facilidade razoável, os oficiais riram-se, por entre dentes, do comentário, e Napoleão prosseguiu.

— Contudo, devo dizer que a tarefa não será isenta de dificuldades, dado o estado actual do Exército de Itália. Disseram-me em Paris que havia quarenta e dois mil homens no exército. O que descobri assim que cheguei

é que não há mais de trinta mil, e que a maior parte deles está faminta e mal equipada e já não recebe há meses. Numa unidade por onde passei ontem, os homens estavam a usar peles de cabra para substituir casacos e muitos deles não tinham botas. O trem de artilharia do exército consiste em vinte peças de artilharia ligeira de montanha e algumas mulas de carga. Não é coisa que assuste o inimigo. Dadas as circunstâncias, não é de admirar que o moral das tropas e dos oficiais esteja tão baixo.

O general Augereau entrelaçou os dedos e recostou-se na cadeira.

— Bem, parece que não se pode acreditar em tudo o que se ouve em Paris. Talvez devesse regressar e dizer-lhes a verdade, senhor.

— Não há tempo para isso, general. Temos de agir agora. Há que trabalhar muito para conseguir que o Exército de Itália esteja preparado para a próxima campanha. Precisamos de reforços, precisamos de provisões e de equipamento e, acima de tudo, precisamos de incentivar o moral das tropas. E, para isso, precisamos de vitórias. Como tal, decidi abrir a nossa campanha contra os austríacos em meados de Abril.

— Mas isso é daqui a pouco mais de duas semanas, senhor! — protestou Serurier. — É impossível. O senhor mesmo o disse. O exército não está em condições de combater. Na melhor das hipóteses, conseguiremos defender as nossas posições e mobilizar recursos para uma campanha mais tarde neste ano, ou no início do ano que vem.

Napoleão abanou a cabeça.

— Está a pensar como um austríaco, general Serurier. É verdade que o Exército de Itália não está preparado para combater de uma maneira convencional. Por isso, temos de fazer a guerra de uma forma atípica. Como o exército não possui um comboio de reabastecimento, actuaremos sem ele. Os nossos homens terão de viver do que a terra dá. Isso permitir-nos-á ultrapassar o inimigo. Os exércitos austríacos avançam como o caracol, arrastando vastas colunas de reabastecimento atrás deles. Param para criar armazéns de provisões e só depois retomam o seu caminho. E com isto, dão-nos a iniciativa de bandeja, Serurier. É verdade que estão em vantagem numérica, mas a nossa mobilidade permite-nos reunir forças superiores contra os seus pontos fracos e vencê-los, uma e outra vez. Bastam-nos algumas vitórias e os nossos homens serão leões prontos a lançar-se sobre a presa. Garanto-vos, cavalheiros, que, no final deste ano, os austríacos farão uma retirada total, e todos os homens aqui presentes hoje serão vistos como heróis em Paris.

Napoleão fez uma pausa, para deixar que o impacto das suas palavras surtisse efeito, e dirigiu-se a Junot.

— Major, o mapa, por favor.

Junot desenrolou um extenso mapa sobre a mesa e fixou as pontas

com pesos. Os oficiais do estado-maior e os generais inclinaram-se para a frente, estudando os contornos do Norte de Itália. Enquanto isso, Napoleão pegou numa cana e levantou-se, à cabeceira da mesa.

— Resumidamente, o plano consiste em conduzir o exército pela costa, até Savona, fazendo a partir daí uma incursão no interior, de maneira a ameaçar as linhas de reabastecimento austríacas. É claro como água que os austríacos baterão em retirada para nordeste. Conservá-los-emos aí, enquanto uma força poderosa ataca as tropas piemontesas. Sem o auxílio dos seus amigos austríacos, não tardarão a cair. Depois, tomaremos a Lombardia e Milão, antes de voltarmos a centrar-nos nos austríacos. O meu último objectivo para esta campanha é conquistar o forte de Mântua. E é tudo, cavalheiros. Alguma pergunta?

Serurier abanou a cabeça.

— É pedir de mais aos homens, senhor.

Napoleão dirigiu-lhe um olhar astuto.

— Ou será que é pedir de mais aos meus generais?

Serurier arregalou os olhos, enfurecido, e deu um murro na mesa.

— Está a insultar-me, senhor! Deixe-me lembrar-lhe que eu já era soldado muito antes de o senhor nascer, e estes outros generais já combatiam os inimigos da França ainda o senhor andava na escola. O que o leva a crer que tem o direito de questionar o meu julgamento?

Napoleão olhou para os três comandantes de divisão.

— É muito simples, cavalheiros. Eu obedeco ao Directório... e os senhores obedecem-me a mim. O Directório ordenou-nos que combatêssemos os austríacos, e é precisamente isso que vamos fazer. Se desejar protestar, Serurier, terá de demitir-se do seu posto de comando e ir a Paris resolver o problema. Fui claro?

Serurier fulminou-o, por momentos, com o olhar, mas anuiu, em silêncio.

— Muito bem — continuou Napoleão, num tom mais acolhedor.

— Então, vamos aos pormenores. E amanhã, Serurier, passarei em revista uma das suas brigadas.

O dia amanhecera enevoado e uma chuva miúda salpicava os chapéus e uniformes dos soldados reunidos no terreno, não muito longe de Oneille. À primeira vista, era difícil acreditar que aqueles homens pertenciam a um exército. Poucos traziam ainda o equipamento completo; aos restantes, faltavam as mochilas, as polainas, as botas e, a alguns, chegavam mesmo a faltar os mosquetes e as baionetas. Muitos tossiam descontroladamente, e a maior parte estava magra e de aspecto enfermo pela falta de alimentos.

— Não é bem disto que se fazem as vitórias — disse Junot, em voz baixa, ao aproximarem-se.

Napoleão dispensara momentaneamente os oficiais superiores da brigada, e um sargento-ajudante deu ordens para que os homens se pusessem em sentido quando o comandante do exército e o seu ajudante-de-campo marcharam naquela direcção. Os soldados endireitaram as costas e espetaram o peito para a frente o melhor que podiam, mas era a mais miserável exibição de um exercício que Napoleão vira na vida e, pela primeira vez, sentiu uma pontada de receio que o comando do Exército de Itália fosse a morte das suas ambições. Contudo, ao aproximar-se da primeira fila, sacudiu aquela dúvida. Caminhando devagar, passou os primeiros doze soldados e parou à frente de um homem mais velho, que ainda tinha o equipamento todo, embora gasto.

— Nome?

— Soldado Dunais, meu general — respondeu o homem, com um forte sotaque que Napoleão identificou de imediato. Sorriu.

— Trata-se, então, de um gascão. Ótimo. Preciso de homens com o espírito aguerrido da Gasconha. Há quanto tempo serve no exército?

— Quatro anos neste exército, meu general, doze no exército russo e, antes disso, oito anos no exército Bourbon.

— Estou a ver. Em que sarilho andou metido, Dunais? O que o fez trocar a França pela Rússia?

— Não gostava dos meus oficiais, senhor. Aquilo era muita fineza e pouca cabeça.

— E você pensou que as coisas melhoravam no exército russo?

— Esperava que sim. Mas estava enganado, meu general.

— E o que tem a dizer do exército francês hoje? Como é que o compara ao velho exército Bourbon? Seja honesto comigo, os seus oficiais não estão presentes.

Pela primeira vez, Dunais olhou-o nos olhos.

— Não muito bem, senhor. Os rapazes até têm vontade de lutar e dariam bons soldados...

— Mas?

— Foram maltratados por esses sacanas no governo. E foram enganados pelos fornecedores do exército. Pior do que tudo, há oficiais que nos tratam tão mal como os fornecedores, ou devem o posto às amizades políticas e não percebem nada do que é ser militar, senhor.

— Soldado Dunais, as suas observações foram registadas, e dou-lhe a minha palavra de honra de que os seus agravos serão investigados o mais depressa possível. — Napoleão levantou a voz para que mais homens pudessem ouvi-lo. — Se a França quer que nós lutemos, a França terá de as-

segurar que os seus soldados obtenham o melhor daquilo que está disponível. É o mínimo que os soldados da França merecem. Major Junot, faça um relatório das queixas deste homem.

— Sim, senhor.

Napoleão continuou a percorrer aquela fileira, parando de vez em quando para questionar um homem e descobrir de onde viera e quais eram as suas queixas. Assim que a inspecção terminou, subiu para uma viatura ligeira, de transporte de provisões, que fora trazida para a frente para servir de palanque. Depois, esperou que o silêncio e o sossego fossem quase totais nas fileiras, e dirigiu-se às tropas.

— Soldados! Vocês têm fome e falta de equipamento. O vosso governo deve-vos tudo e não pode dar-vos nada. A paciência e a coragem que mostraram até aqui têm sido admiráveis, mas não vos trouxeram glória. Nem a mais pálida sombra de glória. No entanto, a situação está prestes a mudar. Eu vou conduzir-vos às terras mais férteis da Europa. Em Itália, há províncias opulentas, copiosas vilas e cidades, e tudo poderá ser vosso, tudo poderá estar ao alcance das vossas mãos. Aí, encontrarão honra, glória e fortuna. — Napoleão fez uma pausa para respirar e, logo a seguir, esticou o braço e apontou para eles. — Soldados do Exército de Itália! Com tudo isto à vossa espera, deixarão que vos falte a coragem e a resistência?

— Não! — gritou uma voz. — Vamos lutar!

— Lutar! — gritou outro. — Lutar pelo general Bonaparte!

O entusiasmo contagiou mais soldados e, em pouco tempo, todos começaram a gritar o seu nome. Por momentos, Napoleão deixou-os. Depois, virou-se para Junot e sorriu.

— Agora sim, temos um exército!

A data definida para o início da campanha era 15 de Abril e, dias antes do começo da ofensiva, Napoleão e os oficiais do seu estado-maior trabalharam todas as horas possíveis para remediar os problemas do exército. Os bancos locais foram forçados a conceder empréstimos, para que os homens fossem pagos e se comprassem provisões. As queixas dos soldados foram investigadas e os oficiais corruptos e incompetentes foram afastados dos seus postos de comando, enviados para a retaguarda em serviço de guarnição, ou mesmo destituídos do serviço. Os fornecedores foram ameaçados com a perda dos seus contratos com o exército se os homens não fossem alimentados adequadamente. Napoleão visitou todas as unidades que pôde nos primeiros dias de Abril, para animar as tropas com discursos empolgantes, e criou um jornal do exército para dar aos homens notícias de casa, bem como relatórios encorajadores do progresso da guerra com a Áustria. No final de cada dia, sentava-se e escrevia uma carta a Josefina,

descrevendo-lhe os seus extenuantes deveres e falando-lhe do amor profundo e da paixão ardente que sentia por ela e que convertia cada dia que passavam separados em vinte e quatro horas de tortura. Pedia-lhe, com uma frustração crescente, que ela lhe escrevesse e lhe dissesse quando tentava juntar-se a ele.

O Exército de Itália avançou até Savona, onde se reuniria, a postos para a campanha. Napoleão estava de bom humor. Chegara a sua hora e, em breve, o nome Bonaparte seria conhecido por todos os cantos da Europa. Restava-lhe apenas uma preocupação: a carência de informações exactas acerca do principal corpo do exército austríaco, comandado pelo general Beaulieu. Assim sendo, Napoleão resolveu enviar Murat, logo de madrugada, com alguma cavalaria ligeira, para bater as terras mais adiante e encontrar o inimigo. Por fim, com os olhos e os membros doridos dos esforços que fizera, subiu para a cama e adormeceu.

— Senhor! — gritou uma voz, acordando-o. Napoleão ergueu-se com rigidez e pestanejou. O major Junot estava aos pés da cama, ainda em camisa de dormir. Atrás dele, o primeiro raio de luz cinzento da alvorada esgueirava-se por cima dos telhados de Savona.

— Junot, que diabo se passa?

— São os austríacos. Atacaram uma das brigadas de Massena.

— Onde? — Napoleão afastou a roupa da cama e saltou para fora. — Em que frente?

— Perto de Voltri. O relatório do coronel Cervoni diz que a sua brigada está a impedi-los de avançar, mas que o inimigo não pára de chegar em números cada vez maiores. Teme que dentro de pouco tempo seja obrigado a bater em retirada.

— Voltri, não é?

Napoleão fechou os olhos e recordou pormenores do mapa da zona costeira, até Génova. Voltri era um porto próximo de Génova, onde a divisão de Massena se colocava em posição para atacar. Percebeu o perigo de imediato. Abrindo os olhos, fixou-os em Junot.

— Leve Berthier e os outros para o meu escritório. Depois, envie um alerta a todos os comandantes de divisão e brigadeiros. Quero o exército preparado para avançar já. Diga-lhes que a campanha começa hoje. Hoje, percebeu?

— Sim, senhor.

Junot fez continência e saiu do quarto, e Napoleão começou a vestir-se.

Quando entrou no seu gabinete, um sargento-ajudante já estava a estender o mapa e ele ordenou-lhe que lhe trouxesse um pouco de café e

um pedaço de pão. Inclinando-se sobre o mapa, localizou Voltri e fez um aceno com a cabeça, ao ver a disposição das tropas que Berthier assinalara na noite anterior. Os austríacos estavam a tentar chegar à costa para isolar Massena do resto do exército. Se fossem bem-sucedidos, a campanha estaria terminada antes mesmo de começar. E o mesmo aconteceria à carreira de Napoleão. Por outro lado, ponderou, a menos que os austríacos tivessem mudado de estratégia, o ataque decorreria a um ritmo lento. Suficientemente lento para conseguir virar a situação e ficar em vantagem.

CAPÍTULO 16

Quando chegou o último dos oficiais superiores do seu estado-maior, Napoleão já delinear a plano e estava impaciente por dar ordens.

— Presumo que já saibam as novidades. Parece que os austríacos têm mais tomates do que pensávamos.

Os oficiais riram-se discretamente, e Bonaparte silenciou-os com uma mão.

— Fomos poupados ao trabalho de procurá-los, e chegou a hora de levar a batalha ao seu encontro. A brigada de Cervoni está aqui. — Bateu com o indicador no mapa. — Neste momento, está a segurar a sua posição e a dar-nos tempo para entrarmos em acção. O general La Harpe é o que está mais próximo da linha da frente austríaca. Berthier, dê-lhe ordens para que ataque de imediato. Os austríacos serão obrigados a parar e a virar-se para enfrentar o perigo, o que libertará Massena, permitindo-lhe marchar contra o flanco e a retaguarda do adversário. O resto do exército receberá ordens para avançar e dar o seu apoio. Cavalheiros, se agirmos depressa, o Exército de Itália terá a sua primeira vitória da campanha, por cortesia dos austríacos. Façam com que isso aconteça. Eu avançarei primeiro, para me juntar a Cervoni. Enviem-me todas as mensagens para aí.

Assim que os oficiais foram dispensados, Napoleão mandou preparar uma montada. Levando alguns dragões consigo, percorreu a galope a estrada do litoral, até Voltri. Não levou muito tempo a alcançar os elementos da retaguarda da divisão de Massena, que avançavam em marcha rápida para se juntarem ao seu comandante e combater os austríacos. Alguns dos homens gritaram vivas quando ele passou e Napoleão levantou o chapéu, em reconhecimento. A seis quilómetros de Voltri, chegou ao cruzamento que conduzia às colinas, onde a brigada de Cervoni combatia a vanguarda austríaca. Aí, já se ouvia o estridor abafado dos canhões e o crepitar dos mosquetes a ressoar nas colinas. Napoleão enterrou os tacões das botas no

flanco do animal, incitando-o a subir o trilho, e os dragões esforçaram-se por acompanhar o ritmo do general.

Quando a pequena comitiva de cavaleiros chegou ao cume, deparou-se com uma vista desimpedida sobre a longa encosta, que se estendia, íngreme, até um ribeiro de montanha atravessado por uma estreita ponte de pedra. Os homens de Cervoni tinham formado fileiras cerradas para impedir a travessia. Mais à frente, atrás de picos rochosos, pequenos pelotões de infantaria ligeira disparavam continuamente sobre os austríacos que estavam na outra margem do ribeiro. Do outro lado da ponte, um batalhão de soldados inimigos, de uniformes brancos, mantinha-se firme, disposto em fileiras rigorosamente alinhadas. Cada companhia carregava energicamente as suas armas, erguendo-as para disparar salvas contra os escaramuceiros franceses, como se estivessem numa parada. Sempre que os mosquetes austríacos subiam aos ombros dos soldados, os franceses baixavam-se e quase todos os disparos falhavam o alvo, batendo em ricochete nas rochas, ou assobiando por cima das suas cabeças. Em contrapartida, o fogo indisciplinado dos escaramuceiros franceses estava a conseguir abater os austríacos. Atrás destes, uma bateria de artilharia desengatava armas numa extensão de terreno plano perto do ribeiro e, mais além, uma longa coluna de infantaria esperava a ordem para forçar a passagem pela ponte.

O coronel Cervoni tinha avistado o seu comandante e subiu a colina a trote, até ao lugar onde se encontrava Napoleão. Fez continência.

— Bom dia, senhor.

Napoleão respondeu com um aceno.

— Melhor do que podíamos esperar. Devem estar três ou quatro mil homens ali em baixo. Parece que conseguiu encontrar o exército austríaco por mim, Cervoni. Qual é a situação?

Cervoni virou-se e olhou para baixo, coçando o queixo com a barba por fazer.

— Temos batido em retirada batalhão a batalhão. De cada vez que isso acontece, desdobram-se desta maneira, como se estivessem a seguir um manual e tivessem todo o tempo do mundo. Os nossos escaramuceiros têm disparado sobre eles até as suas armas abrirem fogo e, depois, retiraram-se.

— Sofreu quantas baixas?

— Até agora, apenas cinquenta homens. Uma ínfima parte do que eles perderam, senhor.

Um rugido surdo ressoou do outro lado do ribeiro. Napoleão virou-se e viu uma nuvem de fumo a rodopiar à frente de um dos canhões da bateria austríaca. Pouco depois, um torrão de relva e pedra foi projectado no ar, a escassos metros da linha da frente das companhias de Cervoni.

— Receio que isso esteja prestes a mudar — disse tranquilamente Napoleão. — Terá de segurar a cumeada o máximo de tempo que puder. Os austríacos não podem alcançar a estrada litoral. A divisão de Augereau já está a caminho para atacar a coluna austríaca, e Massena marchará à volta, para leste. — Napoleão apontou para as colinas à sua direita. — Mas só chegarão aqui acima dentro de duas ou três horas. Terá de segurar esta posição até lá, custe o que custar.

Cervoni aquiesceu.

— Compreendo, senhor.

Napoleão olhou para o terreno mais abaixo.

— Onde estão os seus canhões? A sua brigada devia incluir dois canhões de seis libras.

— Ali, senhor. — Cervoni sorriu e apontou para um matagal de juncos, a cento e quarenta metros da ponte. Quando Napoleão fechou um olho para ver melhor, só conseguiu ver as guarnições agachadas à volta de dois vultos negros. Cervoni explicou-lhe:

— Ordenei que cobrissem as armas de lama para que não ficassem à vista. Têm ordens para disparar apenas quando a testa da coluna pisar o nosso lado da ponte.

Napoleão aprovou com um aceno.

— Será uma surpresa perversa. Pode regressar à sua batalha, Cervoni. Assistirei daqui, durante algum tempo.

— Sim, senhor.

Trocaram continências e Cervoni deu meia volta com o cavalo e regressou a trote para junto do seu pequeno grupo de oficiais de estado-maior. Nessa altura, os canhões austríacos já tinham calculado o alcance e um disparo certo abriu um sulco sangrento no centro da companhia mais próxima. Seguiram-se mais disparos e vários homens foram apanhados antes de ouvirem a ordem para procurar abrigo. Os canhões inimigos foram recarregados com metralha e apontados para os escaramuceiros que defendiam a ponte. Depois, os tambores austríacos tocaram o sinal de avanço e a companhia ligeira afastou-se para o lado, para deixar a coluna principal atravessar a ponte. Os homens aproximaram-se num passo firme e cadenciado, subiram o muro baixo de resguardo da ponte e pisaram a pequena lomba que havia no meio. Levava-os um oficial esguio, que manteve a espada ao ombro enquanto conduzia os seus homens até à outra margem do ribeiro.

Nesse momento, os canhões franceses elevaram-se, ainda meio escondidos pelos juncos, e duas línguas de fogo projectaram-se para fora, vomitando dois cones de chumbo directamente sobre a coluna austríaca. As armas tinham sido bem colocadas e quase todos os soldados na ponte

foram ceifados, jazendo em pilhas de membros torcidos, salpicadas de sangue. A linha da frente da coluna deteve-se, siderada, mas foi empurrada para a frente quando os homens de trás começaram a fazer pressão. Os que estavam mais próximos dos canhões ocultos não tinham para onde ir e tropeçaram nos corpos dos companheiros, à medida que avançavam pela ponte.

As armas de Cervoni dispararam mais metralha, agravando a carnificina. O comandante da bateria austríaca gritava ordens freneticamente, para os seus homens desviarem o fogo para os canhões franceses, mas a ponte cortava-lhes a visibilidade e os artilheiros não conseguiam ver o alvo. Uma terceira explosão de metralha decidiu a questão e a coluna austríaca recuou, deixando pelo menos quarenta camaradas empilhados no pequeno troço de pedras antigas.

— Bom trabalho — sorriu Napoleão, satisfeito, virando o cavalo para trás, para a encosta, até à estrada que conduzia ao seu quartel-general. Berthier esperava-o quando chegou a Savona, pouco antes do meio-dia.

— Quais são as novidades?

— A divisão de Augereau está a avançar para Montenotte, meu general. As suas forças foram avistadas pelos austríacos e o inimigo já está a dar meia volta para as enfrentar.

— Formidável! — Napoleão bateu com a mão no mapa. — E Massena?

— Atalhou para cercar o flanco do inimigo, como ordenado. Calculou que estaria pronto para atacar no máximo às quatro horas.

— Então, parece-me que encurralámos os nossos amigos austríacos na perfeição. — Napoleão sorriu de entusiasmo. — A nossa primeira vitória!

Só na manhã seguinte é que a dimensão da derrota da Áustria em Montenotte se tornou evidente. Mais de mil e quinhentos austríacos tinham sido mortos ou feridos e outros dois mil e quinhentos foram feitos prisioneiros. Os sobreviventes fugiram para a cidade de Dego, abandonando canhões, mosquetes e outros equipamentos. Os franceses apoderaram-se avidamente das armas do inimigo. Mais de mil homens na divisão de Augereau carregavam de mosquetes e agora levavam ao ombro armas austríacas, prontas a disparar contra os seus antigos proprietários.

Napoleão aproveitou a vantagem de imediato, apressando o avanço das colunas de Massena em perseguição do inimigo, enquanto Augereau e Serurier se abatiam sobre o exército piemontês, empurrando-o de cidade em cidade nos dez dias que se seguiram, até que, na noite de 23 de Abril, o exército francês se pôs a caminho de Turim. Descobriu-se uma quinta onde instalar o quartel-general e, enquanto Napoleão, sentado, se dedica-

va a uma refeição de pão e frango frio, começou a chover. As gotas estalaram nas telhas. Nesse momento, a porta abriu-se e a silhueta de Junot recortou-se no brilho de aço da cortina de chuva, até o major se abrigar por baixo da verga da porta e fechá-la atrás de si. A pingar no chão de pedra, Junot sorriu para o seu comandante. Napoleão pousou o naco de pão e engoliu à pressa.

— O que se passa, Junot?

— Um coronel piemontês está ali fora, à espera. Traz uma mensagem do general Colli.

— E?

— O general Colli pede uma trégua.

— Uma trégua?

Napoleão afastou o prato e cruzou as mãos, analisando, numa rápida sequência de raciocínios, as implicações daquela oferta. Depois, apontou para uma cadeira vazia do outro lado da mesa rústica, e Junot sentou-se.

— O que é que lhe disse, Junot?

— Enquanto subíamos para o quartel-general, ele perguntou-me se eu achava que o senhor ia aceitar. Eu não lhe disse nada.

— Não falou com ele?

— Não lhe disse uma palavra sequer. — Junot encolheu os ombros.

— Considerarei que era presunçoso da parte dele ter-se atrevido a perguntar.

— E foi mesmo! — Napoleão deu uma gargalhada. — Ora bem, então Colli quer interromper a luta, não é assim?

— Não é difícil perceber porquê, senhor. Temos andado a morder-lhes os calcanhares desde que nos virámos contra eles, em Montenegro. Estão esfomeados e exaustos e precisam de espaço para respirar. E o mesmo se passa com os nossos homens. Dava-nos jeito aproveitar o tempo para nos reagruparmos.

— Sim, mas eles não sabem isso. — Napoleão dirigiu-lhe um olhar penetrante. — E a este coronel, vendaram-lhe os olhos quando passou pelas nossas linhas?

— Claro, senhor.

— Muito bem, então diga-lhe que eu rejeito a oferta.

Junot pareceu surpreendido e hesitou um momento, antes de falar.

— Posso perguntar porquê, meu general?

— Junot, o facto de nos terem pedido uma trégua significa que pensam que têm mais a ganhar com isso do que nós. Turim fica a dois dias de marcha daqui. Porquê dar-lhes a hipótese de fortificar a cidade? Por agora, continuamos, e mais à frente oferecemos nós a trégua, segundo as nossas condições. Agora vá e diga-lhe.

• • •

Durante os dois dias que se seguiram, os franceses lançaram-se na perseguição dos piemonteses em retirada, empurrando-os de vila em vila e isolando-os do exército austríaco. O general Colli concedeu com relutância as cidades fortificadas estratégicas de Cuneo, Ceva e Tortona e assinou os documentos que Junot redigira.

Nessa mesma noite, Napoleão escreveu uma breve mensagem a Josefine e entregou-a ao coronel Murat, para a levar a Paris, juntamente com os termos provisórios do armistício, à consideração dos membros do Directório. Depois, sentou-se a escrever o esboço da ordem do dia que seria dada na manhã seguinte. Por instantes, deteve-se e pensou na velocidade a que a campanha estava a decorrer. Nunca sentira uma tão profunda realização pessoal e tinha orgulho nos seus homens. No entanto, mesmo naquele momento, os seus olhos estavam postos no futuro. Mergulhando a pena no tinteiro, começou a escrever:

Soldados! Em quinze dias, derrubaram vinte e uma bandeiras e cinquenta e cinco peças de artilharia, tomaram várias fortalezas e as terras mais ricas de Piemonte. Capturaram quinze mil prisioneiros e causaram mais de dez mil baixas. O êxito que vos prometi foi alcançado. Porém, isto é apenas o começo...

CAPÍTULO 17

— Quando é que estes malditos austríacos se viram e nos enfrentam? — exclamou Napoleão, enfurecido, fitando os seus oficiais superiores à luz das lanternas que iluminavam a tenda. — Sempre que avançamos, o general Beaulieu bate em retirada para trás de mais um afluente do Pó. Temos de esmagá-lo de uma vez por todas e tudo o que nos oferece são sucessivos combates de retaguarda.

Massena endireitou os ombros e respondeu:

— Então, teremos de destruir uma guarda da retaguarda de cada vez, senhor.

— Massena, isso nem de longe tem graça — retorquiu Napoleão. — Eles estão a recuar até às linhas de comunicação e nós vamos esticando as nossas. Enquanto os nossos homens perdem forças, eles vão recuperando as suas, e muitos dos nossos batalhões já estão muito abaixo do poder que deviam ter. O tempo está do lado deles. Mais alguns combates como o de hoje, e pomo-nos a jeito para um contra-ataque austríaco.

Napoleão calou-se, por momentos, pensando na sangrenta travessia do rio Adda, em Lodi, que os ocupara a maior parte do dia. Por várias ve-

zes, os granadeiros tinham avançado para a ponte através de uma estreita passagem em terreno húmido, debaixo de um fogo mortal disparado da outra margem. Só depois das seis da tarde é que os seus homens tinham conseguido romper, e o exército francês começara a atravessar em massa. A perseguição dos austríacos prolongara-se até ao anoitecer e só então é que os franceses tinham acampado para passar a noite. Quando acabaram de montar as tendas do quartel-general, já passava da meia-noite. Os oficiais que rodeavam Napoleão tinham os olhos vermelhos e estavam exaustos. Como os seus homens, reflectiu. Bem, paciência. Teriam de manter o ímpeto para obrigar os austríacos a virar-se e a combater. Se estes não o fizessem, teriam de expulsá-los de Itália, deixando apenas a fortaleza maciça de Mântua, com que lidaria mais tarde. Podia ser forçada a render-se pela fome por uma força de cobertura, enquanto Napoleão levaria o exército até ao Tirol. Os austríacos seriam encurralados entre o Exército de Itália e o Exército do Reno. Este, naquele preciso momento, devia estar a avançar na direcção da Áustria, do outro lado dos Alpes, de acordo com a ambiciosa estratégia do Directório.

Bonaparte esfregou os olhos e pestanejou, combatendo o sono. Depois, puxou um mapa para si e apontou para a barreira fluvial seguinte.

— Se tudo correr como o previsto, Beaulieu recuará para trás do rio Oglio. Se o fizermos recuar para além dessa linha, conseguiremos isolar Mântua.

Junot aclarou a garganta.

— E será isso sensato, meu general? Não devíamos primeiro consolidar as nossas vantagens? Agora que Beaulieu bateu em retirada, Milão pode cair para o nosso lado. As tropas precisam de descansar. E, como o senhor disse, a extensão das linhas de reabastecimento está a deixar-nos sem pólvora e sem rações. Acima de tudo, precisamos de mais homens.

— Ele tem razão — acrescentou Serurier. — Já nos prometeram reforços há meses. Até agora, não recebi um homem sequer para suprir as minhas baixas. O senhor disse que chegariam mais homens.

— Já escrevi ao Directório a pedir reforços mais vezes do que gostaria de lembrar-me — replicou Napoleão, com lassitude. — Seria de esperar que, depois de tudo o que conseguimos, nos dessem as ferramentas necessárias para alcançar mais vitórias. Mas, parece que o Directório decidiu que todos os homens disponíveis devem ser enviados para o Exército do Reno.

— Não foi bem isso que ouvi dizer — rugiu Massena. — Enviaram-nos reforços, mas o sacana do Kellermann recruta-os para o Exército dos Alpes, quando passam pela sua zona de operações.

— Isso é o que dizem — retorquiu Napoleão, com firmeza. — Esses homens devem ter sido enviados para reforçar o seu exército, não o nosso.

— Está mesmo convencido disso, general? — perguntou Massena, com um sorriso amargo.

— Tenho a certeza. Kellerman é um homem de honra. E é inteligente o suficiente para perceber que precisamos muito mais de reforços do que ele.

— Então, porque está ele a receber reforços e não nós?

— Politiquices, é esse o porquê — escarneceu Junot. — O Exército de Itália devia ser uma preocupação de segunda ordem em comparação com a grande ofensiva no Reno. — Virou-se para Napoleão. — General, é por isso que o escolheram para este comando. Depois da vitória sobre os realistas, tornou-se um embaraço para os políticos. Precisavam que saísse de Paris, e o Exército de Itália seria o cemitério das suas ambições. O problema é que o senhor não pára de vencer batalhas e o tiro saiu-lhes pela culatra. É por isso que ainda não recebemos nenhuma ajuda da parte deles.

Napoleão ponderou aquela hipótese. Era possível que fosse verdade. Contudo, nem mesmo um político venal poria os seus interesses pessoais acima dos do seu país! Conhecera os membros do Directório, misturara-se com eles, sentira os ideais que os tinham impellido à revolução e a necessidade de construir uma nova França. Dava a impressão que o tempo lhes corroera as ambições. Franziu o sobrolho. Quando a guerra terminasse, talvez regressasse a Paris e fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para forçar o regresso do idealismo aos assuntos de interesse público. Mas isso era o futuro, lembrou a si próprio. Agora, tinha problemas mais urgentes para resolver. Olhou para Junot.

— Chegou a hora de começarmos a mostrar ao governo o motivo por que deviam reforçar as nossas forças e reabastecê-las.

— Como assim, meu general?

— O que querem os nossos políticos acima de tudo, neste momento?

— Vencer o inimigo e acabar a guerra — replicou Junot.

Napoleão abanou a cabeça.

— Está a pensar como um soldado.

Massena riu-se por entre dentes.

— Querem dinheiro. Os cofres públicos estão vazios e o ouro e a prata são o sustento da guerra. Já para não falar da política.

Napoleão confirmou com um aceno e deu uma gargalhada.

— E o senhor, meu caro Massena, está a pensar como um político.

Massena encolheu os ombros.

— Nenhum homem é perfeito, general.

— Dinheiro. — Napoleão bateu com a mão na mesa. — É dinheiro que eles querem e é dinheiro que nós vamos dar-lhes. Quando começarem a encher os cofres, receberemos aquilo de que precisamos. Junot, a primeira coisa que fará amanhã de manhã é enviar mensagens a todos os nossos

agentes no Norte de Itália. Ficarão incumbidos de avaliar as fortunas de todas as vilas e cidades. Terão de descobrir quanto existe em moeda e que quantia poderá ser reunida através de empréstimos. Naturalmente, negociaremos as condições mais favoráveis quando chegar a altura. Nunca vi um banqueiro com uma espada encostada à garganta recusar-se a oferecer condições justas de pagamento.

Os oficiais riram-se às gargalhadas, afeiçoando-se à ideia, e Napoleão prosseguiu.

— Envie as mensagens codificadas e diga-lhes que têm de apresentar o relatório até ao fim de Maio.

— Sim, senhor.

— Entretanto, tomamos Milão e damos aos homens um breve momento de repouso. Por agora, os austríacos não vão a lado nenhum. Voltaremos a marchar sobre eles assim que os homens estiverem bem alimentados e recuperarem o ânimo. E já é assunto suficiente para esta noite. Berthier enviar-vos-á as vossas ordens logo de madrugada. Boa noite, cavalheiros.

Os oficiais levantaram-se e saíram em fila. Napoleão sentou-se e olhou para o mapa. Os austríacos tinham recuado mais uma vez, mas estavam a ficar sem espaço para onde recuar. Algures nos próximos meses, ou semanas, haveria um ajuste de contas. Quando este chegasse, era vital que o Exército de Itália tivesse forças suficientes para enfrentar uma batalha difícil e vencer.

Nesse momento, alguém bateu na ombreira da porta. Napoleão olhou para cima e viu Berthier com um saco de documentos impermeável.

— Despachos e documentos de Paris, senhor. Quer lê-los agora, ou espera até amanhã de manhã?

— Agora, por favor, Berthier.

— Sim, senhor.

O seu chefe do estado-maior aproximou-se da mesa e desapertou as tiras de couro. No interior, havia um maço de jornais cuidadosamente embrulhado, um pacote selado do Ministério da Guerra e uma carta que lhe era dirigida, com a letra de Josefina. Napoleão sentiu um conforto imediato e, instintivamente, pegou na carta, acariciando com os dedos as palavras escritas no envelope. Sorriu. Era típico de Josefina servir-se dos seus contactos para incluir uma carta na mala diplomática. Por momentos, demorou-se a olhar para ela. Depois, pô-la de lado, pegou no pacote e quebrou o selo.

Havia dois documentos no interior: um enviado por Carnot, do Ministério da Guerra, e o outro por Barras, em nome do Directório. Napoleão leu primeiro a carta de Carnot. O Ministério da Guerra não podia, por ago-

ra, enviar os reforços requisitados pelo Exército de Itália, mas garantia ao general Bonaparte que lhe seria dada prioridade assim que já não fossem necessários reforços no Reno. A carta terminava com um relatório dos serviços de informações, revelando que quinze mil homens reforçariam em breve o exército de Beaulieu. Napoleão sentiu uma fúria glacial invadir-lhe o corpo inteiro. Com quinze mil homens novos, seria capaz de varrer o inimigo de Itália e persegui-lo o caminho todo de regresso, pelo Tirol, até Viena. Perguntou a si mesmo quem representaria o maior perigo para o seu exército: se as forças austríacas, se os políticos de Paris. Pergunta ociosa.

Depois, abriu a carta de Barras, saltou os preâmbulos oficiais do costume e inteirou-se dos desejos dos seus patrões políticos. Quando chegou ao fim, pousou o documento sobre a mesa, com a mão a tremer de raiva.

— O diabo que os carregue — murmurou por entre dentes cerrados. — O diabo que os carregue a todos.

Berthier permaneceu de pé, em silêncio, à espera que o seu superior o elucidasse a respeito do conteúdo daquela carta. Por fim, Napoleão olhou para cima, com o sobrolho franzido num esgar de ódio.

— Parece que o Directório quer dividir o comando do Exército de Itália.

— O quê, meu general?

Napoleão espetou um dedo no texto.

— O Directório ordena-me que entregue metade do exército ao general Kellermann. Não deverei continuar a ofensiva. Não deverei invadir o Tirol. Não me autorizam sequer a ocupar Milão. Essas operações terão de ser levadas a cabo por Kellermann. Em vez disso — prosseguiu, numa voz gelada, — terei de levar duas divisões para sul para pressionar os Estados Pontifícios e o Reino de Nápoles a fazerem a paz com a França. Dir-se-ia que os nossos chefes querem cortar-me as pernas. — De novo, olhou para a carta, abanando a cabeça. — «Pressionar»: que raio significa isto? Estes políticos devem tomar-me por um imbecil.

Seguiu-se um breve silêncio, até Berthier aclarar nervosamente a garganta.

— Porquê, senhor?

— A expressão é demasiado vaga, não acha? Que género de pressão é que devo fazer? Diplomática ou militar? Se fizer a primeira e não conseguir assegurar um acordo, os membros do Directório dirão que devia ter usado a força. Se usar a força e falhar, ou se antagonizar outros Estados em Itália, dirão que excedi as minhas ordens e que devia ter negociado. Concluindo, ou sou bem-sucedido, ou estou condenado. Partindo do princípio que decidirei, de facto, desistir de metade do meu exército em benefício de Kellermann.

Napoleão olhou para cima, percorrendo rapidamente o mapa estendido sobre a mesa. As ideias encadeavam-se, velozes, no seu pensamento.

Se o Exército de Itália fosse rápido, conseguiria tomar Milão e Pavia. Assim que estas cidades caíssem nas mãos dos franceses, Napoleão podia começar a extorquir empréstimos e «doações» às classes mais abastadas e talvez a alguns Estados vizinhos e principados. Porquê ficar-se pelo dinheiro?, reflectiu. O Norte de Itália estava recheado de tesouros em obras de arte. Quando o Directório recebesse os frutos desse saque, pensaria duas vezes se queria mesmo substituir o homem que estava a encher os cofres do Estado com uma fortuna desesperadamente necessária. Seria essa a sua jogada. Entretanto, dar-lhes-ia um argumento mais sólido e aceitável para que o retivessem como único comandante do exército.

— Berthier, chame o meu secretário.

Quando Bourrienne já tinha colocado várias folhas de papel e um tinteiro em cima da mesa e preparara a pena, Napoleão começou a ditar-lhe uma resposta aos membros do Directório. Teve o cuidado de garantir que o tom da mesma fosse respeitoso e desapaixonado. Era fundamental que os seus argumentos fossem considerados objectivos, racionais e empenhados em servir os interesses vitais da França. Enquanto se iam escoando as primeiras horas da madrugada, Bourrienne concluiu o primeiro esboço da carta. Napoleão salientava, com a maior ênfase que a audácia lhe permitia, que a unidade de comando era o que havia de mais importante numa guerra. Enquanto o Exército de Itália estivesse sob a liderança de um general, poderia ser manobrado com a maior eficácia possível. Cuidou igualmente de não se referir de uma forma depreciativa a Kellermann, que ainda gozava o esplendor crepuscular da sua aclamação como salvador da revolução, no seguimento da vitória de Valmy. Por fim, respirou fundo e ditou o parágrafo conclusivo:

— «O general Kellermann comandará o exército tão bem como eu, pois ninguém mais do que eu está convicto de que as vitórias se devem à coragem e à audácia dos soldados.» — Este toque fê-lo sorrir: realçava a modéstia pessoal através do elogio ao zelo revolucionário dos seus homens. Depois, prosseguiu: — «Contudo, considero que reunir-nos, a Kellermann e a mim, em Itália, colocará todas as nossas conquistas em risco. Acredito que é preferível um mau general a dois bons.»

Napoleão acenou com satisfação para o seu epílogo e fitou Bourrienne.

— Aí está, penso que é suficiente. Redija uma boa versão e traga-ma aqui assim que estiver pronta.

— Sim, general. — Bourrienne fechou a tampa do tinteiro com prontidão e começou a limpar o bico da pena com um trapo velho. — Quer que eu lhe arranje um mensageiro para levar a carta a Paris?

Napoleão reflectiu por instantes e abanou a cabeça.

— Não, esperamos alguns dias. Quero que as notícias do primeiro saque cheguem logo a seguir a estas.

— Muito bem, senhor.

Bourrienne pôs os papéis debaixo do braço, inclinou a cabeça e deixou-o sozinho.

Napoleão ficou muito tempo parado, a olhar para o mapa, absorvido pela carta que recebera do Directório. Para ele, era um choque que o governo estivesse inseguro ao ponto de considerá-lo uma ameaça. Era verdade que se apercebera vagamente desse ressentimento, depois de esmagar a rebelião realista, mas pensara que qualquer inveja que sentissem da sua aclamação seria compensada pela lealdade inabalável e pelo bom serviço que tinha para lhes oferecer. Se era assim que os que estavam no poder em Paris tratavam generais vitoriosos, estaria bem melhor em campanha, tão longe da capital francesa quanto esta guerra o levasse.

Por ora, teria de combater os políticos em Paris para conservar o comando do Exército de Itália — e essa batalha seria tão difícil como a que travava contra os austríacos. Uma facada nas costas acabaria com ele com a mesma eficácia que uma bala no peito. Suspirou de cansaço. Não era maneira de fazer uma guerra. Porém, a menos que aprendesse a lutar em ambas as frentes, não podia ter esperança de alcançar a reputação e o respeito que tanto ambicionava.

As semanas seguintes seriam mais decisivas do que nunca. Teria de arriscar tudo, até a própria vida, para convencer os membros do Directório de que era insubstituível.

CAPÍTULO 18

Cinco dias depois, o exército francês entrou em Milão. Os habitantes da cidade inundaram as ruas para saudar os soldados andrajosos que vinham libertá-los do jugo austríaco. Os aristocratas e os comerciantes e banqueiros abastados da cidade foram mais contidos nas suas saudações, e Napoleão aceitou as oferendas e elogios que lhe fizeram por aquilo que eram: tentativas de suborná-lo e de apelar à sua vaidade, para que não submetesse Milão aos valores liberais da revolução francesa. Tratou-os com cortesia e, depois, anunciou o desejo de fundar uma república democrática em Milão, aliada da França. A sua proclamação foi celebrada com um delírio desgovernado que se espalhou pelas ruelas dos bairros mais pobres da cidade. Entretanto, vários batalhões de infantaria cercaram a pequena guarnição austríaca que ficara para trás para defender a cidadela. A força, sob o comando do gene-

ral Despinois, não fora apenas incumbida de controlar os austríacos, mas também de assegurar a lealdade dos milaneses.

As celebrações na cidade foram de curta duração. Enquanto Bonaparte pilhava os bancos locais, as suas tropas vagueavam pelas ruas, a roubar comida, vinho e mulheres ao sabor da vontade. Assim que ouviu o que estava a acontecer, Napoleão deu ordens severas aos oficiais para impedirem os seus homens de saquearem a cidade. Mas já era tarde de mais. A disciplina quebrara-se e não havia nada a fazer até os apetites serem saciados.

Napoleão esperou impacientemente que os homens regressassem às suas unidades e, uma semana depois de ter entrado, o exército saiu da cidade em passo de marcha, para continuar a guerra contra a Áustria. Desta vez, porém, um silêncio abatera-se sobre as ruas enquanto os milaneses se encolhiam de medo no interior das suas casas, esperando que os últimos ruídos de botas a marchar se diluíssem na distância, para se atreverem a emergir dos seus abrigos e a olhar — primeiro em estado de choque, depois em fúria — para a cidade espoliada.

Napoleão parou com o seu estado-maior no cimo de uma pequena colina, não muito longe da cidade, e observou os homens a passarem por eles, com as mochilas carregadas de bens roubados.

— Estão satisfeitos, senhor — comentou Berthier. — Só espero que dure até terem de enfrentar os austríacos, quando os alcançarmos.

Napoleão observou com um olhar colérico uma coluna de infantaria que passava por ele naquele momento, retribuindo taciturnamente as suas alegres saudações.

— O que me preocupa é que, se voltarem a comportar-se desta forma, passaremos tanto tempo a reprimir revoltas nas terras que tirarmos à Áustria, como a combater o inimigo.

Berthier encolheu os ombros.

— Espero que não, senhor.

Napoleão encarou-o com um sorriso ácido.

— Espera que não? Não creio que possamos evitá-lo. Não deve haver um único milanês, rico ou pobre, que não tenhamos ofendido. Os nossos homens usaram e abusaram do povo, e nós pilhámos os ricos até à exaustão.

Nos últimos dias, Napoleão exigira mais de dez milhões de francos aos duques de Parma e de Modena, soma que deveria ser paga em bancos genoveses e transferida em seguida para Paris. Enquanto isso, extorquia-se mais dinheiro ainda ao reino de Piemonte e a todas as vilas e cidades que se encontravam sob o domínio francês. Muito em breve, fluiria para os cofres do tesouro, em Paris. Napoleão esperava ardentemente que isso conven-

cesse os membros do Directório a não interferirem mais no seu comando em Itália. Mas, a amarga realidade era que, embora pudesse suborná-los, via-se agora obrigado a continuar o seu avanço com uma população ultrajada à perna. No entanto, reflectiu, o exército ficara-lhe grato, especialmente porque uma parte do dinheiro que tinha sido extorquido aos governantes locais fora usada para pagar os soldos em atraso. Na sua cada vez mais aguda consciência de que era necessário cultivar uma visão política das coisas, Napoleão percebeu que um exército fiel era uma base de poder tão forte como qualquer população de Paris.

O exército só tinha marchado até Lodi quando chegou uma mensagem do general Despinois. O povo de Milão erguera-se contra os ocupantes franceses. Despinois garantiu ao seu comandante que a revolta seria rapidamente dominada. Mas havia notícias ainda mais perturbadoras, de uma outra rebelião, na cidade de Pavia.

— Pavia? — Napoleão arregalou os olhos para o mensageiro, um jovem oficial hussardo. — O que aconteceu em Pavia?

— Senhor, a guarnição que aí estava rendeu-se ao povo da cidade.

— Rendeu-se? — Napoleão fez um esforço para controlar a sua fúria. — Houve algum confronto?

— Tanto quanto sei, não, meu general. O comandante, o capitão Linois, concordou em baixar as armas se ele e os seus homens fossem poupados. Estão presos na cidadela.

— Estão mesmo, Santo Deus? — Napoleão fechou a mão num punho e deu um murro na própria coxa. — Muito bem, tenente. Regresse para junto do general Despinois. Diga-lhe que ele tem toda a autoridade para esmagar a revolta em Milão, por todos os meios que entender. Agora, vá.

O hussardo fez continência e içou-se para cima da montada, regressando a Milão a toda a velocidade. Napoleão virou-se para os oficiais do seu estado-maior.

— Berthier, Junot, aqui!

Levou-os para uma ponta, longe dos ouvidos dos outros oficiais, e explicou-lhes a situação antes de dar as suas ordens.

— O exército continuará a avançar em direcção a Brescia. Continuem a empurrar os austríacos até ao rio Mincio. Se eles recuarem até à outra margem, isso dar-me-á algum tempo.

— Tempo? — Junot arqueou as sobrancelhas. — Tempo para quê, senhor?

Napoleão tirou o chapéu e passou uma mão pelo cabelo escuro e escurido.

— Tempo para dar uma lição aos Italianos. Tenho de fazer daqueles rebeldes de Pavia um exemplo e tenho de tratar do capitão Linois. Precisa-

rei de dois mil soldados, escolhidos a dedo. Os granadeiros são os homens mais adequados para esta missão, e preciso de um bom oficial operacional. Alguém com coragem e estômago para... — Fez uma pausa, contraindo momentaneamente os lábios. — Com estômago para um trabalho desagradável. Quem me recomendam?

— Conheço o homem certo, general — respondeu de imediato Junot. — É um gascão, o coronel Lannes. Feroz como ninguém.

— Ótimo. Vá buscá-lo. Também levo Bourrienne comigo. Preparem os granadeiros para a partida. Deverão levar ração para um dia, pólvora e balas. O resto fica aqui. Virão buscar as coisas quando regressarmos para junto do exército principal. Tratem disso.

Na madrugada do dia seguinte, a pequena coluna chegou ao fim do percurso de trinta quilómetros até Pavia e formou-se atrás de um pequeno bosque, a pouca distância das muralhas esboroadas da velha cidade. Napoleão e Lannes rastejaram para a frente e espiaram as defesas da orla do arvoredo. Alguns homens armados estavam sentados num banco ao lado do portão que cobria a principal estrada que conduzia à cidade. Do outro lado da estrada, havia várias pocilgas de porcos, e os seus ocupantes ainda dormiam na imundície. Os homens partilhavam fatias de pão e falavam animadamente, prestando pouca atenção à paisagem circundante, que deviam manter vigiada. Bonaparte percorreu com o olhar os limites da cidade. Os habitantes tinham tentado bloquear toscamente os intervalos entre edifícios, com carroças, barris e peças de mobília. Aqui e ali, viu a cabeça e os ombros de um defensor. Depois, centrou-se na pequena cidadela no centro da cidade. Do mais alto bastião, pendia uma bandeira verde e vermelha. Napoleão não reconheceu o desenho e deduziu que as gentes de Pavia ambicionavam algum tipo de independência.

— Não creio que representem grande perigo — concluiu. — Se trouxermos os homens para cima, através do arvoredo, é possível atravessar o terreno aberto e entrar na cidade antes que eles tenham tempo de reagir.

Lannes estudou as defesas alguns instantes e concordou com um aceno.

— E depois, general?

— Desarmamo-los, juntamos os cabecilhas e fazemos deles um exemplo.

Lannes baixou o óculo e virou-se para Napoleão.

— Um exemplo?

— Serão enforcados nas muralhas da cidadela. Tenho de certificar-me de que os Italianos percebem o que acontece aos que se revoltam contra nós.

— Sim, senhor — aquiesceu Lannes. — Vou tratar disso.

— Vá lá, então. Ordene aos homens que carreguem as armas, mas que não levantem o cão. Castigarei quem quer que dispare antes de a ordem ser dada. Entendido?

— Sim, senhor.

Lannes levantou-se, inclinou-se e desapareceu no meio do arvoredo, deixando o general a vigiar a cidade. Napoleão ainda esperou um bom bocado, sem que houvesse sinais de que tinham soado o alarme. Depois, rastejou para trás, regressando para junto dos seus homens.

Minutos depois, olhou de relance para ambos os lados, para os granadeiros que esperavam na sombra, de mosquetes em riste, e acenou para o coronel Lannes. O corpulento gascão desembainhou a espada e encheu os pulmões de ar para gritar a ordem:

— Granadeiros!... Avançar!

A linha azul, irregular, moveu-se num sussurro pela vegetação rasteira. Ouvia-se o ruído de galhos a partir e a estalar por baixo das botas, enquanto os soldados emergiam da escuridão do bosque e atravessavam o terreno aberto num passo lesto de corrida, até Pavia. Napoleão posicionou-se atrás da companhia central e avançou com ela para a frente, com o coração a bater mais depressa, de entusiasmo. Os homens que estavam de guarda ao portão viram-nos quase de imediato e saltaram do banco, agarrando nas armas. Um deles virou-se para dar um grito de alerta e, vendo que era necessário um recrutamento mais urgente, apontou o mosquete para o ar e disparou. O disparo soou abafado e insípido ao atravessar os campos, mas foi o suficiente para alertar os defensores para o perigo. Napoleão viu que já não fazia sentido manter os homens em silêncio. A sua espada foi arrancada da bainha e ele empunhou-a para a frente, contra a cidade.

— À carga! — gritou. — A eles!

Os oficiais e sargentos repetiram a ordem até a força inteira se lançar em direcção às fracas defesas, num grande clamor de gritos de batalha. Os primeiros tiros dos defensores, disparados das barricadas, romperam o ar, mas os granadeiros continuaram a avançar, indiferentes ao perigo. Apenas um dos homens que estavam de vigia se manteve firme, com a baioneta baixa e as pernas bem assentes, fulminando os franceses com o olhar. Os outros limitaram-se a virar costas e a fugir, correndo rua abaixo para o interior da cidade. O defensor esquivou-se do golpe do primeiro atacante e esmurrou a cara do granadeiro com a coronha da arma. Depois, foi derrubado, e o gume de uma baioneta furou-lhe o peito. O francês recuperou a arma e correu, deixando a sua vítima a contorcer-se no chão, de olhos esbugalhados para o sangue que lhe saía da ferida num jacto vermelho-vivo.

Foi tal a força viva do ataque que os granadeiros já tinham trepado as barricadas e inundado as ruas quando se depararam com a primeira resistência organizada. Napoleão avançava à cabeça de uma companhia improvisada quando viraram numa esquina abrupta que dava para uma pequena *piazza*. Só teve tempo de registar uma linha de mosquetes apontados na sua direcção e de se atirar para o chão, antes de aqueles desaparecerem atrás de uma densa cortina de fumo e chamas. As balas passaram por eles como chicotes, derrubando vários dos seus homens. Napoleão levantou-se num ápice, estendeu a espada e gritou.

— Em frente! Em frente! Apanhem-nos!

Depois, lançou-se contra o inimigo, consciente da presença dos granadeiros atrás dele, passando por cima dos companheiros mortos, ou saltando sobre estes, enquanto corriam atrás do general. Napoleão entrou de rompante no turbilhão de fumo de pólvora e viu os vagos contornos cinzentos dos defensores à sua frente. O gume de uma baioneta trespassou a escuridão e investiu, apontado à sua cara. Napoleão arquejou roucamente enquanto esmagava a baioneta com o cabo da espada, atirando a arma para longe. De repente, um dos granadeiros colou-se-lhe ao ombro, enterrando a lâmina no ventre do inimigo e empurrando o general para trás, para o meio dos seus camaradas. Outros granadeiros passaram por ele como relâmpagos, e Napoleão aproximou-se da parede da casa, com o peito palpitante, a tentar recuperar o fôlego. Mais à frente, o combate já terminara e, quando avançou para alcançar os seus homens, passou por cima de uma dúzia de habitantes da cidade, abatidos no frenesim do massacre. Alguns estavam feridos e um deles gritava, com a mão agarrada às tripas brilhantes que lhe saíam do estômago rasgado.

Quando chegou à praça principal, Napoleão encontrou o coronel Lannes e a maior parte dos homens a formarem de novo as unidades originais, sob as ordens dos sargentos. No canto oposto da praça, encostada a uma parede da Câmara Municipal, reunira-se uma pequena multidão de prisioneiros, sob vigilância cerrada. O coronel Lannes estava a interrogar um homem alto e esguio, bem vestido, e Napoleão apressou-se a ir ao seu encontro.

— Quem é?

— É o Presidente da Câmara, senhor. Propôs a rendição da cidade. Eu disse-lhe que só depois de termos a guarnição e o capitão Linois em segurança, nas nossas mãos. Ele já enviou um homem com ordens para os libertar.

— Ótimo — replicou Napoleão, com alívio. — Então, acabou.

Virou-se para o Presidente da Câmara.

— Terá de identificar os cabecilhas desta revolta.

— Não os trairei — replicou o Presidente da Câmara, em francês.

— Veremos — disse-lhe Napoleão, secamente. — Levem-no para junto dos outros prisioneiros.

Naquele momento, ouviu-se um grito agudo, vindo de um dos lados da praça, e dois oficiais viraram-se para ver o que estava a acontecer. Numa das companhias de granadeiros, as fileiras tinham-se rompido e os homens fugiam de um edificio alto, virado para o mercado. Napoleão viu alguns indivíduos no telhado, a atirar telhas para cima dos soldados franceses. Três homens já tinham sido atingidos e, enquanto observava a cena, caiu mais uma telha, com um ruído surdo, em cima do ombro de um quarto homem, que se atirou para o chão com um grito lancinante de agonia.

— Não fiquem aí parados! Disparem contra a canalha!

O fogo dos mosquetes estalou na praça e as telhas à volta dos que se encontravam no telhado explodiram em mil fragmentos. Estes agacharam-se num segundo, evitando serem vistos. Alguns disparos depois, os granadeiros baixaram as armas.

— Tragam-me aqueles homens — ordenou Napoleão. — Podem juntar-se aos prisioneiros.

Momentos depois, a companhia com que Lannes cercara os edificios de onde os homens tinham fugido foi bombardeada por mais telhas. O exemplo fora dado, e outros habitantes da cidade acorreram aos telhados, lançando uma chuva de telhas sobre os soldados franceses. Com uma crescente frustração, Napoleão observou os feridos a serem transportados de volta à praça. Entretanto, Bourrienne e a guarda à bandeira tinham descoberto um caminho desimpedido pelas ruelas, até ao lugar onde se encontrava o general. Antes de se dirigir a este, o secretário olhou, chocado, para a quantidade de homens que jaziam nas pedras da calçada, a receber curativos para as suas feridas.

Napoleão saudou-o com um aceno e abanou a cabeça, mal-humorado.

— Meu Deus, odeio combater contra civis. Faz-me lembrar a altura em que tivemos de conter aquela rebelião em Lyon.

Bourrienne comentou com um aceno a memória daquele primeiro combate que partilhara com Napoleão, quando ainda eram jovens tenentes no regimento de La Fère. Tirando o chapéu, Napoleão limpou a testa com um lenço.

— Para a maior parte deles, isto é uma espécie de jogo. Num dia, gritam insultos aos soldados, no outro, atiram pedras e, quando disparamos, berram «massacre» e acusam-nos de cometer atrocidades. — Voltou a pôr o chapéu na cabeça e deu-lhe um jeito suplementar, para o fixar bem, como se isso pudesse protegê-lo de uma telha solta. — Estão a custar-me

demasiados homens. Chegou o momento de dar uma lição aos Italianos. Não podemos dar-nos ao luxo de que esta trapalhada se repita em todas as grandes cidades atrás das nossas linhas.

Virou-se para um sargento.

— Descubra onde está o coronel Lannes. Diga-lhe que, sempre que uma telha for atirada contra os seus homens, estes deverão entrar na casa respectiva, matar toda a gente que aí estiver dentro e deitar fogo ao prédio no final.

O sargento sorriu cruelmente, fez continência, virou-se e atravessou a praça num passo de corrida, seguindo os sons dos disparos de mosquete. Bourrienne olhou para o general com um ar circunspecto.

— Será sensato? — perguntou suavemente.

— Sensato? — Napoleão encolheu os ombros. — Acho que sim. Porquê? Está a pensar em quê?

— Estou a pensar que, se começarmos a chacinar o povo de Pavia, isso criará um padrão para o comportamento dos nossos homens. E, quando a notícia do que aqui se passou se espalhar pelas outras cidades, todos aqueles que nos aclamaram como libertadores se virarão contra nós.

— Talvez — reflectiu Napoleão. — Por outro lado, é possível argumentar que estou a salvar vidas a longo prazo. Quando as pessoas souberem do destino de Pavia, será como um balde de água fria sobre quaisquer chamuscas revolucionárias que possam arder nos seus corações. Também salvará as vidas dos nossos homens, Bourrienne, e isso é o que verdadeiramente importa, não é assim?

— Se o meu general o diz...

O combate continuou um pouco por toda a cidade, até ao início da tarde, altura em que o céu se encheu de chamuscas e de pesadas nuvens de fumo e uma mortalha de poeira cobriu Pavia. Os corpos dos que tinham sido mortos no interior dos edifícios foram arrastados para a rua e empilhados, para servirem de aviso a outros. Nenhum homem, mulher ou criança fora poupado e Bonaparte endureceu-se por dentro, perante aquele quadro, ao percorrer a cidade no final da luta.

— Só poderão culpar-se a si mesmos — protestou para Bourrienne, por entre dentes. — Se não tivessem escolhido desafiar-nos, nada disto teria acontecido. Garanto-lhe.

O coronel Lannes aguardava-os na *piazza* principal, quando Napoleão concluiu a sua revista aos postos de controlo dos granadeiros. Um pequeno grupo de soldados franceses mais velhos e de aspecto doentio estava em sentido atrás de Lannes.

— É isto a guarnição? — perguntou Napoleão.

— É sim, senhor. Estiveram presos nas masmorras por baixo da cidade durante os últimos três dias. Não lhes deram comida e abandonaram-nos no meio dos seus próprios dejectos.

— Onde está o capitão Linois?

Lannes virou-se e apontou para um homem de ombros caídos e bigode fino que estava à frente da guarnição.

— Linois! — rosnou Napoleão. — Venha cá!

— Sim, senhor.

O capitão fez continência e aproximou-se num passo estugado. Quando chegou à frente do general, Napoleão franziu o nariz ao sentir o fedor que o homem exalava.

— Linois, calcula o enorme prejuízo que trouxe à nossa causa? — O capitão baixou os olhos, e Napoleão deu-lhe um piparote na cabeça, de lado, e prosseguiu, numa voz baixa e severa. — Quando chegar às outras cidades a notícia de que uma guarnição francesa se rendeu à população local, sem disparar um único tiro, o que lhe parece que vão pensar? Como resultado da sua cobardia, terei de duplicar o tamanho das guarnições e de reforçá-las com boas tropas de combate, em vez desta miséria que o senhor liderava. Tropas com as quais eu estava a contar para derrotar os austríacos. Bem, o que tem a dizer em sua defesa, Linois?

O capitão abanou a cabeça e olhou para o general com uma expressão desolada.

— Senhor, eles apanharam-nos de surpresa. Eram centenas. O que podíamos fazer?

— Podiam ter combatido! Tão simples como isso! — Aproximando-se do capitão, deu-lhe um encontrão no peito com o braço, fazendo-o cambalear para trás. — Diabos o levem, Linois, seu sacana inútil! — Por momentos, sentiu-se à beira de uma fúria desmedida e teve de fazer um esforço para se acalmar. Respirou fundo, de narinas dilatadas. — Que farei eu de si, Linois?

Linois arregalou os olhos. Pressentiu o perigo.

— Senhor, mande-me de volta às fileiras. É o que eu mereço, no mínimo.

— Precisamente — murmurou Napoleão, entre dentes. — Pelo poder em mim investido pelo Directório e pelo Ministério da Guerra, condeno-o à morte. — Virou-se para Lannes. — Leve dez homens da guarnição. Arme-os. Serão o pelotão de execução do capitão Linois. Será executado aqui, na *piazza*, de imediato.

Linois caiu de joelhos e estendeu a mão, num gesto de súplica.

— Não, senhor! Por favor, poupe-me! Envie-me para a frente. Deixe-me morrer como um soldado!

— É demasiado tarde para isso — respondeu friamente. — Teve a sua oportunidade e provou que não era um soldado. Levem-no.

Linois articulou um gemido ténue e profundo e mordeu os lábios, enquanto dois soldados o punham de pé e o levavam — meio conduzido, meio arrastado — para a *piazza*, para junto dos outros prisioneiros. Napoleão virou-lhe as costas, enojado com aquela visão, e surpreendeu o olhar de Bourrienne. O secretário fitou-o, estupefacto, e abanou ligeiramente a cabeça.

— Questiona a minha decisão?

— Não me atreveria a fazê-lo, senhor — respondeu Bourrienne.

— Ótimo. Talvez compreendesse, se fosse um general.

— Nesse caso, agradeço a Deus não ser um general, senhor.

Por instantes, Napoleão olhou para ele fixamente e, depois, respondeu-lhe:

— Sim. Graças a Deus. Para o bem da França, pelo menos.

Os homens do pelotão de execução puseram-se em sentido, virados para o edifício da Câmara Municipal. À frente deles, o capitão Linois encostara-se à parede, com a cabeça coberta por um pedaço de serapilheira e as mãos presas atrás das costas. O corpo do capitão tremia. Napoleão esperou que ele se poupasse à indignidade de cair antes de a sentença ser executada. Então, desviou o olhar e dirigiu-se às três companhias de granadeiros ali reunidas para testemunhar a execução.

— Com a sua cobardia, este homem pôs em perigo a vida de todos os seus camaradas no Exército de Itália. A sua morte é um aviso, para todos os soldados franceses, de que a traição dos camaradas merece muito mais do que o nosso desprezo e nunca ficará impune! Contem a todos os soldados que encontrarem o que aqui testemunharam hoje, para que não haja dúvidas quanto ao destino reservado aos que falham perante a França, falham perante os seus camaradas e falham no próprio cumprimento do seu dever de soldados! Coronel Lannes, execute a sentença.

Napoleão desviou-se para o lado, e Lannes empunhou a espada, ergueu-a acima da cabeça e vociferou as suas ordens.

— Pelotão de execução... Apresentar armas! Apontar!

Ouviu-se o último soluço de Linois, um terrível ruído animal que lhe saía do fundo do peito, e Lannes baixou a espada.

— Fogo!

A rajada trovejou, ecoando para lá dos altos muros da Câmara Municipal, e as balas dos mosquetes crivaram-se no capitão Linois, fixando-o na parede até o seu corpo cair para o lado, estremecer uma última vez e parar. O coronel Lannes caminhou em passo de marcha, rígido, até ao seu comandante.

— A sentença foi executada. Quais são as suas ordens, senhor?

Napoleão respirou fundo para dar força à sua resolução. A missão em Pavia ainda não terminara. Faltava cumprir uma última tarefa. Apon-tou para os prisioneiros do outro lado da *piazza*.

— Enforcuem-nos. A todos.

Pelo rosto de Lannes, passou uma quase imperceptível sombra de surpresa, antes de se virar, com um aceno solene, para cumprir as suas ordens.

Quando saíram de Pavia, no final da tarde, um sentimento de sujeição dominava o estado de espírito dos granadeiros. Napoleão não queria ficar naquela cidade devastada durante a noite e decidiu que só deixaria os homens descansar quando já estivessem a alguma distância da cena. Foram usadas várias carroças para transportar os feridos, bem como os corpos dos camaradas que tinham morrido. Napoleão não quisera enter-rá-los num lugar onde o povo da cidade pudesse profanar as sepulturas. Ser-lhes-iam prestadas honras militares pelo exército, assim que a coluna chegasse a Brescia.

Atrás deles, Pavia jazia na sua mortalha de fumo, quieta e silenciosa, como uma cidade fantasma. Napoleão puxou as rédeas e observou a paisagem, sentindo frio e cansaço. Por momentos, desejou ter uma vida diferente ou, pelo menos, um período de descanso arredado dos actos monstruosos que fora obrigado a executar. Depois, virou o cavalo para longe da cidade e avançou a trote, para ocupar o seu lugar à testa da coluna.

CAPÍTULO 19

Assim que chegou ao quartel-general do exército, no paço episcopal, em Brescia, Napoleão ditou uma carta que circularia por todas as vilas e cidades existentes entre o seu exército e a fronteira com a França. Não seriam admitidas mais insurreições. Se algum soldado francês fosse morto, a vila ou cidade mais próxima seria reduzida a cinzas, e todos os homens apanhados com armas seriam fuzilados. Bourrienne tomou nota das suas palavras em silêncio e, quando o comandante terminou, levantou-se da cadeira e saiu da sala com uma vénia muito formal. Napoleão apoiou a cabeça nas mãos e fitou a parede à sua frente enquanto imagens do ataque punitivo a Pavia lhe invadiam o pensamento. A execução de civis não era um novo requinte de crueldade, apenas uma componente inevitável do cenário de guerra. O desagrado de Bourrienne perante as medidas que se sentira obrigado a tomar em Pavia era um sentimento deslocado, tranquilizou-se.

Levantando a cabeça, pegou numa folha de papel em branco. Abriu

um tinteiro, mergulhou nele a sua pena e escreveu as palavras introdutórias de uma nova carta, palavras que já escrevera cem vezes antes, mas que ainda lhe provocavam um estremecimento quando as via nascer do seu próprio punho e fixarem-se na página.

Querida Josefina.

Ainda o maravilhava que ela tivesse aceitado ser sua mulher e o desejo familiar de se abandonar nos seus braços tornou a inflamar-lhe o sangue de paixão. Preparou a pena, com vontade de explodir nesse fluxo de palavras apaixonadas que jorravam em torrente sempre que escrevia a Josefina. Mas, naquela noite, as palavras não vinham. Tinha a cabeça demasiado cheia e ocupada com as exigências inerentes ao comando do Exército de Itália. Por momentos, deteve-se e pousou a pena, com vontade de libertar-se de todas as preocupações que o atormentavam. O modo criminoso como o Directório negligenciava os seus soldados: uniformes em farrapos, botas desfeitas pelo uso, estômagos tantas vezes vazios e soldos em atraso há já vários meses. Depois,urgia concluir a guerra com o exército austríaco e esmagá-lo, mas Napoleão era constantemente frustrado pela recusa do inimigo em fazer-lhes frente e lutar. E ainda teria de lidar com a possibilidade de partilhar o comando do seu exército com Kellermann. Se Barras e os outros membros do Directório não voltassem atrás na sua decisão, Napoleão deixaria de ser objecto da admiração pública. O Exército de Itália perderia certamente a dianteira na guerra contra a Áustria, enquanto os dois generais se debatiam com a necessidade de coordenar forças separadas e enfraquecidas contra um inimigo que já os suplantava em número, mesmo antes de uma nova vaga de homens vir reforçar as suas fileiras. Napoleão queria desesperadamente confiar tudo aquilo a Josefina, mas não se atreveria a fazê-lo. Todos os tormentos da vida militar pareceriam certamente obscuros e maçadores aos ouvidos de alguém que se movia nas mais altas esferas de Paris. Temia que ela o achasse enfadonho. As únicas palavras que estava convencido de que lhe agradavam eram palavras de amor.

Josefina.

Era, de facto, a primeira mulher que ele tinha amado. Naturalmente, conhecera outras antes dela. Mulheres que lhe tinham satisfeito os desejos do corpo, ou que tinham sido objecto de uma veneração juvenil, quando, como todos os rapazes, sentira a necessidade premente de praticar o seu amor e de ser também amado por alguém cujo afecto não decorria de laços familiares. Com Josefina, aprendera a apreciar os prazeres da carne sem vergonha ou embaraço. Por isso, fora fácil render-se à torrente de sentimentos: paixão, solidão, esperança, antecipação e mesmo, por vezes, ciúme, quando recebia uma das suas raras cartas e nela se deparava com a

mais ténue simpatia de Josefina por um outro homem. Destes sentimentos, as palavras nasciam prontamente, escrevendo-se tão depressa quanto a sua pena o permitia, cruas e intensas.

Naquela noite, no entanto, sentia-se demasiado cansado, demasiado consumido, e as expressões habituais de um amante ardente pareciam-lhe insípidas e insuficientes. Já não o apaziguava passar as suas emoções para o papel. Precisava de Josefina ali, naquele instante. Mergulhando a pena no tinteiro, Napoleão escreveu-lhe um bilhete brusco, perguntando-lhe por que razão não recebia notícias suas há vários dias. Se o amasse de verdade, escreveu, faria tudo o que estivesse ao seu alcance para estar ao seu lado sem demoras, e era isso que ele esperava dela. Assinou a carta, com uma expressão de afecto burocrática. Depois, dobrou a folha e selou-a, atirando-a para junto da outra correspondência que seria enviada para Paris, na manhã seguinte.

Nesse dia, Napoleão levantou-se cedo para ler os últimos relatórios dos serviços de informação. Os austríacos tinham estabelecido uma nova linha de defesa, que se estendia para sul, do Lago Garda até à cidade fortificada de Mântua. Como sempre, a chave para expulsar o inimigo da Itália era conquistar Mântua, mas para isso era necessário separar a fortaleza do resto do exército austríaco. Na reunião dessa manhã, Napoleão descreveu as linhas gerais do seu plano.

— Temos de tomar Mântua antes do final do ano. Assim que tivermos Mântua, a Áustria não terá hipóteses deste lado dos Alpes — começou por dizer. — Por isso, é fundamental forçar a travessia do rio Mincio e empurrar Beaulieu para norte, para longe de Mântua, que será cercada por Serurier.

Berthier arqueou as sobranceiras.

— Não concorda com o meu plano, Berthier? — perguntou-lhe bruscamente.

— Não, general, é um plano bastante sólido, se conseguirmos atravessar o rio. Onde tenciona fazer a travessia?

— Em Valeggio.

— Mas isso fica no centro da frente de Beaulieu. O inimigo ficará em posição de atingir ambos os flancos, mesmo se conseguirmos forçar a travessia.

— É por isso que temos de obrigá-lo a esticar as suas linhas de defesa até ao ponto da ruptura. — Napoleão sorriu. — Augereau levará a sua divisão para a margem ocidental do Lago Garda. Terá de fazer um grande estardalhaço, para que Beaulieu se aperceba dos seus movimentos. Beaulieu verá que se trata de uma ameaça para as suas linhas de reabastecimento

e será obrigado a deslocar o peso para norte, para fazer frente à ameaça. Assim que o fizer, atravessaremos o rio.

— E se ele não morder o isco, senhor? — perguntou Berthier.

— Nesse caso, a divisão de Augereau marchará para leste, para interromper as linhas de reabastecimento de Beaulieu. Em qualquer dos casos, será forçado a reagir e a deslocar forças para o flanco direito. Depois, atravessaremos o Mincio.

— Mas Mântua ainda fica por resolver, senhor — assinalou Junot. — Não possuímos nenhuma artilharia de cerco no exército. Teremos de obrigá-los a renderem-se pela fome.

— É muito provável — concedeu Napoleão. — Mas, se o Directório não nos fornecer artilharia de cerco, recorreremos a uma outra fonte. Suponho que os exércitos dos Estados Pontifícios possuem uma mais do que satisfatória reserva de artilharia pesada. Tenho a certeza de que Sua Santidade terá todo o gosto em separar-se dela e fazer-nos uma doação decente, em troca da paz com a França.

— Chantagem — murmurou Berthier, por entre dentes. — Como é que podemos ter a certeza de que vai funcionar? E se o Papa decidir entrar em guerra? E se o Rei de Nápoles se aliar ao Papa? Ficaremos encurralados entre eles e os austríacos. Não será uma boa posição, meu general.

— Não é mais perigosa do que ser apanhado entre um homem velho e um homem fraco — retorquiu Napoleão. — Confie em mim. O Papa é uma pessoa realista. Mesmo tendo Deus do seu lado, sabe que as vitórias pertencem geralmente aos maiores batalhões. Dar-nos-á aquilo que queremos.

— E se não der?

— Então, que Deus tenha piedade dele, porque eu não terei.

Assim que o Exército de Itália assumiu a sua posição entre o exército austríaco e a fortaleza de Mântua, Napoleão centrou-se nesta última, enquanto a Itália se refastelava no Sol quente do Verão. Ao mesmo tempo que as tropas francesas cercavam a fortaleza, o general e o seu estado-maior observavam o procedimento do cimo de uma torre de vigia, na mansão de um banqueiro veneziano. O dia estava quente e abafado e a subida do estreito lance de escadas pusera-os a suar por baixo dos uniformes. Das ameias decorativas da torre, os oficiais conseguiam ver as fortificações exteriores de Mântua e, com a ajuda de óculos, examinar as defesas da cidade. Napoleão observou a guarda-avançada francesa a marchar ao longo de um dos diques que partiam da cidade fortificada. Mântua fora construída no meio de três lagos, a norte. A sul, protegia-a uma vasta rede de pântanos. Os cinco diques eram o único meio de acesso à cidade e estavam protegidos por im-

ponentes bastiões. Atrás dos seus fossos e muralhas, centenas de canhões dominavam as estradas que se estendiam sobre os diques.

Napoleão baixou o óculo e fechou-o bruscamente.

— Receio que não seja uma tarefa fácil. — Virou-se para trás, à procura do general Serurier. — A missão é sua, Serurier. Não é possível tomar a cidade num ataque frontal. Não, enquanto as defesas não tiverem sido demolidas. E isso só poderá ser feito quando tivermos assegurado a artilharia de cerco. As suas ordens são conter o avanço austríaco. Nada mais. Pelo menos até eu lhe enviar reforços. Percebeu bem?

Serurier confirmou com um aceno.

— Sim, general. Quando é que posso esperar ter as armas e os homens?

— Agora que chegámos a um acordo com o Papa, devem estar a caminho, mais dia, menos dia.

Napoleão sorriu ao pensar nisso. O seu representante, Saliceti, fora eficiente nas negociações. Todos os presos políticos, muitos deles simpatizantes da república francesa, seriam libertados. Os portos dos Estados Pontifícios fechar-se-iam a todos os inimigos da França, e o Papa fora persuadido a oferecer à república francesa uma doação no valor de mais de quinze milhões de francos em moeda e cinco milhões em provisões. Quando a notícia do acordo chegasse a Paris, os membros do Directório abandonariam certamente essa ideia estouvada de dividir o comando do Exército de Itália, reflectiu com cinismo. O dinheiro não falava — gritava — e seria um advogado muito mais eloquente e persuasivo da sua causa do que qualquer argumento que ele pudesse apresentar em sua defesa.

De importância mais imediata, os exércitos pontifícios tinham fornecido suficiente artilharia pesada para montar uma artilharia de cerco com mais poder militar do que seria necessário para esmagar as defesas de Mântua. Nesse preciso momento, Junot estava em Roma a mobilizar os condutores e animais de tiro imprescindíveis para rebocar as armas para norte, até Mântua. Quando estivessem em posição, seria apenas uma questão de tempo até o exército francês entrar à força, ou a guarnição austríaca se render por carência de alimentos.

— Serurier, já tem as suas ordens. Estabeleça as suas linhas com cuidado. Não deixe ninguém entrar nem sair de Mântua.

— Sim, senhor.

— Meus senhores, quando Mântua cair, centraremos toda a nossa força nos austríacos e obrigá-los-emos a recuar para o outro lado dos Alpes. Podem passar a notícia a todos os oficiais e soldados do exército. Digam-lhes que o general lhes dá a sua palavra de que todos os seus esforços serão recompensados antes de o ano acabar.

O estado-maior começou a dispersar-se. Alguns continuaram a espiar as defesas, outros dirigiram-se às escadas em caracol, passando por um sargento que acabara de subir e se encostara à parede, com deferência, enquanto os oficiais, a custo, passavam por ele. Com um andar resolutivo, este dirigiu-se a Napoleão, ofegante e encalorado.

— Uma mensagem para si, senhor. De Milão.

Napoleão pegou na carta e quebrou o lacre. O general Despinóis tinha o prazer de informar o comandante do Exército de Itália que a guarnição austríaca da cidadela se rendera finalmente. Os canhões que dominavam a cidade de Milão eram agora comandados por tropas francesas. Já não se colocava sequer a hipótese de mais rebeliões da parte do povo de Milão. Bonaparte acenou, satisfeito, antes de passar os olhos pelo parágrafo curto que concluía a missiva.

Tenho o prazer de informá-lo que a sua mulher e respectivos filhos e acompanhantes chegaram a Milão no dia da rendição. Já foram confortavelmente instalados, e a senhora Bonaparte implorou-me que lhe dissesse que lhe despedaçaria o coração se não viesse ter com ela a Milão sem mais demoras.

Napoleão leu aquelas palavras uma e outra vez, e sempre que o fazia era como se lhe tirassem um peso dos ombros. Por fim, baixou o bilhete e virou-se para Berthier, com os olhos a brilhar de excitação.

— Prepare o meu cavalo e a minha escolta. Parto para Milão de imediato!

CAPÍTULO 20

Josefina arqueou as costas e puxou-o para si enquanto Napoleão gemia, com o corpo a vibrar ao aproximar-se do clímax. Encostando-se ao corpo dela, deixou-se estar aí até o momento passar. Depois, penetrou-a mais fundo, arquejando, com o coração a bater mais depressa e a respiração acelerada e desigual devido ao esforço. Com delicadeza, Josefina pousou o braço sobre o seu ombro suado e beijou-lhe o cimo da cabeça.

— Valeu a pena esperar? — sussurrou-lhe, abraçando-o.

— O quê? — murmurou, sonolento, ainda embalado pela alegria cávida daquele encontro. — O que disseste?

— Valeu a pena esperar? Interrogava-me, depois de todas as cartas que me escreveste... Um marido apaixonado... No papel. Perguntava-me se sentirias o mesmo aqui, em carne e osso.

Napoleão soergueu-se, apoiado num cotovelo, e olhou para baixo, fitando-a com um sorriso malicioso.

— O que te parece? Não houve um único dia em que não tivesse imaginado este momento. Voltarmos a estar juntos, a fazer amor, como agora. Sinto-me outra vez inteiro. — A sua expressão tornou-se séria. — Josefina, tu és o mundo para mim. Não há nenhuma outra mulher que me faça sentir como tu. Adoro cada pedacinho de ti.

A sua mão rodeou-lhe o mamilo, e ele encostou o rosto ao bico do peito, saboreando a sensação de uma dureza a germinar nos seus lábios.

— Oh, tenho a certeza que dizes o mesmo a todas as tuas mulheres!

Napoleão rolou para longe dela e franziu o sobrolho.

— Não há mais nenhuma mulher. Juro pela minha vida.

— Claro que não. — Josefina afagou-lhe o queixo com a mão e deu-lhe um beijo rápido. — Mas não te levaria a mal se houvesse. Do que sei dos soldados, é uma coisa que faz parte do vosso estilo de vida. Uma mulher em casa, e conquistas de várias naturezas quando estão em campanha. E a tua campanha tem sido um êxito, meu querido. És a grande celebridade de Paris.

Napoleão ignorou o comentário lisonjeiro.

— Juro que não houve mais ninguém.

— Se assim o dizes. — Ela encolheu os ombros. — Tudo o que estou a dizer é que não me importaria se tivesse havido, no que diz respeito a isto. — Esticou o braço e deu-lhe um delicado puxão no pénis. — Desde que o teu coração seja meu.

— O meu coração, o meu corpo e a minha alma... — segredou-lhe Napoleão, e um pensamento sombrio formou-se na sua consciência, semeando o medo e a incerteza. — E tu, tens-me sido fiel, Josefina?

Seguiu-se um pequeno silêncio, antes de ela responder.

— Claro que tenho. Por quem me tomas? Uma das pégas baratas que o exército te arranja?

— Sê honesta comigo. Diz-me a verdade.

— Estou a dizer-te a verdade.

— Pela tua vida, jura-o.

— Não vou jurar, Napoleão. Ou confias em mim, ou não confias. Que diferença faria jurar pela minha vida? Já te disse que tenho sido fiel. Isso devia ser suficiente se me amas de verdade, como dizes.

Napoleão fitou-a um instante, olhando para o fundo dos seus olhos, em busca do mais ínfimo sinal de traição. Depois, rolou para o lado e ficou deitado de costas, fechando os olhos.

— Se eu pensasse que me eras infiel, Josefina, isso partia-me o coração. Não seria capaz de continuar. Não conseguiria viver sabendo que ou-